REVISTA DA SEMANA

Nº 32 ★ 12-8-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL

NO TEXTO: A GUERRA NA CORÉIA DESTRUIRÁ A CORTINA DE FERRO?

AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFERTAS

CASAS ROULIEN

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata, com gravação de um verso religioso.

TODOS OS NOSSOS ARTIGOS SÃO RIGOROSAMENTE SELECIONADOS E GARANTIDOS NA SUA QUALIDADE.

Remessas rapidas por via aérea, sem despezas para o comprador

Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950, por preçode reclame.

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos junto ao pedido, uma pulseira folheada para Senhora. Façam seus pedidos a nossa Casa, e ganhem este lindo presente.

2110 - LINDO relógio para Senhora, Suiço, Ancora, 15 rubis, folheado a ouro, vidro lente alto e abaulado. Um relógio muito durável, junto ao qual enviaremos certificado de garantia. Cr$ 435,00

2170 MARAVILHO RELOGIO, AUTOMATICO WHITE STAR, Suiço, ANCORA, 17 rubis, folheado inalteravel, fundo de aço inoxidavel e de absoluta precisão, com pulseira tambem folheada a ouro 18 quilates. Da corda com a propria pulsação Cr$ 890,00

2100 - DISTINTO óculos tipo RAY-BAM, com áro dourado ou cromado, com vidro verde. Cr$ 67,00

2099 - ELEGANTE óculos sem áro, com armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça. Cr$ 120,00

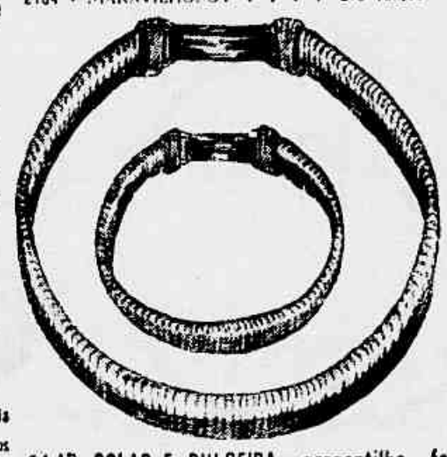
LINDOS COLARES DE OURO 18 QUILATES

2161 - CORRENTE . . . . . Cr$ 96,00

2167 DESLUMBRANTE . . . . Cr$ 152,00

2163 - GRACIOSO (Fio Torcido). . Cr$ 162,00

2164 - MARAVILHOSO. . . . . Cr$ 152,00



2143 - COLAR E PULSEIRA, gargantilha, fabricação Suiça, dourado inalteravel, GRANDE MODA. Duas peças ao preço de uma. Cr$ 108,00.

MEDIDAS PARA ANEIS E ALIANÇAS

Depois de haver tomado a medida do dedo, junte de um papel estreito, cordão ou arame a outra por envie juntamente ao seu pedido.

214B - ALIANÇAS DE OURO 18 QUILATES, com polimento de excelente qualidade.
Uma . . . . . Cr$
Par . . . . . Cr$
Envie-nos a medida do dedo.

2151 - DISTINTO anel em ouro 18 quilates, com cravação de rubi de excepcional brilho e perfeita lapidação. Cr$ 240,00
Envie-nos a medida do dedo

2178 - ANEL em prata de lei com a estrêla da República em ouro 18 quilates. Envie-nos a medida do dedo, em papel estreito, unindo as pontas. Cr$ 56,00

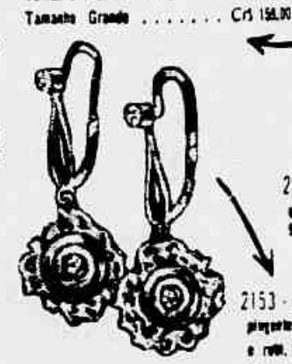
2149 - GRANDE RECLAME. Distinto anel em ouro 18 quilates, com cravação de rubi. Cr$ 135,00. Envie-nos a medida do dedo.

2150 - MARAVILHOSO Anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excepcional brilho. Uma linda jóia Cr$ 285,00
Envie-nos medida do dedo.

2152 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com cravação de rubi e safiras. APROVEITEM - Cr$ 138,00
Envie-nos a medida do dedo.

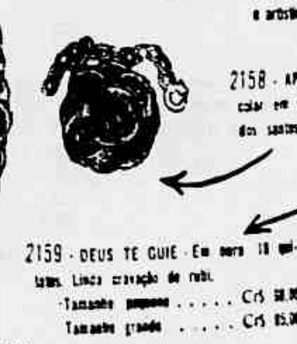
2156 - BRINCOS CORAÇÃO, em ouro 18 quilates, com cravação de rubi
ARTÍSTICO ACABAMENTO - Cr$ 122,00

2157 - BRINCOS AFRICANA. Em ouro 18 quilates
Tamanho pequeno . . . . . Cr$ 98,00
Tamanho Médio . . . . . Cr$ 120,00
Tamanho Grande . . . . . Cr$ 150,00



2151 - BRINCOS de bola em ouro 18 quilates, tamanho grande Cr$ 72,00
91155 Tamanho pequeno Cr$ 56,00

2153 - DESLUMBRANTE par de brincos pingentes em ouro 18 quilates, com safira e rubi, de excepcional brilho. Uma graciosa e artística jóia. Cr$ 198,00



2158 - APROVEITEM. Original colar e colar em ouro 18 quilates, com os pingentes dos santos mais conhecidos. Cr$

2159 - DEUS TE GUIE - Em ouro 18 quilates. Linda cravação de rubi.
Tamanho pequeno . . . . . Cr$ 58,00
Tamanho grande . . . . . Cr$ 85,00

2179 - LINDA medalha em ouro 18 quilates com as imagens dos santos mais conhecidos popularis (Santos dos dois lados) Cr$ 55,00

2160 GLORIOSO SÃO JORGE em ouro 18 quilates.
Tamanho pequeno . . . . Cr$ 88,00
Tamanho grande . . . . Cr$ 188,00

2180 - ORIGINAL pulseira para relógio de Senhora folheada a ouro 18 quilates, garantida e linda confecção. Embeleze o seu relógio, com esta pulseira. Cr$ 128,00

2111 - MARAVILHOSO relogio para Senhora, SUIÇO, Ancora, 15 rubis, vidro alto, lente abaulada, folheado a ouro 18 quilates, com pulseira tambem folheada.
Um relogio de grande durabilidade, junto ao qual, enviaremos cervificado de garantia. Cr$ 495,00

2139 - DISTINTO relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ 196,00.

2174 - PARAFLEX, oculos ultra modernos, com lentes extras de materia plastica. Armações nas côres branca, preta ou azul com lindos bordados dourados. Segue um util estojo. Não confundir com imitações. Cr$ 88,00

2165 - AUTOMATICO WHITE STAR, Suiço, Ancora, 17 rubis, folheado, fundo de aço e de absoluta precisão. Enviamos certificado de garantia. Cr$ 790,00

2171 - LINDO relogio ANCORA, 15 rubis, folheado, antimagnetico e extra-fino, absoluta precisão. Enviamos certificado de garantia. Cr$ 495,00

2175 ELEGANTE oculos sem aro, com armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça. Cr$ 95,00

2107 - MARAVILHOSA caneta tinteiro, Norte-Americana com parte superior e pena folheada a ouro, imitando a melhor caneta Norte-Americana. Uma caneta de grande venda, devido a sua durabilidade. Cr$ 39,00.

2166 - SENSACIONAL relógio de absoluta precisão, Suiço, Ancora, 15 rubis, cromado, caixa extra-fina, com pulseira de aço cromado. Enviamos certificado de garantia. Cr$ 340,00

2172 - GRANDE RECLAME. Relógio de bôlso, máquina forte, Suiço, niquelado. Cr$ 83,00
DOURADO Cr$ 95,00

2108 - Valiosa pulseira
Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno. Mantem o brilho inalteravel à perfeita aparência de legitimo ouro.
Com cinco voltas . . . . . Cr$ 295,00

2167 - DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada, de primeirissima qualidade Cr$ 95,00

2168 - MAGNIFICA e moderna pulseira para relógio, extensiva, folheada, grande durabilidade e finissimo acabamento. Cr$ 90,00

2144 - DESPERTADOR SUIÇO, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão Cr$ 128,00

2137 - MARAVILHOSA PULSEIRA Bracelete para Senhora, folheado a ouro, com cravação de linda agua-marinha, em artistica lapidação. MAIS BONITA DO QUE DEMONSTRA A FIGURA. Cr$ 255,00.

2145 - DESLUMBRANTE E ORIGINAL conjunto de pulseira e colar, folheado a ouro. Mantem inalteravel a perfeita aparencia de ouro legitimo. A pulseira tem um trevo da felicidade, um coração e dois circulos, sendo um giratorio, com as seguintes palavras I LOVE YU.
Conjunto 2 peças . . . . . Cr$ 278,00
2146 - O Colar . . . . . Cr$ 152,00
2147 - A PULSEIRA. . . . . Cr$ 138,00

2169 - BELISSIMA pulseira para relogio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptavel a qualquer tipo de relogio. Mantem o brilho inalteravel. Cr$ 155,00

COLARES DE PEROLA Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com otimo fechode segurança, cravejado com lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalteravel. BELEZA e distinção de perolas legitimas. Não confundir com imitações de qualidades inferiores.

2140 - com uma volta Cr$ 48,00

2141 - com duas voltas Cr$ 96,00

2142 - com três voltas Cr$ 146,00

As CASAS ROULIEN Garantem aos seus fregueses, preços minimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. PEDIDOS AS CASAS ROULIEN Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 - 1.° e 2.° Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo há mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos.

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES. COM INUMEROS ARTIGOS

Margaret conquistou o coração do mundo

SUA personalidade impressiona à primeira vista. Possui atitudes de uma desenvoltura irrequieta e elegante, tem gestos delicados de menina e moça. Seus olhos, de um azul puríssimo, traduzem tôda a suavidade da poesia nórdica. Onde quer que esteja, Margaret faz-se admirar pela sua mocidade primaveril. Através do castelo de Windsor reflete-se a grandeza do passado vitoriano. E' o passado heroico e opulento da Grã-Bretanha, com as suas tradições seculares, com os seus costumes eternos. A princesa Margaret, no entanto, escapa ao rigorismo dos tempos, foge à trajetória palmilhada pelos seus ilustres avoengos. Aquêles grandes salões, rememorando a epopéia, o poder, o prestígio, causam-lhe uma sensação de desencanto. Não poderia admitir os ambientes escuros, cheios de sombra, por onde deslizaram, outrora, estranhas silhuetas de reis e imperadores, de duques e barões, atormentados e soturnos, revivescendo as personagens de Victor Hugo em "O homem que ri".

Margaret traz na alma o calor dos versos de Byron, a mocidade exuberante das heroínas de Walter Scott. A nostalgia do céu da Inglaterra não perturba a sua alegria perene, onde há vislumbres de cristais feridos pela luz solar, ou sonhos de castelãs medievas tecidos nas fantasias de Grieg.

Última expressão da nobreza, cuja suntuosidade a pouco e pouco se afoga na vertigem dos tempos novos, a Princesa Margaret é tudo aquilo que o nosso romantismo ainda pode aspirar no mundo da aristocracia. E contudo nenhuma outra princesa pôde afastar-se tanto do formalismo palaciano como essa atraente figura da dinastia britânica, Margaret, que completa vinte anos de idade a 21 do corrente, foi desde cedo uma rebelada contra o protocolo aristocrático. Provàvelmente surge desta circunstância a sua grande popularidade. Aliás, é de justiça dizer que tôda a família real inglêsa dispõe das simpatias do público e até dos próprios partidos políticos da esquerda. Onde quer que apareça, aí estará a demonstração de agrado e de admiração.

Observa-se, todavia, que essa admiração comum dirige-se de modo particular à Princesa Margaret. Sua vivacidade, sua alegria, seus gostos simples possuem uma atração irresistível. Ela passeia, freqüenta os "night-clubs", aprecia a música popular, dança, diverte-se, faz-se amiga de ricos e pobres.

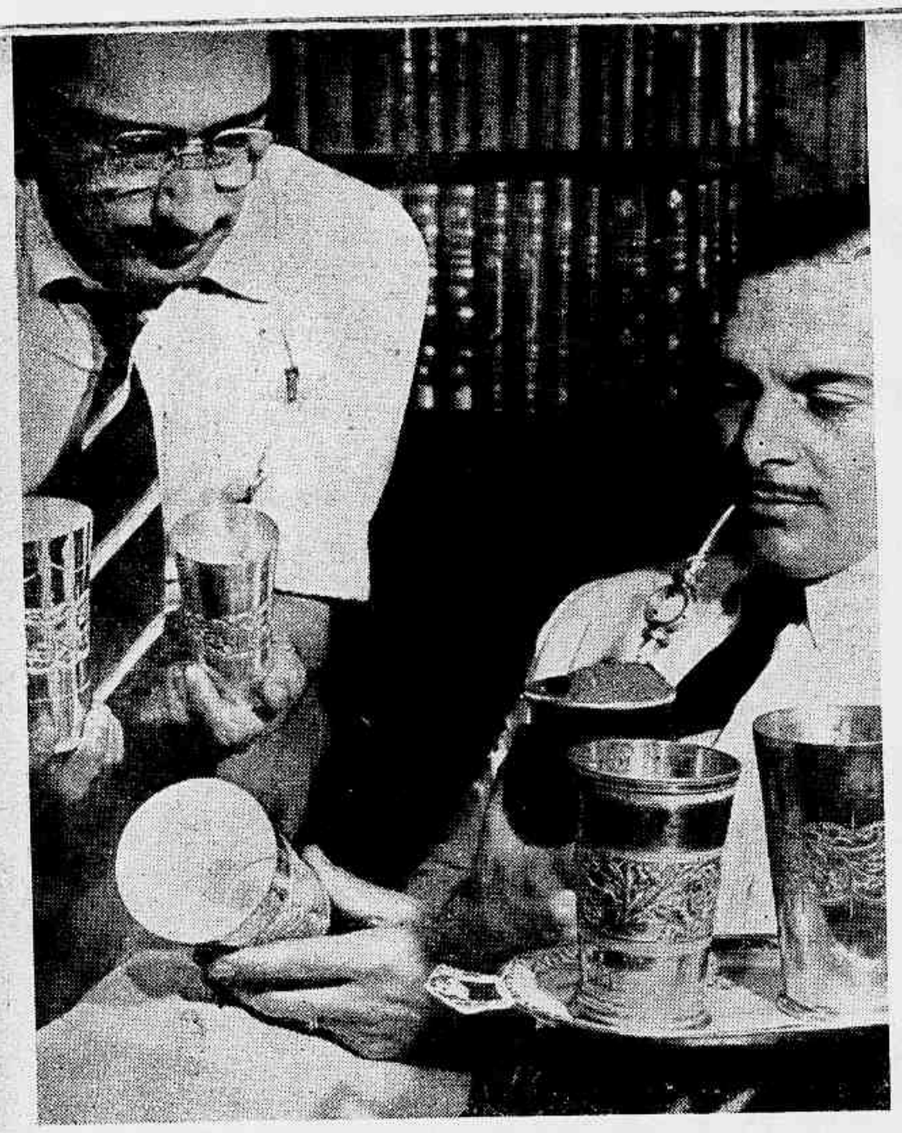
"Não é de surpreender — diz o ilustre publicista Robert Coughlan — que o constante bom-humor da Princesa Margaret se tenha tornado assunto obrigatório na Inglaterra. Se houvesse um plebiscito, os que, sem reserva, são a favor da Princesa sairiam ganhando, pois tal grupo é constituído pela grande massa de trabalhadores".

PRINCESA MARGARET

"Margaret — continua o cronista — projeta romantismo, graça e leveza de espírito no monótono cenário nacional, e, se algumas vêzes se mostra um pouquinho mais ousada e apimentada, tanto mais atraente se torna para a massa popular.

O centro dessa pequena comoção tem pouco mais de metro e meio de altura, 58 centímetros de cintura, 84 de busto e dois grandes olhos azuis, atraentes e quase sempre brejeiros. E', na verdade, muito atraente, e, comparada com as princesas em geral, pode-se dizer que é bonita. Do lado materno da família, os Bowes-Lyons, herdou uma tez que é um verdadeiro botão-de-rosa. Pinta os lábios e os olhos, mas usa muito pouco "rouge" e pó-de-arroz". Viajando através de vários países da Europa, da África e da Ásia, a Princesa Margaret tornou-se de modo indireto uma embaixatriz da crescente aliança britânica com os povos que visitou. Sua estada na Itália marcou um acontecimento de grande significação social. Penetrando no Vaticano, onde fôra recebida pelo Papa Pio XII, dera uma grande prova de indiferença às rivalidades ideológicas, de vez que a Inglaterra é o reduto máximo do Protestantismo. Pisou as naves da Igreja de São Pedro não como uma inimiga. Deixara um raio de claridade por onde passara. Tivera os sorrisos das multidões, os aplausos das classes proletárias. Ao regressar à velha Inglaterra, sobrava-lhe a satisfação de haver conquistado para a sua Pátria as maiores glórias do mundo, que são as glórias do coração. Margaret, no dizer dos cronistas, possui um temperamento literalmente oposto ao da Princesa Elizabeth. Ambas despertam grandes simpatias, atráem a atenção de tôdas as classes sociais. Mas divergem nas aspirações, nos gostos. O mundo se lhes apresenta sob ângulos diferentes. A Princesa Elizabeth é tímida, comedida; suas atitudes têm uma parcela de reserva, seu rosto tranquilo resguarda traços de leve melancolia. Bela, sem dúvida, na sua aparência fria, de uma dignidade helênica, ela se impõe à nossa vista, à nossa atenção. Assim, colocada ao lado da Princesa Margaret, o contraste logo se evidencia. Se uma é de espírito jovial, a outra é de espírito retraído. Ambas se revestem de todo o esplendor da mocidade, podem sentir tôda a grandeza da vida. Mas, separadas, vêem as mesmas côres sob prismas diferentes. Margaret é de natureza afetiva — diz Robert Coughlan — adora os pais sem reservas e êles, em troca, estão inclinados a deixá-la fazer o que quiser, tornando-a, talvez, uma mimada. Se, como querem alguns, Margaret levasse uma sovazinha, não seria o pai quem aplicaria o castigo. Quando ela chega à casa tarde da noite, êle fica zangado. Ela, porém, num instante consegue fazer-lhe voltar o bom-humor. Embora seja muito sizudo, é êle quem mais se delicia com as traquinadas de Margaret. Em pleno estuar de sua mocidade, a Princesa Margaret ainda não se decidiu ao casamento. Talvez ria de seus numerosos pretendentes, segura de que a vida é a liberdade e de que o amor é aquêle "pássaro branco" de que fala o poeta, voando sempre alto, rumo ao sol...

WENCESLAU ROSA



OBRAS DE FINO LAVOR feitas de prata pelos artífices do Rio G. do Sul (Coleção Tancredo Vidal, Pôrto Alegre)

A PRATARIA GAÚCHA

Texto de CARLOS GALVÃO KREBS ★ Fotos de JÚLIO VERNE BRODBECK

DESDE guri andei com a cuia na mão. Primeiro, como enchedor de mate para os graúdos de casa. Depois, como inveterado tomador de chimarrão, essa infusão verde que sai das fôlhas da "ilex paraguayensis" no dizer dos cientistas. Mas isso é título nobiliárquico. Prefiro tratá-la por erva-mate, ou simplesmente erva. Pois a cuia de gaúcho que se preza, com algumas posses, nunca deixa de ter bocal de prata lavrada. De prata também é a bomba, pela qual se sorve o mate. De prata ainda são os metais de apêro, conjunto de peças de couro cru, compreendendo as rédeas, a cabeçada do freio, o buçal, etc. De prata lavrada é a cabeça do serigote, o arreio elegante do gaúcho de qualidade, os estribos, as esporas. De prata, e bem lavrada, a fivela do cinto largo, da guaiaca. De prata lavrada a bainha e o cabo da faca, de que o gaúcho jamais se desfaz... A prataria foi sempre o luxo campeiro, já se vê. Freqüentemente, a prata se mistura com o ouro, dando belos efeitos decorativos.

Apesar de tudo isto nunca encontrei um artista, um historiador, um repórter que tivesse abordado o assunto mais demoradamente. Só em data recente, em "Província de São Pedro", a notável revista de cultura criada por Moysés Vellinho, o sr. De Paranhos Antunes publicou excelente trabalho a respeito.

Na Bahia, o tocheiro de prata merece horas atentas de parte dos especialistas da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. E as honras de fotografias, descrição minuciosa a ficha surpreendentemente bem redigida, compreendendo desde a citação bibliográfica até a avaliação, sem esquecer a identificação do contraste, é claro. Em que o tocheiro é mais nacional ou mais interessante do que os belos trabalhos dos prateiros sulinos? Pelo contrário, a generalidade das banquetas antigas é obra puramente portuguêsa. A prataria gaúcha, muito mais brasileira, até hoje é ignorada no Brasil. Sem dúvida se filia à cultura lusitana, que dela herdamos a técnica do lavor e talvez a maioria dos motivos ornamentais, ainda não estudados por ninguém. No mais, é exclusiva manifestação artística do Rio Grande do Sul, dentro do Brasil.

Mas, se a nosso ver a prataria gaúcha tem clara origem portuguêsa, é com surprêsa que verificamos não terem os luso-brasileiros mantido a tradição sòzinhos. E' preciso recordar que desde 1824 já estavam no Rio Grande do Sul os colonos alemães, todos êles senhores de ofício quando não agricultores. Em 1857, só na vila de São Leopoldo, que foi a célula-mater da colonização germânica no Estado, só em São Leopoldo se contavam 160 pessoas ocupadas ùnicamente na produção de lombilhos e seus pertences, mais oito ourives e dois abridores em prata e ouro. Tudo me faz crer que a arte dos prateiros gaúchos atingiu o apogeu lá pelos fins do século passado. A partir de 1900 começou o declínio. Pois quem era e quem é, desde o apogeu até o presente, a maior parte dos nossos afamados prateiros, os mais afreguesados entre a gauchada da campanha? Eram Nicolau Thiss ou Thyss, Henrique Niederauer, o velho Mergener e seus filhos, Kesser ou Kessler, Nadler, Emilio e Avelino Jacobus, Alberto Müller, Júlio Lau, Pockmann, Teobaldo Robinson, Albino Becker, Augusto Kley, João Güntzel, Francisco Geiger (vulgo Chico Geiger), os Laydner — Luiz Laydner Sobrinho, Alfredo e Percival Laydner... Todos, nomes riograndenses com clara ascendência alemã. Quem conhece as famílias tradicionais da cidade de Santa Maria da Bôca do Monte, encontrará entre êles o sobrenome da espôsa de um recente Governador do Estado.

Se então a prataria gaúcha começava a decair, é de perguntar-se qual a razão disso. Mas decadência de mercado, não de qualidade, entenda-se bem. Que esta continua ótima, àvidamente procurada por restritos conhecedores, ou tradicionalistas, ou itinerantes ilustrados.

Não existe *uma* causa. Há várias. A mais ponderável, creio, é o contínuo encarecimento da vida. Ou a desvalorização da moeda, se quiserem: dá no mesmo. Quando as terras do Rio Grande começaram a ser ocupadas, nos meados do século XVIII, o gado era abundante, sem dono, "comarcão", vagando nos campos. Nas "arreadas" se matava um infinito número de rêzes só para aproveitar o couro. A carne ficava nas coxilhas para os corvos e caranchos. Depois, a cabeça de gado valia quatro mil réis... oito mil réis... Em 1926 o boi subiu para os trezentos mil réis. Há poucos anos atingiu a casa dos mil cruzeiros! Agora, o estancieiro, enquanto pode, come ovelha (a carne de carneiro, como dizem os cariocas), para poupar a vaca, que está cara... Na mesma proporção subiram os artigos de prata. Uma faca mediana, só de prata lavrada, custa hoje — no mínimo — mil e quinhentos cruzeiros.

Outra das causas é a própria infidelidade à tradição. Querem ver como? Faz poucos anos, passei um mês de férias numa estância, que há muito vivo em Pôrto Alegre. Durante trinta dias não comi um só naco de charque, assado ou cozido. Nem mesmo "arroz de carreteiro", que é um despretensioso arroz feito junto com pedaços de charque. Era só galinha, ovelha ou carne fresca trazida da cidade, de automóvel, conservada no refrigerador e servida em esplêndidas travessas. Nada de espetos. Se o estancieiro de hoje se transporta preferentemente de auto (com capota inteiriça, último tipo, às vêzes de caminhoneta ou de "jeep" nos anos de após guerra), como dedicar seus carinhos para os arreios e aperos com que engalanava o "pingo" antigamente? Certa madrugada, depois de um baile, um estancieiro de Uruguaiana deu um pulo até a sua fazenda. Ao lado dêle, no assento dianteiro do carro grã-fino, um amigo da Argentina. Metidos dentro do rigor de uma elegantíssima casaca os dois tomaram leite recém-tirado das vacas, na mangueira, no meio da peonada! Malo a cobra e mostro o pau: êle é Luiz Alberto Pinto, velho amigo e colega dos bancos ginasiais. Não se diga que devemos viver sem confôrto e mesmo sem requinte, não. Gozemos o que a técnica e a moderna indústria nos proporcionam. Mas conservar as belas coisas da tradição não é pedir muito, não é?

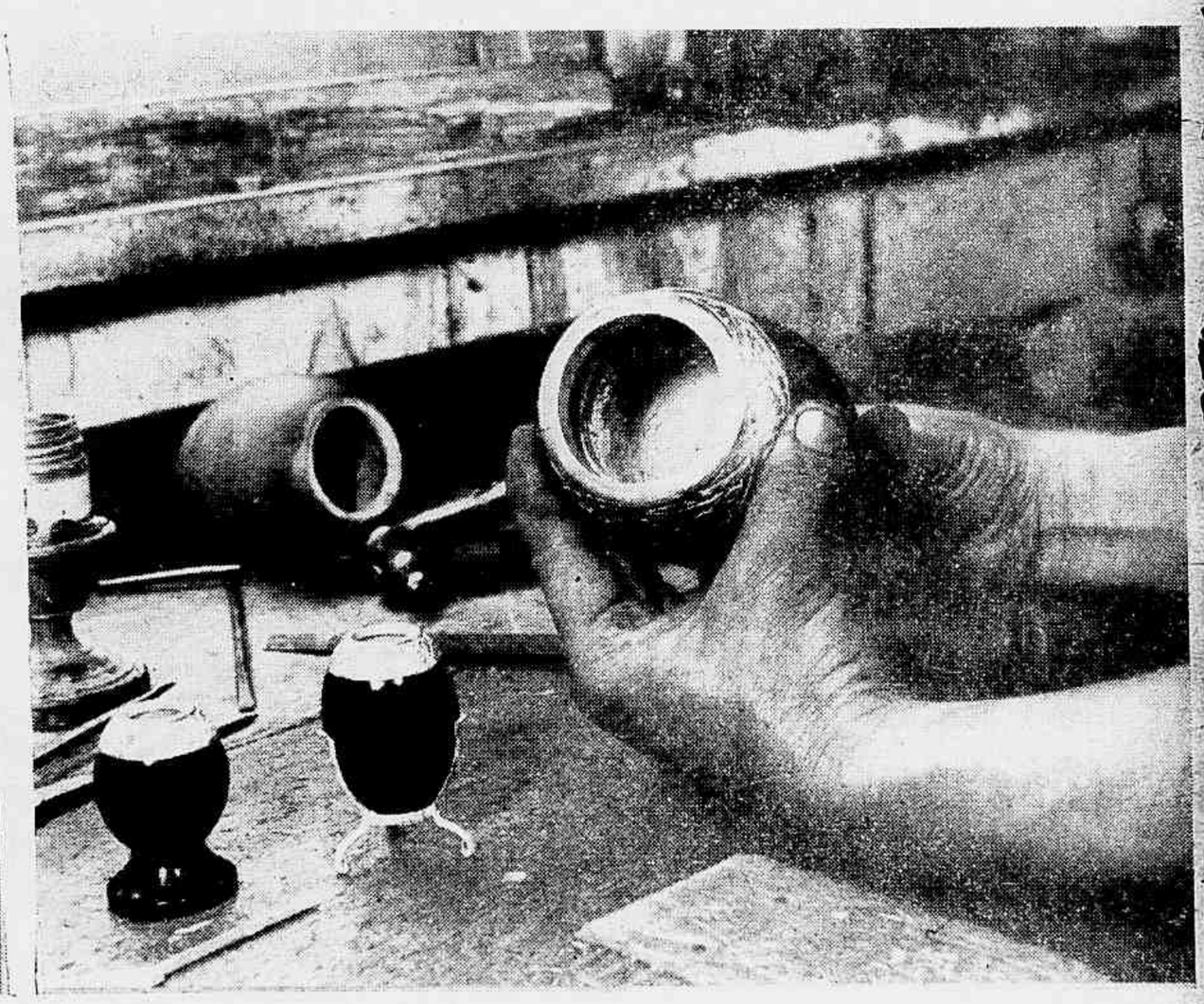
Outra causa para a decadência da prataria, eu a encontro na própria industrialização. Em 1824, como se disse, vieram para o Rio Grande os colonos alemães. E assimilaram admiràvelmente a tradição portuguêsa dos metais lavrados. Daí a cinqüenta anos, precisamente em 1875, chegava uma nova corrente imigratória — a italiana. Partindo de uma modesta funilaria e no decorrer de uma vida, um dêsses homens — tão úteis como os alemães — criou uma formidável indústria metalúrgica em Caxias do Sul. Essa indústria possui hoje especialistas que chegaram à façanha de gravar o nome Getúlio Vargas na cabeça de um alfinete, fazendo alarde de uma técnica quase inconcebível. Por ocasião da visita de Eurico Gaspar Dutra ao Sul, quando da "Festa da Uva", repetiram o feito, desta vez com uma frase inteira, segundo dizem. Mas, se a grande indústria se interessa pela técnica, não pode interessar-se na mesma medida pela arte. Pela produção de esteira corrente, pela quantidade, sim. As bombas de chimarrão, os bocais de cuias, as facas de prata começaram a ser "fabricados" em série. E pelo processo de fôrmas: a decoração é *impressa* na prata por meios mecânicos, e sòmente avivada à mão aqui e ali. O artigo, ainda com linhas bonitas, é oferecido honestamente ao mercado. Ao leigo, ao inexperto não importa a diferença. Compra, porque o efeito é o mesmo e o preço, mais baixo... E deixa na vitrine uma peça maravilhosa, um pouco mais cara, é verdade. Mas na qual brilha a incisão para dos cinburis cheios de brio, o golpe ritmado e destro dos cin-

FASE DIFÍCIL DA ARTE do «prateiro»: a escolha de um «porongo» (cabaça) para colocar-lhe o bocal de prata lavrada. De todos êstes, talvez só se aproveite um. Ou nenhum...

RUBEM CORREIA NETO, um dos «prateiros» de traço mais puro, cinzela um bocal de cuia para chimarrão. Sôbre o banco os cinzéis, com os quais o artista cria obras-primas de arte

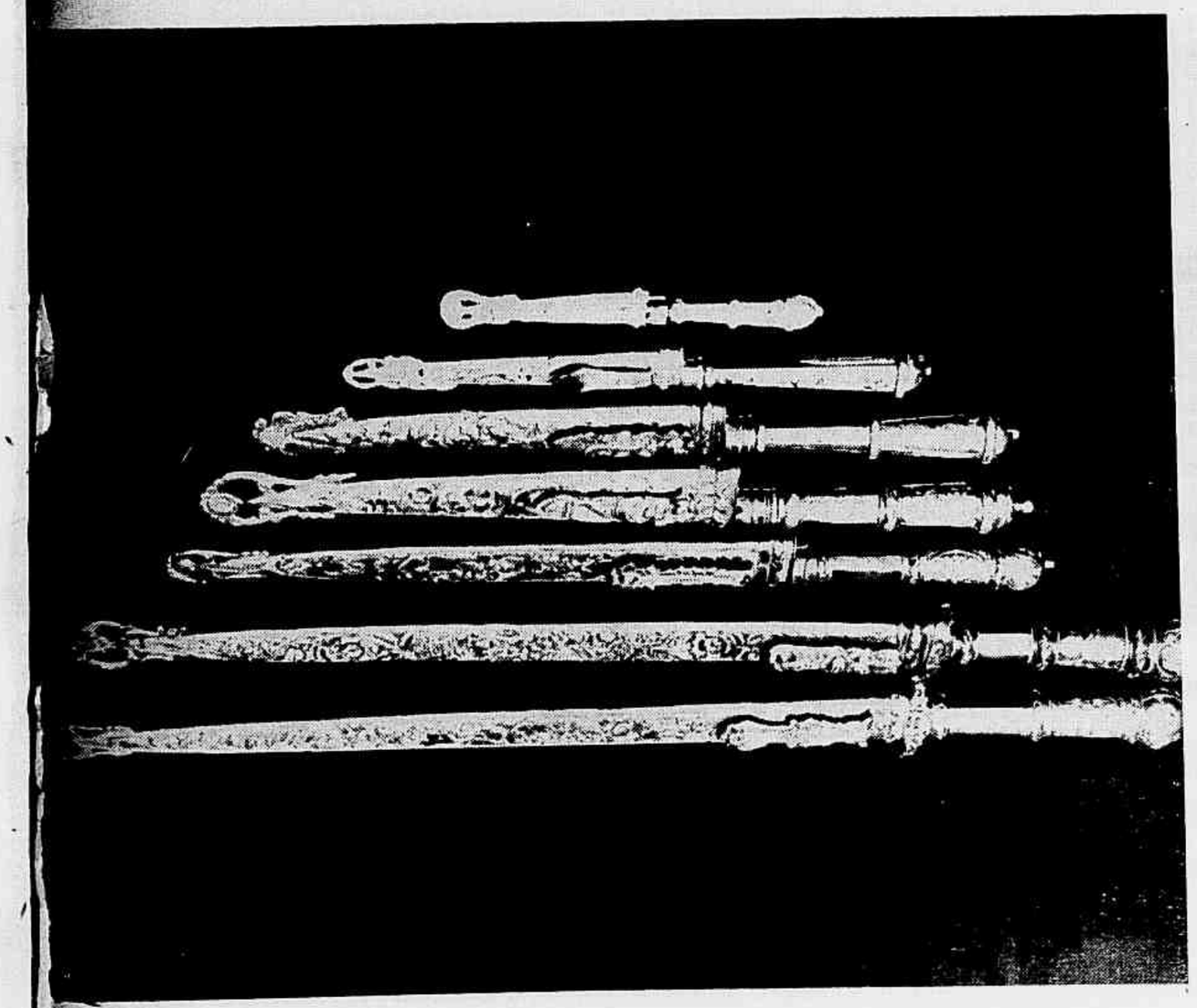
EM CASA DE FERREIRO, espeto de pau. Ao fundo, à chaleira, a cuia do «prateiro». Cuia simples, sem prata nem lavor. Rubem C. Neto, excelente «prateiro» está à forja numa operação preliminar: no cadinho está a prata bruta, que, líquida, passará para a fôrma da qual sairá em barra. Como vemos há no país indústrias de que mal suspeitamos

A CIENCIA DA BOMBA exige técnica apurada. Pelos furos não pode passar nenhum detrito de erva. Há bombas de 1, 2 e 3 anéis, geralmente lavrados e de ouro. Aqui um exemplar

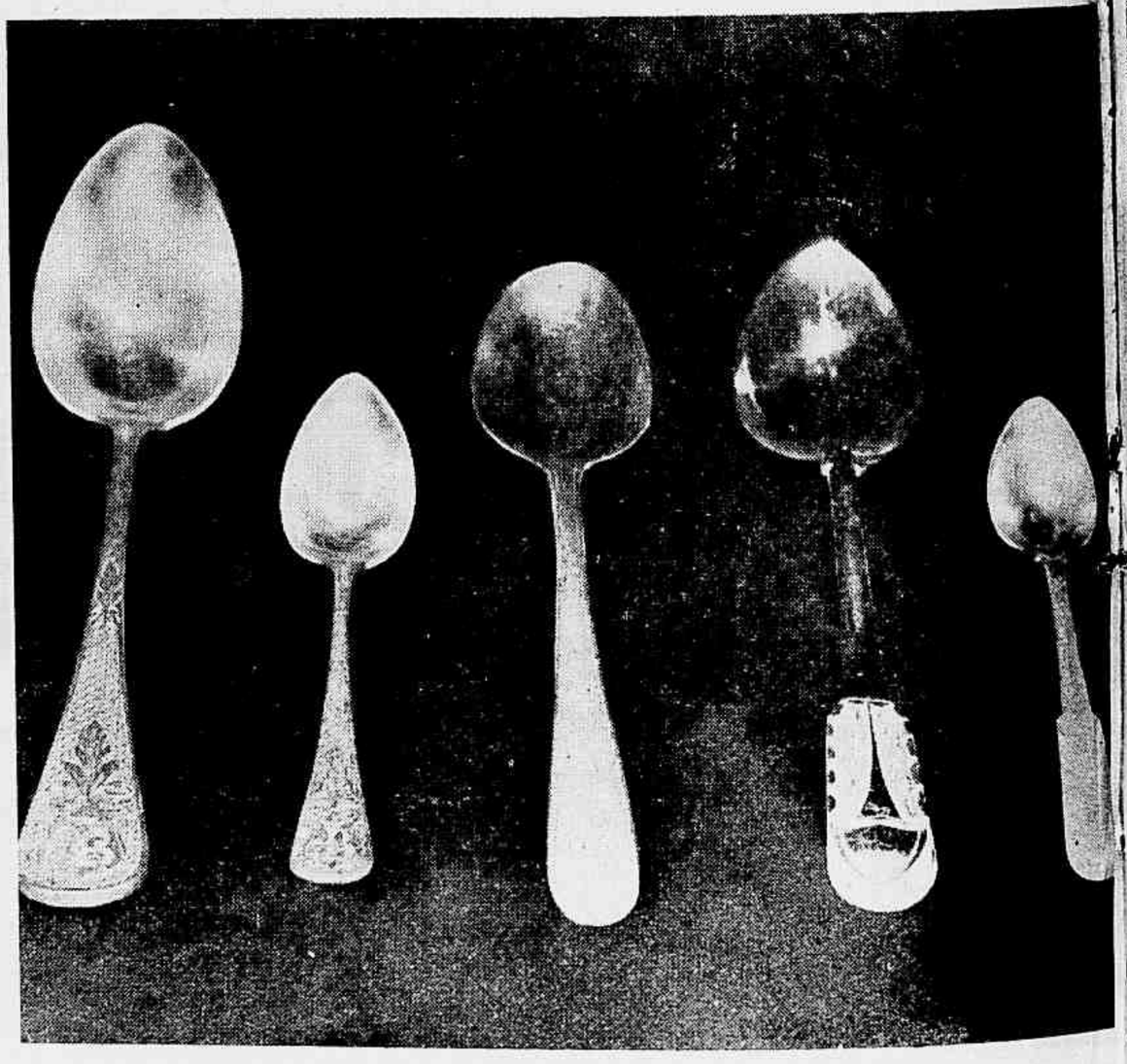


UMA CUIA COM seu bocal de prata lavrada. À esquerda, duas miniaturas, típico «souvenir» do Rio Grande e que foram criadas por Pedro «Cuia», em 1935, no Centenário Farroupilha

CUIAS E BOMBAS de finíssimo acabamento. Há bojos chamados «Assis Brasil», com 300 e mais furinhos para coar o chimarrão. Dizem que foram criados pelo imortal gaúcho. Yone Vidal, filha de colecionador, aprecia algumas peças valiosas, obra de famosos prateiros gaú chos: Ricardo Neto, Alberto Muller, Teobaldo Robinson, Rockmann, todos dos tempos atuais



FACAS E ADAGAS GAÚCHAS de ouro e prata lavrados. A adaga é mais longa, com cruz; é arma de luta. No conjunto há trabalhos de Ricardo, Robinson, Laydner, Júlio Lau



COLHERES DE PRATA. As três da esquerda, talvez sejam arte lusitana; mas as duas da direita são obras de artistas gaúchos: Ricardo Neto, que viveu em Cruz Alta e Mergener

zéis, e palpita tôda a vida de um verdadeiro Cellini dos pampas. Não condenamos a industrialização, que é fruto dos tempos. Registramos o fato e sua repercussão na arte dos cinzeladores gaúchos, tão sòmente.

Mesmo que tenha havido essa interferência de elementos alemães e italianos, é certo que se podem apontar o velho Barros, português, e muitos outros de origem luso-brasileira. Dentre os prateiros do passado e do presente é fácil citar um Juca Ourives, um Honório Cândido Magno, um Ricardo Neto, Carlindes Vargas, de pura estirpe verde-amarela. E a excelente linhagem de Pedro Correia Neto, prateiro que goza hoje o seu merecido "ocium cum dignitatem". Boa e florescente linhagem, porque o filho Ruben continua a tradição paterna. Seu traço é dos mais puros que conheço. Se o pai há muito abandonou os cinzéis, do que não pôde livrar-se nunca foi do apelido. Tributo pago à própria arte: continua Pedro "Cuia" para todos os efeitos... Pedro Cuia, prateiro de mão cheia, tem diploma pendurado na parede da velha oficina. Conquistado quando apenas se iniciava na arte, por ocasião da exposição comemorativa do centenário de Santa Maria, em 1914. Ainda em outra exposição, a do centenário farroupilha, em 1935, Pedro Cuia marcou novo tento. Criou o "souvenir" popularíssimo hoje em dia, muito imitado e muito procurado: uma cuia pequenina, de uma polegada, acompanhada de bomba e montada num tripèzinho de metal.

Já que falamos em "souvenir", podemos dar de graça a informação àqueles que pretendem visitar o Rio Grande: existe um sem número de objetos tipicamente gaúchos, tanto em Pôrto Alegre como em suas mais importantes cidades, sejam as do centro, sejam as das fronteiras, que servem de "souvenir" aos visitantes da terra dos pampas. Artigos de montaria, armas brancas como facas e adagas, com suas bainhas de prata lavradas, pelegos e bombachas, ponchos e guampas, além de tudo o que diz respeito ao uso do chimarrão. Não há brasileiro ou estrangeiro em visita ao Rio Grande do Sul que não fique encantado com a grande cópia de objetos regionais, uns da própria terra, outros de inspiração vizinha, mas todos êles caracteristicamente gauchesco. Estamos certos de que fora do Rio Grande, e, especialmente nos Estados do Norte do Brasil, ninguém faz uma idéia do que é, em verdade, essa indústria da prata em nossos pagos. E muita coisa teremos ainda que mostrar aos nossos patrícios de outras regiões dêste imenso Brasil, ainda tão desconhecido dos seus próprios filhos.

PARA FAZER-SE uma bomba de chimarrão, a lâmina de prata é soldada sôbre si mesma, tomando a forma de um tubo muito irregular. Para dar-lhe o diâmetro requerido e a perfeita regularidade, o tubo é «puxado» através de um crivo

DEPOIS DE FUNDIDA no cadinho, a prata é laminada no cilindro. Dessa tira de prata sairão lombas, bicais de cuia, cabos e bainhas de faca ou de adagas, tudo caprichosamente cinzelado pela arte de Rubem C. Neto, de origem portuguêsa

A FIVELA DO CINTO, e mesmo a da «guaiaca» mereceram os carinhos dos prateiros sulinos. Adaptadas a cintas modernas, crescem de valor. São obras de Poockmann e Robinson

EM PRIMEIRO PLANO os tubos, os anéis e os bojos, partes de que se compõe a bomba para o saudável chimarrão. Bastará ligá-los com arte e técnica. Depois, pode correr o mate...

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 32 ★ 12-8-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street. New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

INSTRUÇÃO COMPULSÓRIA

O sr. Alfredo Moojen, diretor da Instrução Pública Municipal da cidade de Carazinho, Rio Grande do Sul, acaba de tomar uma medida que poderia ser imitada por todos os municípios brasileiros. Determinou êle que nas localidades municipais onde haja menores de 14 anos que não freqüentam escolas ou que costumam faltar às aulas, sem causa justificada, deverão os professôres remeter à Diretoria de Instrução, uma relação nominal dos mesmos «gazeteadores», com a idade, nome dos pais, a fim de serem encaminhados ao Juizado de Direito. Para que fim? Perguntará o leitor. Para disciplinar o instituto do ensino público perante as famílias e forçar os pais e os meninos a zelar pelo bom nome do Brasil, respondemos nós. O Estado instala cursos de educação e ensino desde o Município à União; os professôres se unem e colaboram para as campanhas de desanalfabetização geral do nosso povo, na luta contra a maior desgraça dêste país, o analfabetismo; cumpre aos pais e aos alunos, aos indivíduos em idade escolar, a freqüência às aulas, o hábito de estudar e de instruir-se para a conquista de uma vida mais digna. Se é nos próprios lares que se nota a frouxidão, o desinterêsse, a negligência para com a escola, tem o poder público que intervir e forçar os responsáveis a cumprir um dever de patriotismo e humanidade: punir os culpados e entregar à autoridade judicial competente a educação compulsória dos menores.

ORGANIZAM-SE AS COZINHEIRAS

As empregadas domésticas do Distrito Federal, olhando o panorama político do país tiveram uma idéia genial: vão organizar uma grande comissão e apresentar ao Congresso Nacional seu programa de reivindicações. Está na hora! Na horinha H! Os senhores políticos precisam justamente disso: motivos populares para promessas de melhoria do povo. O exército de empregadas domésticas do Rio é enorme. Vultuosíssimo contingente que pesará, sem dúvida alguma, na balança eleitoral. Nada mais justo, pois, do que se arregimentarem e bradar: «Queremos melhorias de condições de trabalho! Precisamos de um dia completo de descanso! Aumento de salários para enfrentar a vida! Aposentadoria! Seguro social! Repouso remunerado! Abono do Natal! Horário folgado para dentista, escola e médico! Abaixo a escravidão!» Nada mais fácil do que um político hábil introduzir em seu programa de ação eleitoral todos êstes pontos exigidos pelas empregadas de cozinha, babás e copas. Queixam-se elas que as patroas vivem a exigir trabalhos redobrados e simultâneos. Não têm um só dia de descanso, não podem ir a dentistas, a médicos, a escolas, mesmo as noturnas. Um inferno. Muitas patroas se servem delas para tudo. Um copo dágua de que precisem, não se levantam para ir bebê-lo: chamam a empregada e ordenam: «Traga-me água!» Por tudo isso estão as domésticas com água pela barba e resolveram organizar-se. Está na hora. As eleições estão aí...

OS ÍNDIOS NO RIO

Noticiaram os jornais desta capital que o audaz desbravador de índios do nosso oeste, Francisco Meireles, estava organizando uma viagem para alguns selvícolas do Roncador virem ao Rio. Além de três selvagens, o filho do cacique Apoema. Mas, contra êsses passeios de selvícolas às capitais do Brasil, se volta o regulamento do S.P.I. ou seja o Serviço de Proteção aos Índios. Não é que os brancos possam comê-los à moda, mas o caso é que os índios podem adoecer ou mesmo morrer na excursão e seria dificílimo provar aos seus patrícios da taba, que êles morreram com todo o confôrto material e espiritual e que estão no céu... Naturalmente os Xavantes não acreditariam nessa conversa de brancos. E pensariam com suas flechas e tacapes: «Êles devoraram os nossos guerreiros. Trucidaram-nos traiçoeiramente. Vamos agora responder com a mesma música». Ora, isso num momento em que os delegados e administradores do S.P.I. estão lutando tenaz e audazmente para conseguirmos a pacificação definitiva e geral dos índios do Roncador para com os brancos do lado de cá, seria sumamente perigoso. Mas foi pena. A Manaus, segundo dizem os telegramas, vão, semanalmente os índios daquelas matas e daqueles igapós. E vão até nus, completamente despidos o que prova o estado primitivo e inocente em que estão. E como ficam alegres vendo a civilização! Entretanto, não podemos deixar de reconhecer que o pessoal do S.P.I. tem razão. Daqui que se provasse que o Pão de Açúcar não é espeto para assar índios...

LUTO NO BRASIL

O desastre de aviação ocorrido a 28 de julho nas proximidades de Pôrto Alegre, com um quadrimotor «Constellation» da Panair do Brasil, prefixo PP-PCG no qual morreram 50 pessoas, entre passageiros e tripulantes, nenhum se salvando da catástrofe, ainda ocupava os comentários do povo, quando, a 31 do mesmo mês, é tôda a nação sacudida por outra catástrofe aviatória também em terras gaúchas, na qual perece o dr. Salgado Filho. O fato não prova que a aviação comercial deixe de oferecer garantias de vida aos que se servem dos meios de transporte aéreo. E' cada vez mais segura a constituição dos aviões e a prova disso temo-la nos milhares de viagens que fazem os aparelhos atravessando mares e continentes, sem um só acidente. Mas, de acôrdo com os telegramas vindos do sul, o desastre do «Constellation» da Panair sôbre o solo do município de São Leopoldo foi motivado pela pouca visibilidade, teto baixo, mau tempo, nevoeiros no aeroporto da capital gaúcha, forçando o enorme aparelho a voar a pouca altura em busca de possibilidades de descida. Quanto as da SAVAG, houve imprudência. Relataram os telegramas que o «Constellation» batera em fios de alta tensão nas vizinhanças de São Leopoldo, desequilibrando-se e indo arremessar-se de encontro a morros das cercanias, incendiando-se em seguida. E o outro, um «Lodstar», partira sob tempo péssimo. Não é hora de culpar-se ninguém, pois todo o país está com a alma desolada pela extensão das catástrofes: mas, por que se permitir que aviões de passageiros enfrentem tempos perigosos como o de que falam as notícias? Não será isso mais uma advertência?

A PERSONAGEM DA SEMANA

JÁ estamos, pràticamente, nas vésperas das eleições de 3 de outubro. E quando já pensávamos que o quadro político nacional no tocante a candidatos à Presidência da República se achava completo, surge mais um na undécima hora. Êste é um cidadão dos mais ilustres do país, que se diz cem por cento democrata: é o sr. João Mangabeira. A sua atitude aceitando a deliberação do seu partido, surpreendeu a opinião pública. Porque não dispondo o PSB de elementos para eleger o Chefe da Nação, a mais lógica e natural missão do partido seria votar no sentido de que o país escolhesse para seu Presidente o melhor dos três candidatos lançados. Ou então que deixasse o seu eleitorado livre, em face do problema, atitude que, não sendo das mais apreciáveis, foi pelo menos defendida sem relativa lógica por grande parte dos convencionais socialistas. A orientação tomada equivale, porém, a uma abstenção, numa hora decisiva para o país, e abstenção nociva porque vai enfraquecer, seja de quanto fôr, o contingente dos candidatos democráticos. Partido de elite intelectual, como é o PSB, sabe mais do que outro qualquer, que, num regime constitucional democrático, o voto não tem côr. Por outro lado, o nosso regime é Presidencial; o que importa, fundamentalmente, é a mentalidade, o espírito, a capacidade condutora do Chefe do Executivo. Basta que seja um defensor fervoroso e consciente da Constituição sua letra e seu espírito, para que não existam fantasmas ao meio-dia. Se a resolução do PSB tivesse sido tomada há quatro ou cinco meses antes, poder-se-ia dizer que a atitude representava uma orientação do partido, um ponto de vista, o desejo partidàriamente lógico de fazer um teste. Tal, porém, não aconteceu. Enquanto o Partido Libertador teria razões fundamentais para se colocar num ângulo de exclusividade, pois nenhum dos três primeiros candidatos se confessa parlamentarista, foi prático e sensato. Nada exigiu, nada impôs. Serviu à Democracia escolhendo um candidato fora de seus quadros, que lhe pareceu mais útil ao Brasil. Foi prático. Daí a pena com que registramos o episódio. Mas, do ponto de vista legal, o PSB está no seu direito.

O Sr. João Mangabeira

TOURADAS...
Teremos a tourada diária com os trocadores de ônibus!
Parece que não vamos ter touradas, mas consolem-se os aficionados.
Muito embora nos falte a figura vistosa do toureiro.
Não faltará a sua habilidade e sua valentia aos nossos **footballers.**
Nem aos nossos bravos vereadores na praça de touradas da Câmara Municipal.
Outras touradas virão, mesmo para os que não saiam de casa, através das chanchadas radiofônicas!...

A ENCANTADORA JEAN SIMMONS vista de perfil. E' a mais famosa atriz inglêsa da atualidade pelos seus incontáveis triunfos nos estúdios cinematográficos da Inglaterra

A ESTRELA JEAN SIMMONS, como aparece em vários filmes: em «HAMLET», no papel de Ofélia; em «Narciso Negro» e, por último em «Lago Azul», na principal interpretação

UMA VIAGEM AO REDOR DO MUNDO E' A AMBIÇÃO DE JEAN SIMONS

"ESPERO UM DIA CONHECER OS DIVERSOS TIPOS DE PESSOAS DAS VÁRIAS PARTES DO MUNDO ★ RECORDISTA DO NÚMERO DE FILMES INTERPRETADOS ★ DE SOMERSET MAUGHAN, SUA MAIS RECENTE INTERPRETAÇÃO

De IRIS LAKER. (Exclusividade da IPA para a REVISTA DA SEMANA)

LONDRES (Por via-aérea) — Na Inglaterra, no dominio do cinema, o recorde de número de filmes interpretados está agora nas mãos de Jean Simmons. Ela trabalhou em quatorze peliculas com papéis de importância, representando apenas em duas peças de teatro. Entre os outros atores do cinema inglês, a situação é contrária: a maioria trabalhou mais no teatro do que no cinema. Graças a êste recorde cinematográfico, Jean Simmons tornou-se muito conhecida no mundo inteiro. Os inglêses a estimam muito e cada filme seu que aparece alcança sempre sucesso.

Entre seus melhores filmes, do ponto de vista artistico, ressalta o seu desempenho em "Hamlet", em que interpretou o papel de Ofélia. Como noiva de Hamlet, Jean Simmons desempenhou o papel de uma adolescente.

Encontrei-me com Jean nos estúdios em que ela trabalha.

— "Minha ambição — disse-me ela — é viajar em redor do mundo e conhecer os diversos tipos de pessoas de todos os paises da terra. Já visitei a América do Norte, a Austrália e Fiji, onde foi rodado meu recente filme "Lago Azul", realizando-se, assim, parte de minhas ambições, dando volta à Europa, em sua parte ocidental. No Sul da França fui hóspede do escritor Somerset Maugham".

Pode-se compreender porque foi ela convidada pelo conhecido novelista, pois ela recebeu um papel importante num filme baseado em uma das obras de Somerset Maugham, que se chama "Trio", nome que foi dado ao filme por ser êste dividido em três partes.

Quando Somerset Maugham visitou os estúdios onde Jean Simmons filmava "Trio", ela lhe mostrou os cenários do filme. Foi uma grande surprêsa para êle ver uma réplica de sua Vila Moresque, do sul da França. Encontrou mesmo dentro dos cenários a sua mesa espanhola e sua cadeira preferida. Quando olhou pela janela teve a vista familiar da baia de Cap Ferrat, com Nice avistada à distância. O segrêdo desta cenarização foi traido por um dos decoradores, que disse que todo o trabalho foi baseado nas fotografias tiradas por Jean Simmons, quando ela estêve em visita ao novelista, em sua residência de repouso, na Riviera Francesa.

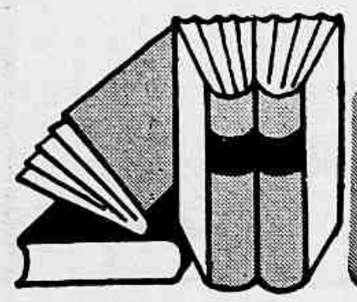
Jean tem 21 anos de idade. E' tão simples em sua vida particular, como em seus filmes. Sua maior paixão é a organização de festas. Sua maior amiga é a artista

(Cont. na pág. 50)

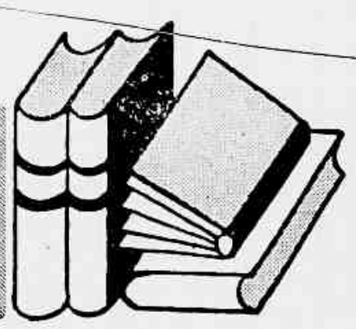
NUM INTERVALO DE FILMAGEM, Jean Simmons palestra com o seu companheiro de trabalho nos estúdios de Londres, Stuart Granger e, pelo «panorama» a conversa é agradável

«SO LONG AT THE FAIR» é um dos últimos filmes de Jean Simmons. Aqui a vemos ao lado de David Tomlinson, numa cena da mesma pelicula que aumentou o prestigio de Jean

MUITA GENTE APOSTARÁ EM COMO ESTA
É VIVIEN LEIGH. MAS É JEAN SIMMONS

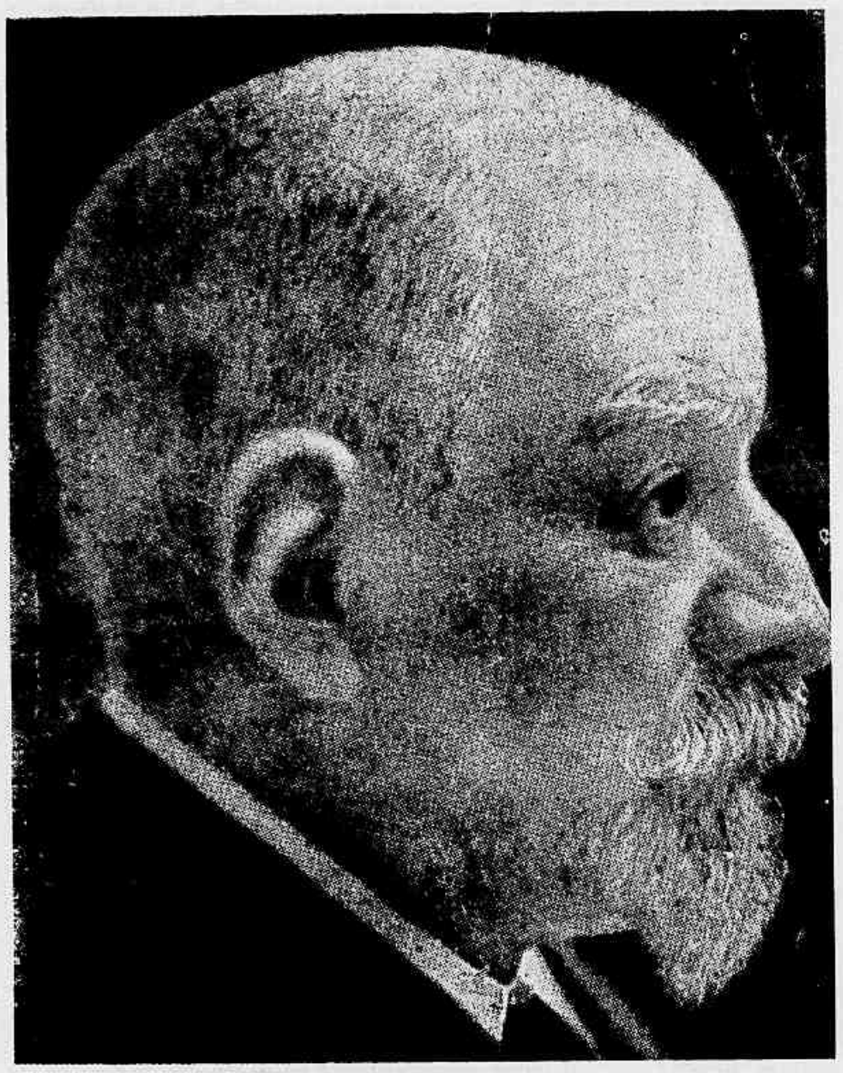


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

GALERIA DE CELEBRIDADES



J. K. HUYSMANS tornou-se célebre com o seu famoso romance "À Rebours", onde aparece êsse bizarro e imortal personagem Des Esseints. Apesar de ter publicado outras obras de grande mérito, com êle aconteceu o caso do personagem roubar a glória do romancista: é conhecido quase que ùnicamente pela fama dêsse herói que exerceu, na geração dos "alegres novecentos", uma fascinação só comparável à dos personagens de Wilde. Huysmans foi um dos membros fundadores da Academia Goncourt.

AMOR E POESIA

HÁ alguns acontecimentos neste miserável mundo das letras que sempre me comoveram. São tragédias vívidas e obscuras. Pequenos dramas tristíssimos. A morte do poeta Antônio Feijó, morte de amor por aquela que foi a "pálida e loira" companheira de seus dias — é um dêsses fatos. Outro, o suicídio, na solidão e no desespêro, de Florbela Espanca, essa princesa nevrosada do tédio, filha espiritual de Antônio Nobre... Outro, ainda, a história daquele livro de Joseph Kessel, "Dames de Californie", que fêz morrer de dor aquela que animara o romancista a escrever as suas memórias dos Estados Unidos, doce criaturinha apaixonada que não pôde resistir à brutalidade daquele documentário e morreu de ciúme... Finalmente, a história do "Cancionero del amor infeliz", de Rufino Blanco-Fombona. Conta um biógrafo do poeta venezuelano que êsse livro é a recordação dolorosa de um grande amor, grande porque foi "el amor infeliz". Um drama pungente originou êste livro, êste breviário de ternura apaixonada, em que se encontram versos de suave, singela, comunicativa intimidade, como êstes, em que existe também um sôpro de além-túmulo:

"El temor sobrecogia
mi espirito en el silencio;
y tamblé cuando la lámpara
se apagó, sin haver viento."

Sim, foi um drama. O poeta comprometera-se para casar-se com uma das moças mais lindas e sensíveis de Caracas. Mas o exílio o afastara da pátria e da noiva. Conhecera então outra mulher e amou essa companheira dos anos de destêrro e nostalgia. De volta à pátria, quis cumprir sua palavra. Mas não podia renunciar ao seu romance do exílio. E a linda noiva, que não conseguiu suportar que outra existisse no coração de seu poeta, preferiu desaparecer do mundo, cerrando os lindos olhos para a vida, tendo nos lábios doces palavras de amor e de perdão. Essa a história comovente de um livro de amor — do poema do "amor infeliz", que é também, um amor imortal: "Cancionero del amor infeliz".

ANTOLOGIA DE POETAS AMERICANOS

"Mid-Century American Poets" (Poetas Norte-Americanos da Metade do Século) é uma nova antologia, editada por John Ciardi, composta de versos de 15 dos mais jovens poetas, desta última década dos Estados Unidos.

O livro também inclui introduções de cada um dos poetas, acêrca de seus respectivos trabalhos. Uma das tendências comuns, e que deve ser salientada, é que, enquanto os poetas de 30 anos atrás queriam reformar a língua, e os de vinte anos passados queriam reformar o mundo, os poetas da última década quiseram, principalmente, ser compreendidos.

Dentre os 15 que figuram na antologia, dois mostram verdadeiro individualismo: Robert Lowell, com a riqueza de seus versos, sôbre temas antigos; e Delmore Schwartz, com seu espírito amargo e ironia penetrante. Talvez que êsse livro não contenha grandes poesias. Entretanto, serve para demonstrar que a poesia ainda é uma arte viva, e que ocupa lugar de destaque nas letras norte-americanas.

ALGUMAS NOTÍCIAS

Vercors quer romper seu contrato com as "Editions de Minuit". Acha que elas traíram seus objetivos e deseja, inclusive, mover-lhes um processo.

★ Mme. Rachilde, a famosa escritora francesa que conta oitenta-e-sete anos, vai publicar um romance sôbre o amor dos adolescentes e que se intitula "Duvet d'Anges".

★ O poeta e jornalista Lincoln de Souza, que deu por encerrada sua carreira lírica, pronunciou, no Ministério da Fazenda, uma palestra ilustrada sôbre os índios Xavantes, entre os quais estêve, como enviado especial de "A Noite". A conferência de Lincoln de Souza foi brilhante e concorrida.

O MUNDO DA FICÇÃO

"The World of Fiction" (O Mundo da Ficção) é, segundo seu autor, Bernard DeVoto, "uma análise da relação entre a pessoa que escreve uma novela e aquela que a lê".

DeVoto é um crítico literário eminente, que já leu um número incalculável de novelas, e que tem pensado muito sôbre a arte de escrever obras de ficção. Nesse livro, êle analisa o caráter dos autores de novelas e estuda os fatôres que agradam aos leitores.

Um dos maiores prazeres da leitura de ficção, segundo DeVoto, é a sensação de compartilhar as emoções de personagens imaginários. Outro prazer consiste em participar de experiências que, na vida real, são negadas ao leitor, o qual, talvez subconcientemente, anseie por elas. A êsses desejos do leitor deve corresponder a habilidade profissional do escritor, ao desenvolver os componentes básicos de sua novela.

PREMIADO EMÍLIO MOURA

O grande poeta mineiro, Emílio Moura, tirou, êste ano, o prêmio oficial de literatura do Estado de Minas, pelo seu livro — "O Espelho e a Musa".

CONGRESSO MUNDIAL DE ESCRITORES

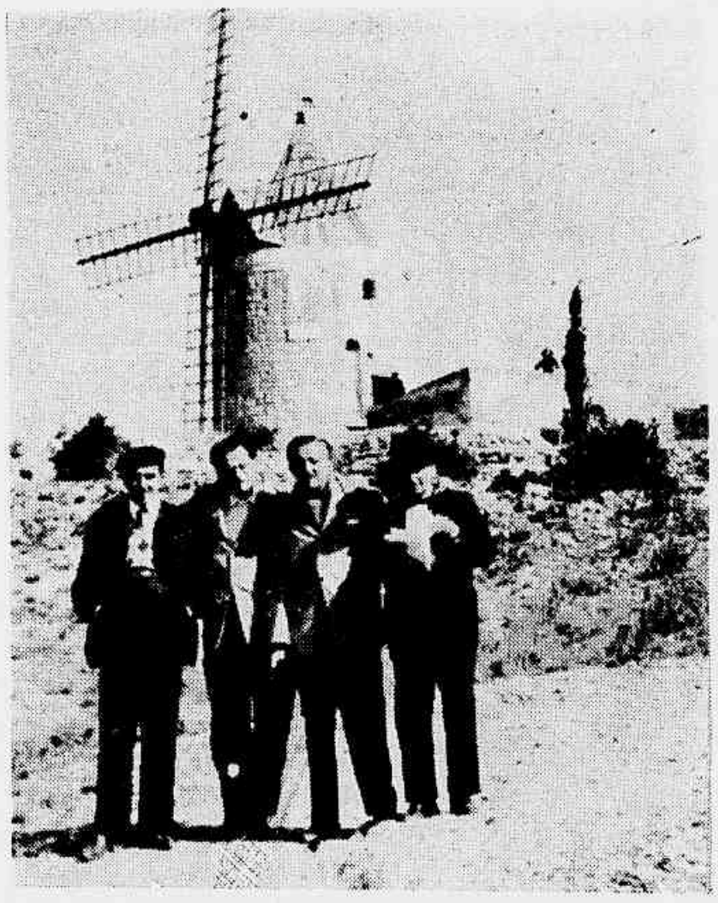
O vigésimo segundo Congresso Mundial de Escritores, por iniciativa do PEN Clube, será realizado êste mês, em Edimburgo, Escócia.

Participarão do certame cêrca de quatrocentos delegados e o tema principal dos debates será — "O drama".

Serão também discutidos outros assuntos, de ordem técnica e de interêsse geral.

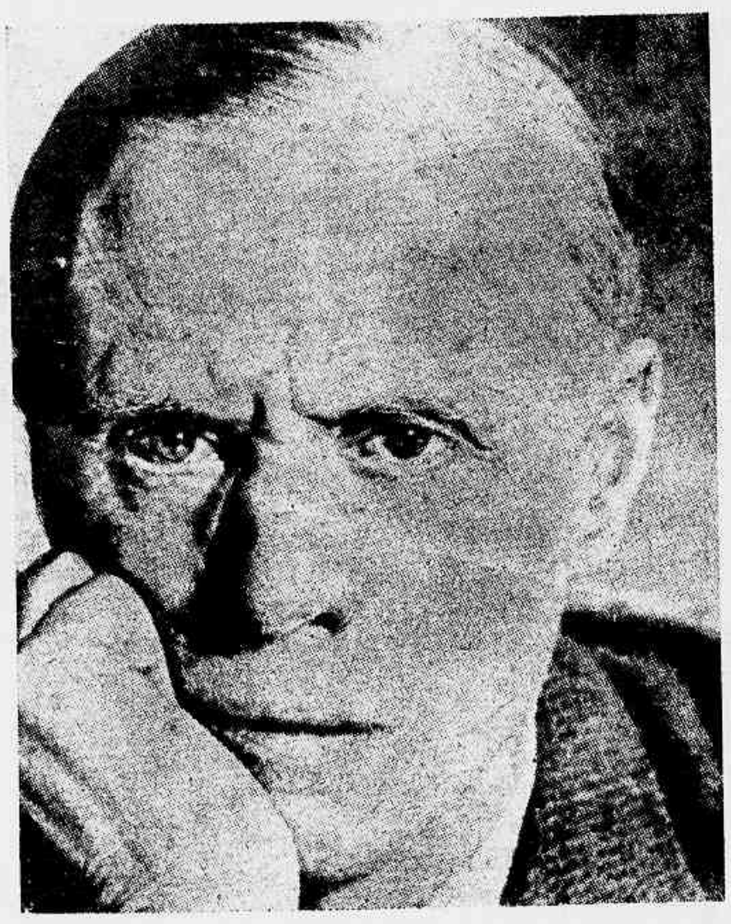
O SABIO JOVIAL

AQUI está uma das ilustrações que acompanham o texto de Lin Yutang em "O Sábio Jovial": é o retrato de Su Tungpo, feito por Li Lungmien. (Reprodução de uma cópia de propriedade de Weng Fangkang). Êste é o sábio jovial.



NO "MOINHO" DE DAUDET

CONVIDADO pela Secretaria Geral de Turismo, do govêrno francês, estêve em visita àquele país, um grupo de escritores e jornalistas brasileiros que, além do programa oficial, incluíram, entre as excursões, algumas peregrinagens sentimentais, como a que fizeram ao velho moinho de Midi, em Fontiviele, de onde Alfonse Daudet datou seu famoso livro — "Lettres de mon Monlin". O velho moinho de asas mortas é hoje um pequeno museu Daudet, reunindo recordações do grande escritor. Foi adquirido por um habitante da localidade, que pagou por êle duzentos francos e o ofereceu à municipalidade, para o fim de ser nêle instalado o museu Daudet. Da poética elevação em que se acha, descortina-se um belo panorama e, ao longe, as tôrres de Tarrascon, cidade que o gênio de Daudet imortalizou, graças ao seu famoso Tartaria. Na foto, batida pelo confrade Morel Marcondes, das "Fôlhas" de São Paulo, estão: Sérvulo de Melo, José Lins do Rêgo, Edmundo Lys e Anibal Fernandes.



SINCLAIR LEWIS

SEGUNDO a opinião da maioria dos críticos literários dos Estados Unidos, Sinclair Lewis é o autor que maior influência teve no desenvolvimento da literatura norte-americana durante a primeira metade dêste século.

Isso foi apurado pela Universidade de Flórida, realizando um levantamento dessas opiniões.

Lewis exerceu sua influência não só com suas excelentes novelas realistas sôbre a vida da classe média nos Estados Unidos, tais como «Main Street» (1920) e «Babbitt» (1922), mas também com sua crítica e com o incentivo que proporcionava aos jovens escritores de talento.

E' Lewis, de certa maneira, o pai da moderna literatura norte-americana. O mesmo levantamento também revelou que os críticos consideram «An American Tragedy» (1925), de Theodore Dreiser, e «Gone With the Wind» (E o Vento Levou) (1936), de Margaret Mitchell, como sendo os dois livros mais importantes do século, de autoria de escritores norte-americanos.

FORA DO PRELO

O SÁBIO JOVIAL — LIN YUTANG TRAD. DE MARY CARDOSO — PONGETTI — RIO

A China foi sempre outra grande vítima de nossa cultura ocidental. Escritores que visitaram os chineses nos deram um acúmulo de noções erradas, de interpretações arbitrárias, de fantasias ridículas sôbre a terra e o povo, tudo isso estimulado pelo mistério do Oriente e pelo interêsse sôbre a literatura exótica, cuja autenticidade não era possível realmente controlar.

O pitoresco, a linha, a côr, quando muito, tudo o que há de mais superficial — é o que sempre nos deu a literatura sôbre a China. O aparecimento de Lin Yutang, há alguns anos, nos Estados Unidos, não apenas revelou um dos grandes escritores de nosso tempo, pois, com suas obras, nos deu êle o que poderíamos desejar sôbre sua terra e seu povo. Ficamos, então, conhecendo uma China autêntica, como cultura e civilização, seu pensamento, sua poesia, sua arte. Uma revelação vertical em que desaparece a simples atração da linha e da côr, do exotismo e do pitoresco, substituídos êsses elementos por outros, de maior interêsse e significação.

Depois dos seus romances e do seu livro de interpretação do povo e da terra chinesa, Lin Yutang nos dá, em «O Sábio Jovial», um retrato «grandeur nature», a biografia de Su Tungpo, uma personalidade fascinante, um homem enciclopédico.

Mas, não se limita Lin Yutang a fazer a biografia do sábio jovial. Êle compõe, ao mesmo tempo, o «background» dessa figura extraordinária, dando-nos um panorama histórico da época em que êle viveu e esclarecendo, assim, muitos problemas dêsse misterioso e admirável Oriente, de sua grande civilização, de sua culta e profunda sabedoria.

«O Sábio Jovial» é um livro que se lê com invulgar deleite e que, além de bem traduzido, é apresentado em excelente obra gráfica, com preciosas ilustrações.

★

EUROPA — ADEMAR VIDAL — EDITORA AURORA — RIO

O escritor Ademar Vidal, que regressou há pouco de uma viagem à Europa, reuniu neste volume suas crônicas de viagem, escritas **au jour le jour**, crônicas rápidas, breves páginas sôbre os mais variados assuntos, instantâneos dos múltiplos aspectos que lhe ofereceram os países europeus que visitou em missão jornalística.

Se essa volubilidade do escritor, se essa pressa e essa agitação, com que grafou suas impressões, podem ter furtado à obra um maior lavor e um interêsse mais profundo, em compensação lhe deram, ao livro, um valor inestimável o da fixação dos fatos e das figuras com a frescura e o encanto da surpresa, com a vivência dos personagens e dos acontecimentos.

Acompanhamos seu roteiro sentindo-lhe a palpitação e a espontaneidade das reações, na presença imediata dos meios e das personalidades que focaliza. Suas crônicas têm o sabor do primeiro contato, nascem e efervem da ação catalítica dos espetáculos geográficos, sociais, humanos, sôbre sua sensibilidade, com a fôrça insubstituível das descobertas, do espanto, do encantamento, da ternura.

E Ademar Vidal tem, ainda, êsse estilo simples, objetivo, essa doçura de ver e de contar — sabendo ver e contar — sem outra preocupação que a de revelar suas descobertas, com a sinceridade de uma «candid camera». Nenhuma **pôse**, nenhuma preocupação de efeito, nenhuma literatura ornamental no seu livro de viagens, «carnet de route» de um puro, vibrante de curiosidade e de entusiasmo, espontâneo e sincero, ao mesmo tempo que lírico e humano.

«Europa» é uma coleção de postais do Velho Mundo que renova o gênero, sabendo galvanizar um processo que os falsos livros de viagens haviam amenizado.

★

A CIGANA — EDITH M. DA GAMA ABREU — EDITORA MINERVA — RIO

A escritora Edith Mendes da Gama Abreu, da Academia de Letras da Bahia, publica um romance, «A Cigana», de fabulação simples e escrito em boa linguagem. Sente-se que o romance é um veículo para as idéias da autora e os seus personagens são apenas uma espécie de **stand in**, de que ela se serve para exposição de suas teorias e interpretação de seus pensamentos.

Sob tal aspecto, a obra interessa, criando uma atmosfera de inteligência e de sensibilidade, bastante agradável. O livro é quase todo em forma de **diário**, gênero do particular agrado das escritoras, pelas facilidades confessionais que proporciona. Ora, as mulheres, parece que por uma fatalidade do sexo, são estritamente subjetivas e, mesmo no romance, se antepõem às suas personagens. Nada como pensar por meio dessas figuras passivas que põem em cena. A autora dêste livro fêz, assim, uma história de amor em que são discutidos muitos assuntos, sentimentos e teorias, apresentando-nos, antes de tudo, um documento do seu espírito e de suas simpatias humanas e literárias.

«A Cigana» é, portanto, uma obra de indiscutível interêsse. Pena que o trabalho gráfico não lhe dê melhor apresentação.

★

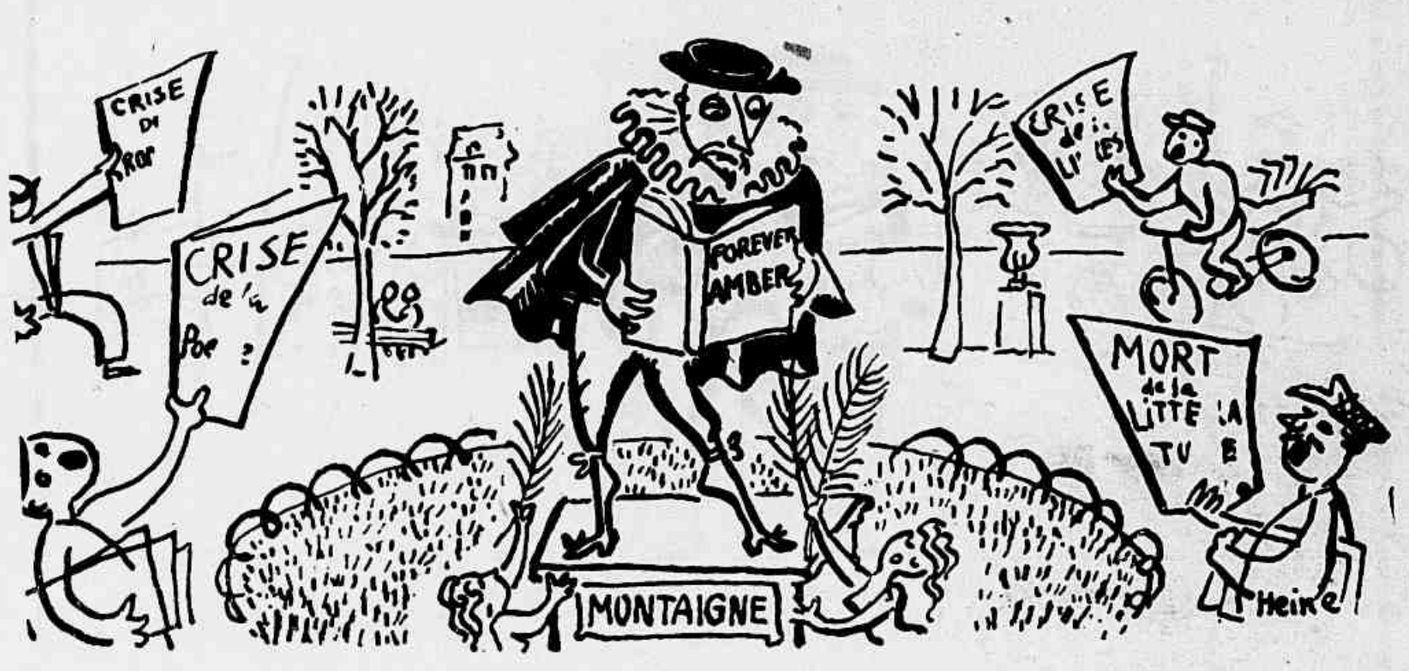
CHAMA INFINITA — MARTINS D'ALVAREZ — EDITORA FORTALEZA — FORTALEZA

Entre os livros que foram remetidos ao nosso saudoso João Luso, encontro hoje, aqui, êste «Chama Infinita», poemas de Martins d'Alvarez.

E' uma poesia singela, em bons versos, de forma tradicional, mas em que os motivos originais fazem o interêsse dos poemas e onde, mesmo os velhos temas, como o amor e a pátria, se renovam pela arte pessoal do poeta cearense.

Martins d'Alvarez é um poeta seguro de sua vocação lírica, dono de boa técnica do verso, sabendo ferir a nota emocional, pondo sentimento e ternura nas suas estrofes. Há nesta «plaquette», apresentada em apurada obra gráfica, muitos excelentes poemas, onde encontramos o mistério poético, na forma trabalhada que prefere o autor, dedicado ao culto da rima — **«ce bijou d'un sou»** — o que, entretanto, não lhe diminui a fôrça do lirismo, espontâneo e comunicativo.

Entre tantos — mas tantos! — livros de versos que aparecem todos os dias, «Chama Infinita» merece um lugar à parte, pois êste poeta é um autêntico lírico, seus versos têm calor humano, simpatia, música e substância.

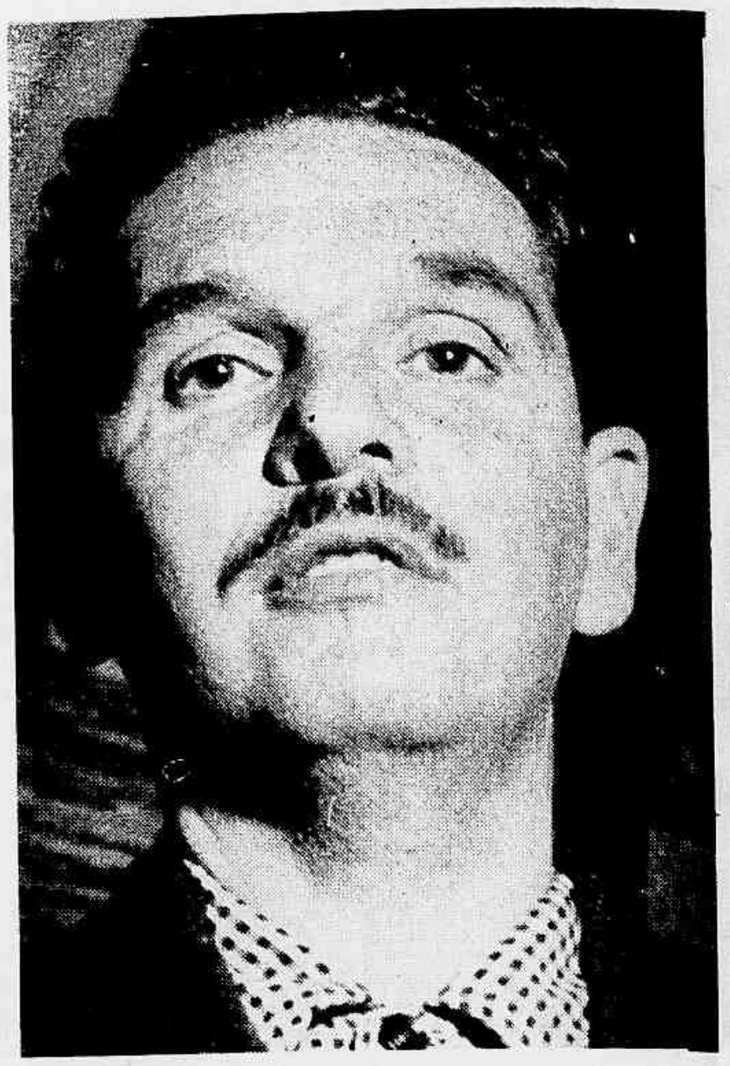


ESPORTIVAMENTE FOI UM SUCESSO!

IMPRESSÕES SÔBRE O DESENROLAR DO CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL, NA PALAVRA DO TÉCNICO FLÁVIO COSTA ★ OTIMISMO EXCESSIVO E NERVOSISMO, OS PRINCIPAIS FATÔRES QUE DETERMINARAM A DERROTA ★ CONSEGUIU NO FUTEBOL O QUE DE MAIS ALTO SE PODERIA ALMEJAR

Reportagem de JOÃO TELLES

APENAS dez dias após a finalissima do Campeonato Mundial de Futebol, de tão triste memória para todos os brasileiros, fomos ouvir a palavra do técnico Flávio Costa, uma das pessoas mais visadas nas queixas de quem tanto sonhou e amargamente se desiludiu com o titulo de campeão. Durante muito tempo ainda estará bem viva na memória de todos o que foi a última jornada do certame internacional, tão intensamente vivida no Estádio do Maracanã. Classificado para as finais com uma alentadora vantagem de possibilidades, o Brasil mostrou-se franco favorito ao titulo, não só aos olhos dos mais fanáticos torcedores, como também dos mais ponderados, dos "entendidos", dos jogadores, do técnico, dos organizadores, da massa em geral e da crônica especializada estrangeira, que enviava para seus paises de origem prognósticos sôbre o final do campeonato. Quem não conhece essa história? Uma vez que o juiz, em campo, apitou o término do jôgo, viveram os brasileiros o que poderia ser chamado de drama emotivo, atualmente em sua terceira fase. A primeira foi a prostração moral pela perda do campeonato tão desejado. Fase essa que foi acompanhada de lágrimas e desespêro, como nossa revista já teve ocasião de documentar. A segunda fase foi de revolta, de desabafo. Vontade incontida de achar um bode expiatório e nêle descarregar tôda a bilis provocada pela perda da "Taça Jules Rimet". Os primeiros a serem atacados foram naturalmente os jogadores e o técnico. Era fácil e cômodo acusá-los como culpados, afinal não tinham sido êles derrotados no campo da luta? E lá veio uma onda de queixas, de insultos os mais ferozes contra o onze que perdera e o homem que os orientara mal. Em seguida foi atacada a entidade máxima esportiva, sim a própria C.B.D. que organizara o campeonato. Mas afinal surgiu a terceira fase, cujo proceso de evolução ainda está em andamento. Caracterizou-se pela calma e pelo raciocinio, agindo o tempo como elemento apaziguador, e a maioria começa a perceber que o futebol brasileiro não morreu, como o demonstraram os encentros verificados logo depois da derrota frente ao Uruguai. Continuam os torcedores a frequentar as praças de esporte com o mesmo entusiasmo de antes. Já agora os preocupa o torneio inicio e o campeonato da cidade. Percebem que foram injustos em atacar os jogadores e voltam a estimulá-los. Êstes, apesar de ameaçados pelos complexos e recalques que surgiram após a derrota, voltam a ter confiança nêles mesmos e temos a certeza que continuarão a empolgar a massa como a faziam antigamente.



O HOMEM QUE DISSE QUE O CAMPEONATO foi perdido na véspera, dá suas opiniões sôbre a derrota brasileira frente aos uruguaios

Justamente nessa terceira fase, quando todos estão pensando com mais acêrto e sem parcialidade, é que procuramos Flávio Costa. Não somos cronistas esportivos, mesmo porque nossa Revista não é especializada nesse assunto. Justamente por isso, por olhar o futebol de um prisma diferente e pessoal, sentimo-nos a vontade em entrevistar o técnico que conseguiu para o Brasil o vice-campeonato. À nossa primeira pergunta sôbre uma apreciação geral do campeonato, respondeu-nos:

— Como o resto dos brasileiros, lamento profundamente não havermos conseguido o titulo de campeão. Porém, ninguém pode duvidar de uma verdade: êste certame internacional foi o maior de quantos já se promoveram não só em nossa terra como no mundo inteiro. Não vencemos, mas lá fora já nos conhecem um pouco melhor e quanto ao nosso futebol, os próprios criticos estrangeiros são os primeiros em afirmar que o nosso é dos melhores. Perdemos, é verdade, mas lucramos a magnifica oportunidade de mostrarmo-nos ao mundo, pois, apesar dos pesares, o campeonato de 1950 teve um sucesso esportivo sem igual.

— Quanto ao insucesso prático, isto é, à perda da Taça, o que diz?

— Duas foram as causas principais: Excesso de otimismo e nervosismo na hora em que mais se necessitava de calma. Quanto ao nervosismo, é uma circunstncia imprevisivel, a que todos estamos sujeitos. O excesso de otimismo é fàcilmente explicável: o Brasil estava fazendo uma campanha memorável, vencendo seus rivais por largas margens, demonstrando um futebol bem superior a quantos tivemos pela frente. Apenas um susto com a Suiça, mesmo assim perfeitamente normal em futebol, onde tudo é possivel. Começaram a nos encher a cabeça com palavras bonitas, acenando aos futuros campeões. A própria critica estrangeira nos indicava como francos favoritos. Isso tirou o estimulo necessário ao último encontro. A certeza da vitória abrandou o espirito de luta. O Uruguai, pelo contrário, vinha fazendo uma carreira penosa, vencendo

(Cont. na pág. 48)

«OS ESTRANGEIROS QUE VIERAM AO BRASIL para a Copa do Mundo — disse Flávio Costa — levaram a melhor impressão do futebol aqui praticado»

FLÁVIO COSTA E DOIS AUXILIARES IMEDIATOS PARA O PREPARO DOS JOGADORES: OTTO GLORIA E O DR. GIFFONI. APESAR DE NÃO HAVER ALCANÇADO O TÍTULO MÁXIMO, O BRASIL PODE SE ORGULHAR DE SUA "PERFORMANCE"

— Ih! Maria, só você vendo o tamanho do bandido. Era grande assim — e abria os braciuhos num arco máximo que lhe era permitido. — Depois êle correu atrás de mim. Ai eu peguei num pau e bati nêle. Ai êle caiu e morreu.

— Dionê, cale a bôca. E' tudo mentira Maria.

— Não é não!

E a Maria, preta sabida, piscava o ôlho à dona Jussara, e sorria à menina. Agradava aos dois lados. Dionê, pequerrucha, sentada num banco redondo e branco, olhava a criada na limpeza da cozinha. A mãe, preocupada com outros afazeres já se irritava com as histórias fantásticas da filha.

— Você pensa que êle morreu, Maria? Não morreu não. Ai, sabe, veio um outro bandido e disse p'ra êle. "Camon amigo". E êle se levantou avançando p'ra mim. Ai eu chamei papai e nós matamos todos dois.

Visivelmente irritada D. Jussara já se dispunha a terminar com a novela. Algumas palmadas e logo após sentada numa cadeira. Por certo para não se esvair o corretivo... Mas, providencialmente, o telefone toca.

— Alô.

— Como vai seu Humberto?

Notando a voz trêmula e zangada.

— Que tem dona Jussara?

— Ah! seu Humberto! Essa menina, a Dionê, está impossivel. Agora mesmo lá na cozinha está mentindo que é uma coisa horrivel para a Maria.

— Deixe, Jussara. E' fertilidade de imaginação...

— Quê nada, seu Humberto. Essa menina é mesmo mentirosa. Nem sei o que fazer.

— Vocês são interessantes. No avô isso é talento, na menina é mentira...

O avô de Dionê era Coelho Neto, o grande prosador brasileiro. Quem nos contava isso: Georges Coelho Neto, espôso de D. Jussara e grande amigo de Humberto de Campos.

Em meio a um ambiente decorado a gôsto, a palestra decorria alegre, pausada por goles de "whiskey", que o Arnaldo Jr. sòmente bicorou.

A nossa recepção naquele apartamento do Leblon só podia ser a melhor possivel. Não que conosco houvesse simpatizado à primeira vista, como alegou depois o sr. Coelho Neto, mas que, àquela noite ganhava mais um neto. Neto pelos sete lados.

Fôramos à casa dêsse antigo amigo de Humberto de Campos a fim de colhêr algumas passagens inéditas daquele escritor, qualquer fato pitoresco ou de interêsse público. Ganhamos. E iremos transmiti-los ao leitor. Apenas alguns. Há coisas que se contam e outras que não se diz.

Era Georges Coelho Neto quem algumas vêzes levava a Humberto de Campos, no Fluminense, as anedotas para que as transformasse e incluisse em seus livros da série — Conselheiro XX.

Foi, êsse, um personagem que causou no Rio, na época em que apareceram seus livros uma larga curiosidade. Tôda gente desejava saber quem era o Conselheiro. Qual o escritor que se acobertava nesse pseudônimo. Certo dia, Humberto mandou publicar, num jornal, o retrato de um velho barbado, onde dizia ser êste o famoso autor daquela série.

Falecido Coelho Neto, com o qual tinha grande fraternidade, Humberto, inconsolável dizendo a sua espôsa, diante de Georges Coelho, filho de seu amigo: "Paquita, perdi um amigo mas ganhei um filho" o presenteou com tôda sua coleção (autografada) com dedicatórias de grande afetuosidade, numa das quais com estas palavras, que deixam transparecer a participação indireta e despretensiosa de Georges: "Ao antigo colaborador do nosso tio, o senhor Conselheiro XX".

— Queria que você visse o primeiro dia em que Hum-

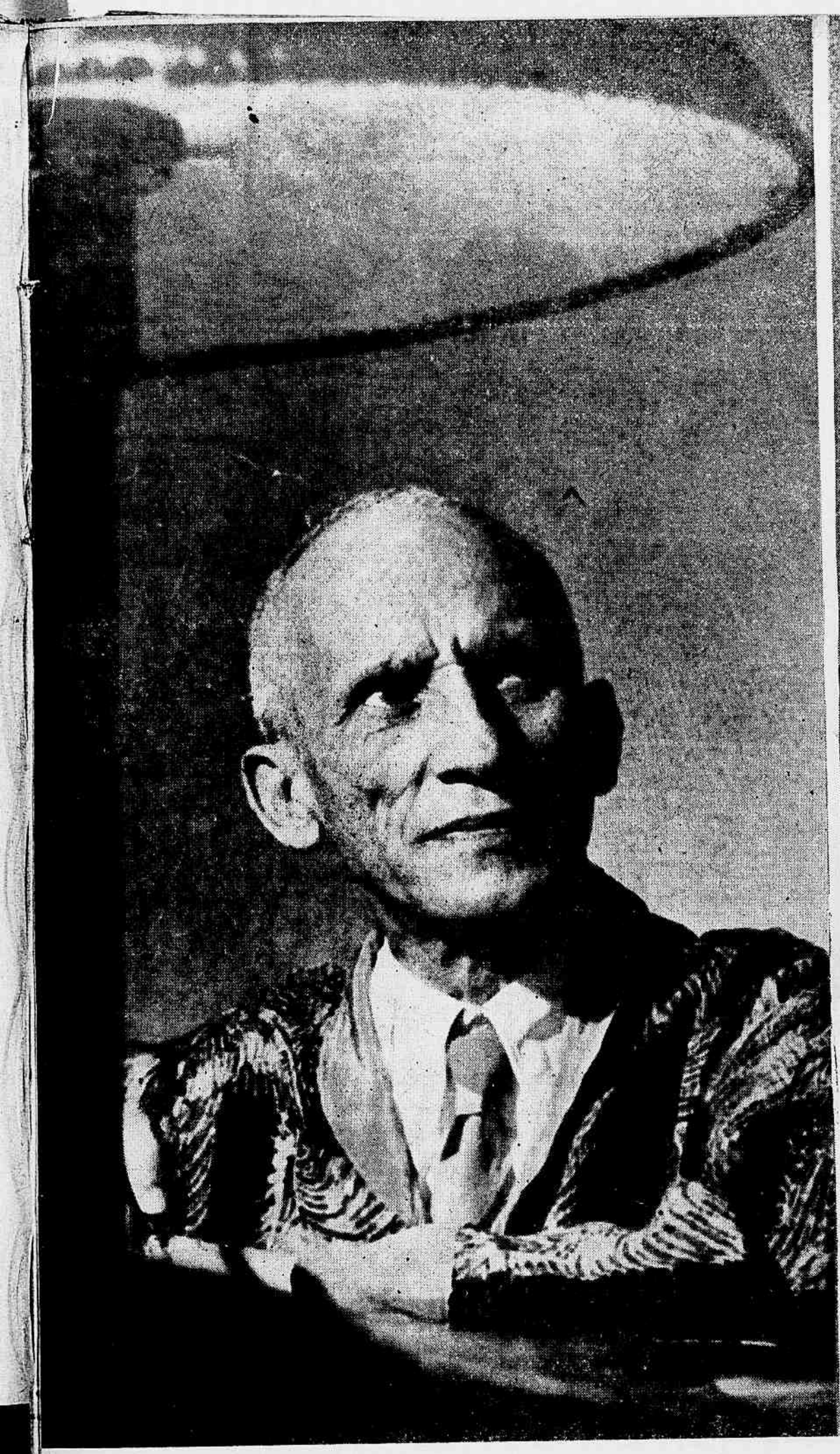
EM CIMA: O pai da radiofonia brasileira, Roquette-Pinto, paladino da ciência e ensaísta de primeira linha. Qualquer coisa da parte de Humberto, será por êle bem recebida. A direita: Cláudio de Sousa. Nem sabe o que fará se encontrar uma ironia do prosador maranhense contra sua pessoa

UMA ENTREVISTA NO CHA' DAS CINCO

NO FINAL DE SUA VIDA HUMBERTO DE CAMPOS VOLTOU-SE PARA O CRISTIANISMO ★ A EDITORA JACKSON RECUSA-SE A FALAR ★ O FILHO DE COELHO NETO CONTA PASSAGENS INÉDITAS DE SEU ANTIGO AMIGO ★ OS ACADÊMICOS NADA SABEM DE PITORESCO DO ESCRITOR MARANHENSE PARA CONTAR AO PÚBLICO

Texto de CARLOS TENÓRIO

Fotos de N. VIANA e A. VIEIRA



VIRIATO CORREIA que há tempos se encontrava adoentado não tem notícia da entrega dos originais à família de Humberto de Campos. Sendo maranhense como êste, é estranho nada nos tenha para contar sôbre êle e sua vida

E' BEM LONGE o Leblon. Mas que quietude, que ar fresco quebrado a espaços por cantigas de grilos e rãs. Só aí é que colhemos algo de inédito para os admiradores do Conselheiro XX, na palavra de G. Coelho Neto que se vê acima

berto foi lá em casa — dizia-nos. — Uma calça de flanela creme, bem apertada; sapatos brancos; um palitó azul; um chapéu de palha. Desde êsse dia ficou em nossa casa como um membro da família. Levava balas para nós e as disputava como se fôsse uma criança. "Essa é minha — dizia — aquela é sua. Não, essa aqui é minha". Ria-se e conosco se divertia. E' como diz o ditado: "Quem beija meu filho minha bôca adoça". Parece que é isso, não?

Não sabiamos, também. Nosso forte não são as máximas. Não lemos ainda o Marquês de Maricá, devidamente. Ou Salomão, através a Biblia. Infelizmente, não forramos, ainda, com suficiência, nosso espirito, com a sabedoria oriental.

— Querem tomar um uisque?

— Não, muito obrigado.

Mesmo assim trouxe e nós bebemos.

Ou a tonalidade de voz foi tão discordante da que deve acompanhar tão má palavra, ou respondemos — "Não não, muito obrigado". E, como duas negativas fazem uma afirmativa... Foi o desejo que se antecipou aos bons modos.

As entrevistas assim molhadas, sempre divagam e perdem seu cunho de estrito questionário e de pura palestra oficial. A cordialidade convida a outros assuntos. Novos contactos e conhecimentos. De quando em vez há uma identificação de qualquer facêta da personalidade. E que alegria. Lá vamos palmilhando novos caminhos, novas histórias, na palavra de um homem experimentado e que conheceu tanta gente boa. Que viu de perto Bilac, Martins Fontes, e o nosso Humberto! Que nos contou cada coisa da Academia... E a gente não pode dizer. Chegou depois o genro de Georges Coelho Neto, o capitão Leônidas, jovem e inteligente oficial, e a conversa derivou para outros assuntos. O Arnaldo arranjou um ângulo para a foto, junto de uma lareira branca, graciosamente colocada na sala, e nos despedimos, já bem tarde.

— Humberto não possuia grande apêgo a Academia. E' verdade o que você notou.

Realmente, sentimos isso após as entrevistas empreendidas no Petit-Trianon, com os "imortais". Não se depreende coisa alguma dos que lhe foram contemporâneos. Nada de pitoresco sabem, ou nos querem contar. Coisa estranha quando se atenta para o espirito irônico e franco de Humberto de Campos. Sente-se uma como que frieza diante do nome do grande cronista.

★

Ao sr. Viriato Correia entrevistamos pelo telefone e, em tais casos, não se pode fugir ao diálogo.

— Acredita que a Academia procedeu corretamente entregando os originais à familia do autor?

— Não conheço, nem sei se a Academia entregou os originais.

Vem a segunda pergunta do questionário, mesmo diante dessa resposta:

— Votou contra ou a favor?

— Quanto a votar nada posso dizer, porque não estava em sessão.

Imaginamos, então uma pergunta que, sem o desejo de visar qualquer cavalheiro, pessoalmente, a formularíamos a todos.

— Se houvesse uma queixa contra o senhor, uma ironia, ou um fato qualquer que lhe pudesse chocar, que faria?

— Seria desagradabilissimo. Mas, o que faria contra um morto? Não poderia debater.

— Lembra-se de algum fato pitoresco, para nos contar, de Humberto, alguma coisa de público interêsse?

— Nada posso dizer, por que pouco privei com êle. Só nos avistamos algumas vêzes na Câmara, quando funcionávamos como parlamentares.

★

Cinco horas da tarde. Outra quinta-feira que íamos à Academia Brasileira de Letras. Quinta-feira é o dia de sessão secreta. Dirigimo-nos ao Fidélis.

— Seu Fidélis, quer me mostrar o Cláudio de Souza?

— E' aquêle ali — disse numa voz sussurrada ao meu ouvido.

De terno cinza, camisa listrada de azul, de colarinho engomado, gravata de côr imprecisa, sapatos brancos, apresentava-se o acadêmico desejado. Logo que solicitada foi sua palavra, pediu-nos que redigisse as perguntas para respondê-las mais tarde.

— Não gosto de responder assim. Os jornalistas têm a mania de modificar as coisas, ou escrever o que a gente não diz.

Obrigado, senhor acadêmico. Quero crer que Martins Pena, que serve de patrono à cadeira que ocupa, ou Vicente de Carvalho, que o antecedeu, não pensariam assim. E Artur Azevedo? Hum... já calculou?

Contando presentemente sessenta e três anos, dez meses e onze dias, é provável já se tenha esquecido de sua atividade jornalística há quarenta e oito anos passados no "Correio da Tarde" e n' "A Cidade do Rio". Também já se vai tanto tempo e o sr. Cláudio de Souza era tão jovem... Outrossim, se àquela época eram usuais essas ma-

EM CIMA: A MESA que preside às sessões acadêmicas; à sombra do busto de Machado de Assis, nessa época, vendo-se Rodrigo Otávio Fº (lendo) e, mais atrás, o «imortal», Cláudio de Souza. Ao centro: um livro famoso sendo lido, numa foto histórica para os anais do Petit-Trianon, por cinco acadêmicos. São êles, da esquerda para a direita:

Adelmar Tavares, Rodrigo Otávio, Peregrino Jr., Pedro Calmon e Carneiro Leão. Por último, um flagrante da noite da recepção de Afonso Pena Jr. Na segunda fila, à esquerda, o acadêmico Clementino Fraga que nos deu seu depoimento

nobras, o que não cremos, hoje, a ética jornalística — que nos ensinou o Professor Múcio Leão — tal coisa não permite.

Sua bibliografia é assim distribuída, aqui e além:

Teatro e Cinema

Eu arranjo tudo — comédia de 3 atos.
Yo arreglo todo — versão espanhola.
Flores de Sombra — 3 atos; comédia.
Fiori di Ombra — versão italiana.
O turbilhão — 3 atos.
El torbellino — Tradução espanhola.
O Milharefe — 3 atos.
Oiseau de rapine — Tradução francesa.

Romance e Novela

Pater! — romance.
Pater! — versão espanhola.
A conversão — novela.
La conversión — trad. espanhola.
As mulheres fatais.
Las mujeres fatales — trad. espanhola.
Chair de peché — edição francesa.
Carne di Peccato — trad. italiana.

Era um sonho bom por que passávamos, viajando por terras azuis e céus esverdeados. Já repararam? Os sonhos têm essa propriedade: modificam as côres. Os mais belos matizes, as mais cálidas nuanças nêles são possíveis. Morfeu deve ter sido, algum dia, um pintor de palhêta soberba!

Dormia e o telefone tocou. Era o sr. Cláudio de Souza. O que primeiro nos disse foi quanto ao cumprimento de sua promessa. Que lhe seja feito, o respeito devido a sua palavra. Avisou-nos que iria resumir tudo numa só resposta:

— "A Academia procedeu como era de seu dever ao entregar as Memórias aos herdeiros, desde que Humberto de Campos apenas as deixara confiadas à sua guarda por certo prazo, sem nenhuma determinação particular. Findo êsse prazo, a Academia jurìdicamente não podia proceder de outra forma, como fundamentalmente provou com autoridade incontestável, nosso prezado companheiro Anibal Freire, Ministro do Supremo Tribunal.

Quanto ao que me pergunta a respeito do que devem ou não devem fazer os herdeiros com essas memórias, não me cabe por nenhum título o direito ou dever de opinar".

O que aconteceu é que não perguntamos nada referente ao que devem ou não fazer os herdeiros dêsses originais. Questão que, já formulada, e respondia por inúmeros jurisconsultos não iríamos fazê-la agora, novamente, sem razão que a determinasse. Não podia ser do conhecimento do acadêmico que já se fizera uma reportagem em que êsse ponto sofrêra as mais diversas interpretações.

As perguntas eram as mesmas formuladas para Viriato Correia, sôbre a entrega dos originais, a votação e o que o forçara a votar contra ou a favor, e a atitude em face de uma ironia por parte do escritor maranhense em tôrno do qual giram tôdas essas reportagens.

Ao telefone, essa última foi novamente solicitada e outra vez recusou-se:

— E' uma pergunta delicada que não quero responder. Limite-se a publicar como resposta só o que disse. Não me pergunte mais nada.

Agradecemos a mais êsse imortal das letras do Brasil.

★

O pequenino elevador para quatro levou-nos ao chá das cinco da Academia. Deparamos com o poeta pernambucano Múcio Leão. E' êle o sucessor de Humberto de Campos na Academia. Em face dessa contingência, fomos falar-lhe. Foi lacônico. Não podemos afirmar se é uma condição de temperamento, ou se a figura literária e moral de Humberto não encontra éco no espírito dêsse escritor ilustre.

Acredita que a Academia andou bem entregando os originais. Votou, em consequência, a favor, porque considera um direito que assiste à família como herdeiros, e a Academia nada tinha a se opor.

— Pouco conheci de Humberto de Campos, a não ser quando êle visitava o "Correio da Manhã", onde eu trabalhava (e, ao que sabemos, o substituiu na coluna crítica daquele jornal). Porém, o que de mais interessante existe é que foi êle quem me indicou para substitui-lo na Academia.

★

Mais além, estava mestre Roquete-Pinto. De echarpe azul, já bastante curvado, andando pelos sessenta e poucos anos, que já lhe pesam, cremos, como se fôssem noventa. Sempre que se fala em Roquette-Pinto, ligando a êsse nome o de uma estação de rádio, imagina-se sòmente o pioneiro da radiofonia no Brasil, ou quase nada. Mas, mestre Roquette é, além disso, um cientista conhecido em quase todo mundo, condecorado por inúmeros países europeus, cavalheiro da Legião de Honra da França. Autor de inúmeros ensaios científicos e de obras como "Seixos rolados" e "Glória sem rumor".

Também crê que a Academia procedeu corretamente, não votando, embora, porque anda adoentado e não compareceu à sessão.

— Como receberia uma crítica ou ironia da parte de Humberto, por acaso existente? Não o sabemos.

— Bem. Qualquer coisa que parta de Humberto sempre

receberei com satisfação. Fui seu amigo, e, creia que todos que assim foram, dêle só guardam saudade.

Prosseguiu ainda, forçado pela segunda pergunta:

— O fato pitoresco, pròpriamente, não sei. Lembro-me que, certa vez, me fêz uma caricatura com dois versinhos, muito interessantes. Mas, no momento, não me recordo.

★

ALOYSIO DE CASTRO

— Acredita que a Academia procedeu corretamente entregando os originais à familia de Humberto de Campos?

— Sim.

— Votou contra ou a favor?

— A favor.

— Se houvesse na obra, publicada na integra, uma ironia, alguma queixa ou qualquer coisa que lhe pudesse chocar, que faria?

— Indiferente.

A principio, o académico respondeu-nos normalmente, dando-nos essa subida honra. Daí a instantes, voltou-se — está sem o tradicional bigode. Os cabelos do sr. Aloysio, primos em primeiro grau dos do ministro Ataulpho e também daqueles do sr. Cláudio de Souza, estão ruivos. Tudo americanizado, tudo muito "chic".

— Dê, sòmente, essas respostas, e nos instruiu com aquelas três que transcrevemos acima.

Seja feita vossa vontade.

★

Outro que só nos foi possivel ouvir através o aparelho telefônico: Luiz Edmundo. O cronista de "O Rio de Janeiro do meu tempo", sempre lido e admirado.

Reside presentemente na Tijuca e, certamente escrevia quando, no domingo à noite, uma pessoa da casa o chamou para atender o telefone.

— Quem é?

— Disse que é um repórter da REVISTA DA SEMANA.

— Ih! La vem xarope. Êsses camaradas por qualquer coisinha fazem um bicho, e vêm amolar a gente.

— Alô, bom dia (eram dezenove horas). Ah!, sim, como vai? E', eu não tive tempo de escrever aquilo que me pediu e, na quinta-feira, passei cedo pela Academia, mas, amanhã, à tarde, eu lhe entrego. Não tem mais tempo à tarde? Só pode ser na parte da manhã? Hum... Está bem pode fazer, mas são só três perguntas, não?

— Sim, concordei com a entrega. E votei a favor da idéia. Por que? Porque se devia dar aos herdeiros o direito de publicar ou não os originais, como herdeiros materiais e intelectuais que são.

— Como? Se houvesse alguma queixa? Aceitaria muito bem.

— Olhe, apesar de haver sido muito amigo de Humberto, e de sempre andarmos juntos, não me ocorre, no momento, qualquer fato pitoresco como pede. Humberto andou bem esquecido, não sendo levado muito a sério quando vivo. E, sómente hoje reconhecem seu valor, relendo sua obra. Reconhecido como um dos luminares de nossas letras foi, como João do Rio, bastante olvidado. E resuma isso o mais possivel, ouviu? E' só? Está bem, até logo. De nada.

★

Clementino Fraga foi ,juntamente com o dr. Paulo César, o médico habitual de Humberto de Campos. Quando o procuramos encontrava-se sentado na biblioteca da Academia ao lado do Ministro Anibal Freire, eleito, se me não engano, em mil novecentos e quarenta e oito, para o "fauteuil" número três, e, não obstante seu provável conhecimento com o escritor maranhense não lhe foi contemporâneo na Academia e, portanto, pouco nos poderia dizer da ação de Humberto na Casa de Machado de Assis. Retirou-se o Ministro e ficamos a sós. Levamos a palestra para o mesmo caminho das demais entrevistas.

— Eu fui o defensor do projeto de entrega dos originais aos herdeiros de Humberto. Não havendo documento de desejo expresso, por êle deixado, claro que, à familia, cabiam os manuscritos. Por isso votei a favor. E a outra pergunta, qual é?

O leitor, por certo, já se lembra. Prende-se à ironia possivel do brilhante autor maranhense, contra qualquer dêles. Fizemos a outra. E recebemos uma bela resposta.

— Nada faria. Diga o que disser, a minha maneira de ver Humberto, e minha atitude em relação à sua memória, jamais se modificará. Lembro-me que, antes de ser seu médico, certa vez, escreveu dois tópicos sôbre minha pessoa, com pequenas ironias, mas não liguei... Continuarei a cultuar a memória de Humberto.

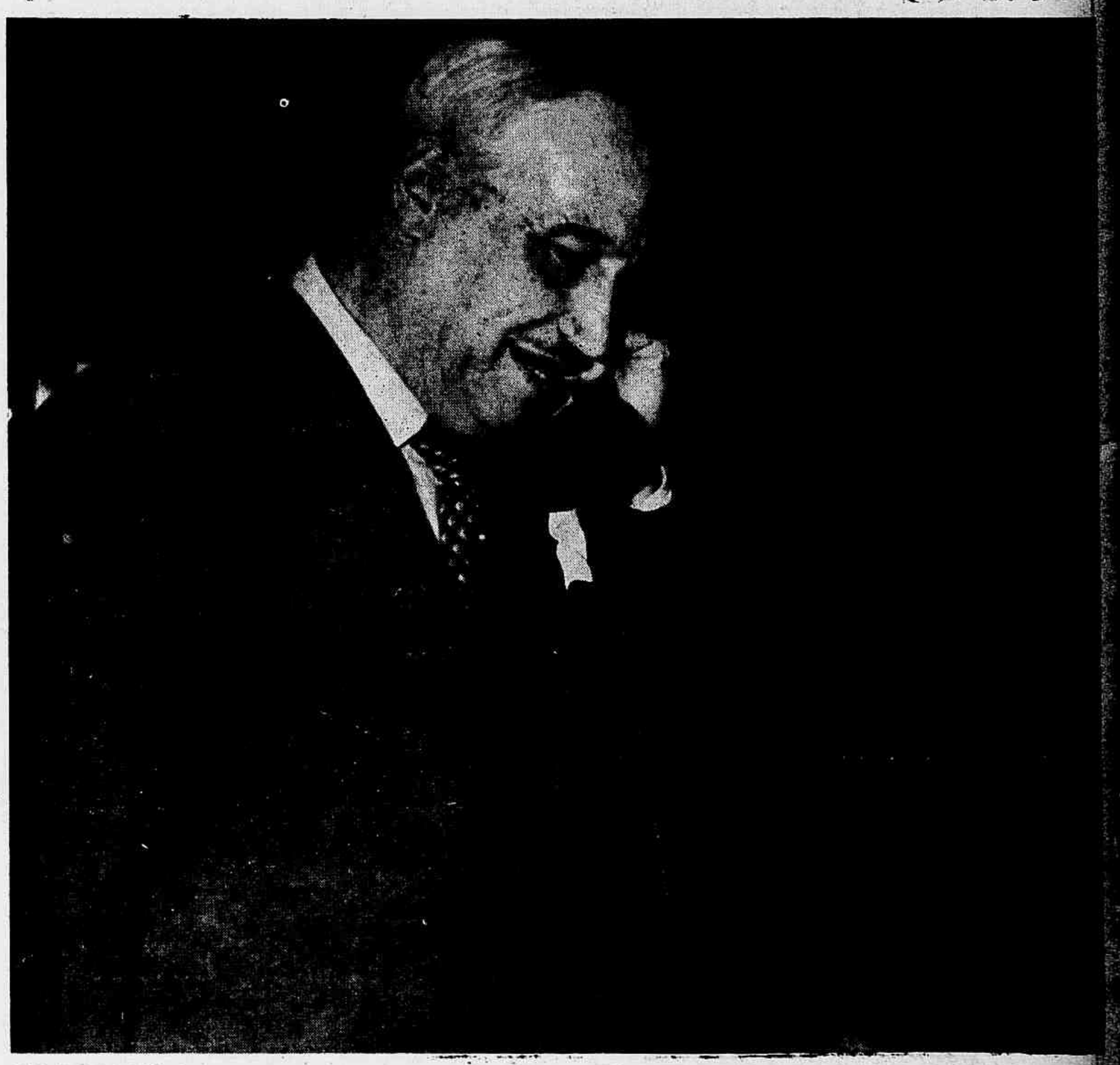
O fato pitoresco, dr. Clementino, não sabia, não. Mas de interêsse público garantimos que sim.

— Pròpriamente, não me recordo de fato pitoresco, mas se o senhor quer um de público interêsse, posso dizer que Humberto no final de sua vida aproximou-se do cristianismo. E sensivelmente. Acompanhei isso bem de perto, até sua morte...

★

Procurado pela reportagem, o gerente de W. M. Jackson Inc., sr. Sabátino Maffei, recusou-se a uma entrevista, alegando que pouco sabia acêrca dêsse assunto ou de contrato, pois nem conhecia os originais. Convidava-nos a voltar daí a um mês. Até parece que sabe mais do que pensávamos...

A DIVINA COMÉDIA de Dante, em antiga edição italiana, está aberta na biblioteca da Academia Brasileira. A ela achegaram-se Múcio Leão — o sucessor de Humberto de Campos — e Rodrigo Otávio. Sempre jovial atendeu o telefone, com uma pilhéria nos lábios, como é seu hábito, Luís Edmundo



CONFLITO

CONTO DE YOLANDA CARNEIRO RIBEIRO LORENZATO

ERAM quatro horas da manhã, abafada manhã de verão carioca! Ana Luiza desceu, pé ante pé, a escadaria atapetada de veludo vermelho, acautelando-se para que o mais leve ruído não perturbasse o silêncio pesado das horas de quietude integral. No palacete estilizado dos pais em Copacabana, a família repousava; no quarto contíguo ao seu, Ana Maria, sua encantadora filinha de três anos, dormia tranquila às vistas da antiga governante. No quarto em baixo seus velhos progenitores; ouvia-lhes o roncar profundo, quebrando o silêncio inexpressivo das coisas aparentemente mortas. Ana Luiza espreitou-os à porta. Dormiam como santos em nicho de divindidade. Seus boníssimos pais! Estranho! Como conseguiram, por quase meio século, gozar dêsse encantamento despreocupado dos seres que se amam e que se sentem plenamente felizes? E ela? Ainda jovem, sentia-se prematuramente envelhecida. O espírito, que tem, provavelmente, a idade da matéria e que dela se desprendendo a vence na corrida dos anos, vivera dez mais do que lhe apresentava o físico. Como fruta temporã amadurecera-se-lhe a alma. Porque? Estravagância? Excentricidade? Snobismo de moça demasiadamente mimada? Influência de vamps standartizadas?

Exagerado modernismo, fruto de leituras clandestinas? Exquisito!

Não lhe faltava coisa alguma! Amor, posição, saúde, confôrto material, eram prendas que os deuses pródigos lhe haviam tributado compensadoramente. Entretanto atormentava-se em vão, por não encontrar a ponta da meada. Sentia-a embaraçada como a própria vida. Era como se estivesse num rio sem jámais alcançar a margem, por mais que nadasse. Um rodemoinho de águas embaciadas que lhe turvavam o pensamento, arrastando-o na correnteza, perdendo-o no abismo. Sentia-se perplexa, insatisfeita com tudo, com todos, consigo mesma. Era como se tivesse em si chama crepitante que não lhe permitia frustrar-se a si mesma, queimando-a. Almejava a quietude das cinzas!

Quatro horas! Sem conseguir conciliar o sono, Ana Luiza as contara lentamente, fitando seu moderno "Swiss Cyma", marcando-as no recôndito da memória as badaladas repetidas pelo éco impiedoso. Umas risonhas, outras tristes, horas que nos impelem de um lado para outro, com pêndulo de relógio, espreitando-nos os movimentos incertos de Marionettes atadas à invisível corda do Destino. Simples fantoches humanos que somos, representando, com singularidade, dramas e comédias no teatro da vida! Seria o calôr que a fizera insone e que a asfixiava ao ponto de lhe envolver o pensamento em absurdos sofismas? Nem mais havia um "Hollywood" para que se lhe esvoaçassem as idéias taciturnas! Necessitava de ar! Ar, que lhe bafejasse o espírito, envolvendo-lhe a razão nessa calma aparentemente feliz e desejada a seus nervos intensamente abalados! Ar! De salto, Ana Luiza deixou a cama. Metida na simplicidade de um vestidinho de alças, calçando sandálias gregas, ostentando a cabeleira sôlta como a de colégial em férias, a loura, a personalíssima senhora Lauro de Andrade, figura festejada e elegante das rodas mundanas, abriu democraticamente a porta lateral, trancou-a novamente por fóra e, depositando a minúscula chave no bolso da toilete esportiva, saiu pelo jardim ornamentado de cravos.

Ar! Até que enfim! Respirou-o profundamente, como a fazia em aula de cultura física. Um, dois; um, dois; ar, outra vez. Lembrava-se das lições de física e química que assistira, flértando os colégas da classe.

H 2o, hidrogênio, oxigênio, amor e otimismo, combinação essêncial à uma vida feliz. Fez-lhe bem a brisa marítima! Até blague fizera! Como injeção de morfina, acalmou-lhe os nervos. Que bom seria andar-se na práia de areia movediça, assim sòsinha, ao léo da sorte! Atravessou a Avenida asfaltada; passou por um, ou dois bancos de pedras que lhe marcaram, para a direita, a distância da casa; em passos leves, quais os de dansarina em primoroso bailado, cruzou o calçamento de pedras preta e branca, caprichado taboleiro de xadrês e, zás, a dama sem o rei, pulou para a areia da práia. Voltou-se para contemplar, num relance, a iluminação que a contornava, ponta a ponta, dourando-a em esplendente apoteóse de luz!

Mirou os carros que, de quando em vez, passavam rentes ao calçamento com os casais clandestinos aconchegados, segredando, entre si, juras de amor. Riu-se do próprio pensamento. Malicioso? Cético? Talvez... apenas sincéro: luxo, dinheiro e amor, gramas de cocaina a que a humanidade, quando enfêrma de coração e de espírito, não prescínde, aspirando-a, dia após dia, envenenando-se, lenatmente, nos Cassinos, nas boites, alhures, apressando-se na marcha ao letargo final de um mundo demasiadamente materialista. "Nem tudo pode ser feito sob medida", completou o pensamento, dando de ômbros. Estirou-se na areia humedecida da práia, deserta, ósculo de mãe à filha, em despedida saudosa da maré que se esvai, vazando.

Lá ficara, a se filtrar pelas persianas do quarto, a luz que deixara acesa, enlevada por certo, nas páginas do romance que lêra. Sempre fôra assim, distraida, distante, enquanto a imaginação poética viajava à lua, preocupada em prescrutar-lhe os segrêdos para desvendá-los em rimas.

Quanta vez o espôso, controlando o impulso dos nervos, como a regular complicada mola de algum maquinismo da usina, a chamara; a voz no silêncio da noite ressoando forte, assustando-a: "vamos, Ana Luiza, apague a luz e venha deitar-se". Deitar-se, sim, mas agora, alí, na areia da práia, por horas de divagações perdidas, embalada pela cantiga do mar amigo!

Dêsde pequena, em seu longínquo torrão natal, possivelmente à beira-mar, a excêntrica bonequinha de Albion, como a chamavam, contraíra o hábito de acalentar as máguas nos braços protetores da Natureza mãe.

Nela, seu despretencioso "Corambé", o deus intelectual, a consolava dos aborrecimentos quando alí se refugiava, buscando a paz de espírito num mundo maravilhoso e impenetrável aos estranhos. Pujante e acolhedora natureza, sois a embaixada a proteger a humanidade sofredora nos seus conflitos e dramas sentimentais. Dela sois, portanto, a mais leal das amigas. E agora, por capricho do Destino, Ana Luiza alí estava, outra vez, paradoxalmente infeliz a extravazar com a amiga, tôda em festas pela alvorada prestes a raiar, o fel contido em seu jovem coração amargurado. Em retrospécto da vida, fizera-lhe a confidência do romance de amor, cujo epílogo culminara no casamento com o jovem industrial Lauro de Andrade. Lembrara-se das vaticinadoras palavras da mãe, proferidas no dia do enlace: "que sejas feliz, minha filha, é o que te almeja o velho coração de mãe. Bem sabes o quanto nos é cara tua felicidade. Para alcançá-la, porém, é necessário que renuncíes à liberalidade do pensamento, à independência temperamental ao exagerado romantismo com que tua imaginação de adolescente, arrebatada, deturpa o real sentido das coisas.

Para que sejas feliz, minha filha, urge que abdiques do reinado de súditos falsos e que te submetas, em perfeita comunhão espiritual, às ideias e aos princípios daquele que, pelo casamento, elegeste para companheiro de vida". Singularíssimo consêlho! Era como se ela, a altiva Ana Luiza, tivesse que vestir, tomado por empréstimo, seu próprio vestido de noiva, transformando-se inteiramente. O espírito não lhe seria o seu, mas a reicarnação de outro, muito mais docil e compreensivo. Dêste modo, entretanto, não lhe seria possível reconhecer-se e viver para se redimir dos êrros. Quantas renúncias e sacrifícios a metamorfosear-lhe a alma para ir assim, fantasiada, como a baile de máscara, ao encontro dessa irreverente Colombina, a felicidade? Paradoxal! Quase a detestou. Não, isso nunca. Desejava obtê-la, a tôdo custo. Sabia-o, perfeitamente. Ana Luiza amava o espôso. E assim, renunciando a seus complexos — seus súditos falsos, como dissera sua mãe, ela se transformaria, sendo apenas a meiga, boa e compreensiva espôsa de Lauro de Andrade. Que o arquiteto amoldasse o barro e lhe desse a fórma da perfeição desejada. Seu consórte, porém, o capitalista L. Andrade, tanto o elegante "causeur" dos salões, quanto o dinâmico "business-man", o industrial que, sempre engolfado em seus mil e um "affaires" se distanciava em continúas viagens, pelos quatro pontos do quadrante, amava-se a seu modo, ou melhor, desejava-a. Não mais lhe representava ela a espôsa fiél e dedicada de tôdos os momentos, mas a mulher elegantíssima de quem se orgulhava socialmente, a amante de corpo diabolicamente perfeito que o excitava, embriagando-lhe os sentidos.

Jámais lhe procurara conquistar o coração emotivo, sondar-lhe o espírito brilhante, transformando-a na devotada colaboradora e amiga.

Para que? Ela lhe seria apenas a bonequinha mimada, a quem não faltariam régios presentes da sorte. Ademais, ela lhe pertência e era o bastante. E o triunfo aparente dêsse par privilégiado fôra completo na sociedade carioca. O sr. e a sra. Lauro de Andrade eram figuras obrigatórias e requintadas das reuniões mundanas. Viam-nos por tôda parte, nas Boites, nas Estações de veraneio, nos réveillons, na Quitandinha, nas recepções do mundo elegante, sempre o alegre par, aparentemente muito unido, a sorrir um para o outro, como a repetir o "slogan" do ébrio do amor: "sou muito feliz, muito feliz com meu amor!" No entanto, quantas barreiras ignoradas dessa platéia indiferente, os separavam um do outro! Que naturezas antagônicas a impulsioná-los ao abismo de turbilhão insondável!

A vida lhes representava, apenas, a esféra de cristal prestes a se despedaçar no precipício! Que sentimentos opostos em torturoso e perene conflito de alma! Ela, delicada, emotiva, espiritual, romântica e coração. Êle, impulsivo, realista, dinâmico, cérebro e ação. E assim, viadando por caminhos opostos, a alma independente, indómita e leal de Ana Luiza, sentindo-se livre, reencontrou-se a si própria. Contudo estava triste, diante do indiferentismo e incompreensão da outra, antagônica à sua!

Dessa que, apresentando-lhe barreiras difíceis de transpôr, nessa batalha precisamente desigual,

(Continua na pág. 46)

ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO DA CUNHA

GREGÓRIO BARRIOS

BALZAQUEANO E ESPANHOL DE NASCIMENTO

HISTÓRIA DE UM JOVEM IRREQUIETO QUE SE FÊZ CANTOR ★ TROCOU O GÊNERO CLÁSSICO PELO POPULAR ★ JÁ GANHOU UMA FORTUNA COM A VOZ ★ CERTA OCASIÃO, AS FÃS OBRIGARAM-NO A SAIR PELO TETO DA EMISSORA

Texto de MILTON SALLES

A vida de um cantor famoso é como uma engrenagem de mil rodas que giram incessantemente as vinte e quatro horas do dia. Da rádio ao ensaio, do ensaio à "boite", da "boite" a algum compromisso surgido à última hora e daí novamente para os ensaios, com um breve intermédio para um pequeno descanso. Gregório Barrios, que brilha no firmamento artístico com a luz de um astro de primeira grandeza, gira aceleradamente nessa órbita que sua popularidade criou. Porém, quando o procuramos para esta entrevista, êle não se fêz de rogado, nem assumiu a pose característica de alguns cartazes estrangeiros que nos visitam.

— Perdoem-me se os recebo assim — e anquanto falava dava o laço no "robe de chambre" — pois se eu o fizesse de outra maneira não me sentiria à vontade.

Foi uma singular coincidência que permitiu ver um aspecto que não é inteiramente desconhecido da personalidade do criador de "Dos Almas": a simplicidade.

UM VETERANO JUVENIL

Gregório Barrios é "alguém" no mundo do bolero, é alguém quase aos quarenta anos, depois de lutar bastante para acertar. Nascido em Bilbáo, na Espanha, muito jovem ainda transportou-se para a Argentina, que êle adotou como a sua segunda pátria. Voluntarioso, com a cabeça cheia de planos irrealizáveis, frequentemente deixava a família para dedicar-se aos mais diversos misteres. Assim, foi de tudo um pouco. "Boy" de teatro, escriturário, chefe de turmas, encarregado de diversas companhias, culminando por ser engenheiro. Quase sempre, depois de uma aventura mal sucedida, tornava ao lar. E invariàvelmente deixava a casa paterna em busca de aventuras, na ânsia de ser independente, embora descendesse de gente de recursos.

Num dêsses vai-e-vem, foi aconselhado por um amigo a dedicar-se ao canto.

— Talvez assim você perca essa mania de andar daqui p'ra ali — disseram-lhe.

Êle ouviu tudo calado. Matutou bastante — passou uma noite inteirinha pensando nisso — e, no dia seguinte, tomou uma deliberação: iria estudar canto.

Procurou um professor de música erudita e dedicou-se aos estudos de corpo e alma, disposto a levar a cabo o que, para êle, não passava de um novo plano a ser realizado. Estudou durante quatro anos, findo os quais descobriu que a sua vocação não era o gênero clássico, mas o popular, o que dá alegria e agrada às massas. Dêsse modo, começou a interpretar canções aqui e ali. Embora suas interpretações não conseguissem chamar a atenção para o seu nome, conseguiu ingressar no rádio. Pouco tempo depois, dedicou-se à interpretação de boleros, ritmo que estava bem de acôrdo com o seu temperamento sonhador. Fêz algumas gravações e figurou no "cast" de diversas emissoras argentinas. Sua grande oportunidade, porém, surgiu quando êle gravou "Dos Almas", que fêz tanto sucesso que até se tornou paulificante. Daí para cá, sua carreira tem sido uma sucessão de êxitos.

— Os anos passaram — disse-nos Gregório, e os primeiros cabelos brancos de sua cabeleira nigérrima como que confirmam suas palavras — minha vida se modificou bastante, mas não deixo de ser sonhador, de tornar a fazer planos, de almejar viver novamente um pedaço da minha juventude. Os meus afazeres artísticos, porém, não o permitem. Por isso, se me fôsse dado escolher o meu destino, ao invés de cantor eu desejaria ser andarilho.

Não resta dúvida, o intérprete de "Luna Llunera" é um veterano juvenil.

O ÚNICO ARTISTA DA FAMÍLIA

Gregório é muito palrador. Não se nega a responder às perguntas que lhe são feitas nem assume poses quando palestra. Fala naturalmente, como se fôssemos conhecidos de longa data. Por isso, nossa tarefa foi bastante facilitada.

Quisemos saber qual fôra a maior emoção de sua carreira artística.

— A maior emoção, não só de minha carreira, mas de tôda a minha vida, eu a tive no dia em que fui atuar numa emissora do interior da Argentina. Quando saltei do carro para entrar no estúdio, vi uma grande aglomeração, mas não dei muita importancia ao fato, pois me ini-

(Cont. na pág. 49)

GREGÓRIO BARRIOS, o querido cantor de boleros, ao microfone de u'a emissora carioca. Nascido em Bilbao, na Espanha, viveu quase sempre na Argentina, onde se naturalizou. Porém não canta tangos, pois diz que sua voz não permitiria que pelo menos igualasse o famoso Carlos Gardel

ADORA O BRASIL, que conhece há tempos, tendo preferências pela natureza exuberante e pelas «brasileñas», as mais bonitas que viu

NUMEROSA é a correspondência diária que o cantor recebe. Em resposta, assina e remete numerosas fotografias autografadas aos fãs

SEJA talvez por isso que muitos desistem, logo no princípio. Transpor a porta do seminário é morrer para o mundo... e, até mesmo, para as famílias, pois estas só uma vez por mês podem visitar os alunos.

Não forçamos os descontentes; pelo contrário, até aconselhamos aos indecisos a desistirem enquanto é tempo. Mantemos, mesmo, uma instituição especial intitulada — OBRAS DAS VOCAÇÕES SACERDOTAIS — exclusivamente para estudar as vocações dos alunos no período inicial. Do parecer dessa depende a permanência no seminário.

OS ESTUDOS

Agora quem nos informa é o padre Vital Cavalcanti, ecônomo do seminário.

— Os estudos são divididos em dois ciclos: o primeiro, para os que já têm o curso primário completo, compreende as humanidades, ou seja: o curso ginasial eclesiástico, que não é reconhecido pelo govêrno, feito em 6 anos. Nesse primeiro ciclo estuda-se línguas (com predominância da latina), física, química, ciências, história e matemática.

Êsse curso pode ser feito nas dioceses existentes nas principais cidades e capitais do país.

O segundo ciclo, compreende o chamado curso superior, que tem a duração de 7 anos, assim divididos: 3 anos de filosofia e 4 de teologia. Só pode ser feito nas arquidioceses.

Nos últimos 4 anos, quando os seminaristas estão cursando sòmente teologia, e que já são quase padres, há maior independência e, consequentemente, menores obrigações; mas, todavia, há maior recolhimento espiritual. Nessa altura dos estudos o futuro sacerdote já tem um vasto cabedal de conhecimentos e já não é preciso tanta vigilância, como a que o seminário mantém para com os noviciados.

AS ARQUIDIOCESES

— São poucas as arquidioceses existentes no Brasil. Apenas Minas Gerais possui 3, que estão localizadas em Mariana, Diamantina e Belo Horizonte. Os outros Estados que têm arquidioceses são: Espírito Santo; Pará; Pernambuco; São Paulo, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.

★

De tôdas a que visitamos é, sem dúvida, a mais importante; não só por estar situada na Capital da República, como também pela organização e aparato que apresenta.

Num majestoso prédio de seis andares, com espaço e confôrto em abundância, situado na Avenida Paulo de Frontin, no sopé do morro do Sumaré, está localizado o Seminário Arquidiocesano São José.

Há duas grandes portas de frente. Uma delas, a que fica à direita, só é aberta para receber os que entram para o seminário. Há um desenho litografado em azulejos representando Nosso Senhor Jesus Cristo, entre os seus apóstolos, dizendo a um forasteiro: — "VEM, SEGUE-ME".

Essa parábola bíblica significa que O CRISTO convida o cristão a aprender os mistérios da sua doutrina...

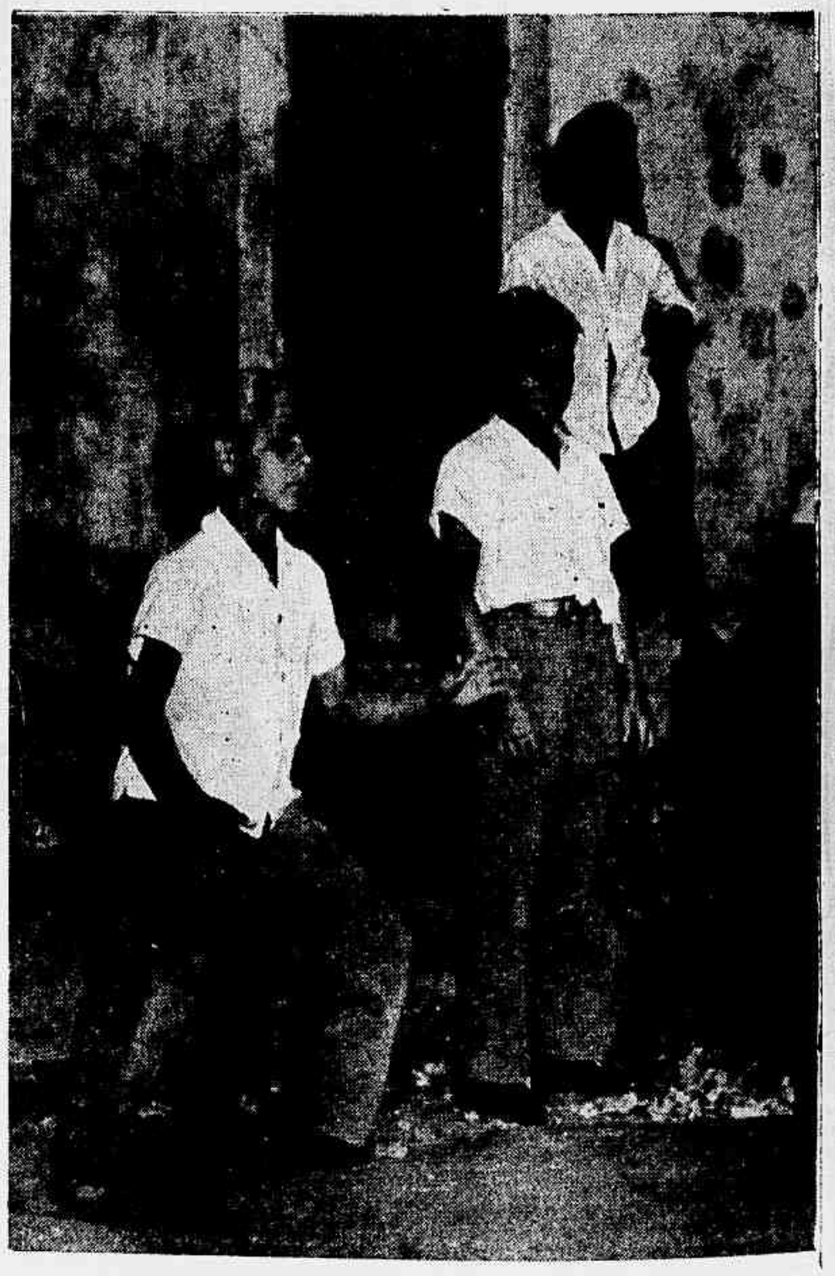
Uma vez professado, isto é, uma vez padre, aquêle que estêve 13 anos enclausurado no seminário, deve sair pela porta que fica à esquerda. Ao sair, entretanto, êle terá de ler esta outra inscrição: — "IDE E ENSINAI".

«VEM, SEGUE-ME» — Esta é a legenda que se encontra à entrada da porta do Seminário Arquidiocesano São José. A criança entra por uma porta; passa 13 anos no seminário, e, quando padre, ao sair por outra porta tem forçosamente que ler esta outra inscrição: «IDE E ENSINAI»

ÊLES SERÃO PADRES AMANHÃ...

COMO É A VIDA NO SEMINÁRIO ★ MÉDICOS, ADVOGADOS E PROFESSÔRES QUE ERRARAM A CARREIRA BUSCAM A MANSÃO DOS JUSTOS ★ "A OBRA DAS VOCAÇÕES SACERDOTAIS" E O CRITÉRIO ADOTADO PARA A ADMISSÃO DOS ESPÍRITOS JÁ AMADURECIDOS ★ O COLÉGIO PIO-BRASILEIRO, EM ROMA, A UNIVERSIDADE GREGORIANA, AS VOCAÇÕES PRIVILEGIADAS E A FORMAÇÃO DE BISPOS E ARCEBISPOS

Texto de ABDIAS RODRIGUES — Fotos de ARNALDO VIEIRA JÚNIOR



EIS AÍ O ÉMULO DE BARBOSA: um seminarista em atitude bem expressiva. Será que vai haver tento?... Qual

No andar térreo encontram-se a portaria e várias salas-cabines destinadas às visitas. Nos segundo e terceiro andares estão os quartos-apartamentos dos professôres e seminaristas.

Os demais andares são destinados às aulas, sendo que no quarto há aulas diversas; no quinto só filosofia; e no sexto teologia.

O seminário foi fundado pelo quarto bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Antônio de Guadalupe, por provisão de 5 de setembro de 1739, "na forma do Concilio Tridentino". E' cronològicamente o primeiro do Brasil. Fôra localizado primitivamente na encosta do ex-morro do Castelo.

Os bispos e arcebispos do Rio de Janeiro sempre cuidaram, com especial carinho, desta instituição, cuja história apresenta duas fases bem distintas. Na primeira sobressaem os nomes de Dom Manoel do Monte Rodrigues de Araújo e do Vigário Capilar, na longa vacância. Após sua morte, Monsenhor Félix Maria de Lacerda que em 1869 entregou aos padres Lazaristas a direção da casa. Com Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti o seminário voltou a ser regido pelo clero diocesano (1901) e com separação rigorosa entre os leigos e os eclesiásticos. Em 1807, ainda com Dom Joaquim, veio de fechar as suas portas, por falta de seminaristas e de dinheiro.

A segunda fase data de 1924 com a reabertura, em Paquetá, promovida e atuada por Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, então arcebispo-coadjutor. Sòmente, porém, em 1932, se retornou ao antigo prédio no Rio Comprido. Em todo êste periodo apenas vigoravam nesta arquidiocese os cursos de seminário menor. Coube ao Exmo. Sr. Cardeal Dom Jayme de Barros Câmara, reabrir o seminário maior, em 1944. A êle também se devem outras iniciativas da maior importância como a construção do grandioso prédio.

ORIENTAÇÃO DOS CURSOS

— Os cursos são reformados de 5 em 5 anos por ordem do Vaticano — informa de novo padre Vital. Da Santa Sé vêm as ordens e as inovações que periòdicamente são introduzidas. E, daí a falta de interêsse que a Igreja Católica tem para com o reconhecimento de seus cursos pelo govêrno. Aliás, essa é uma praxe adotada em tôdas as partes do mundo.

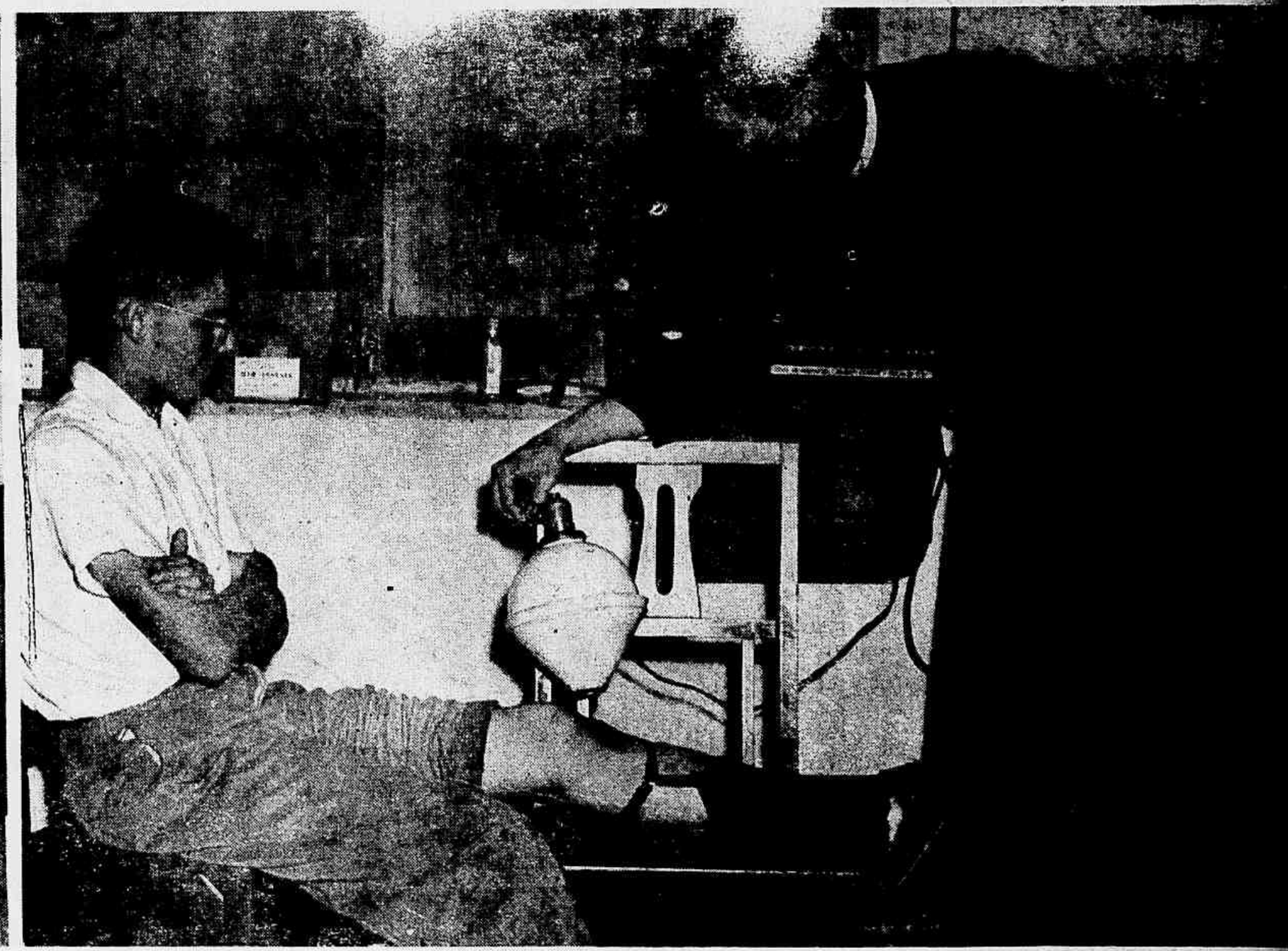
6.000 PADRES E 300 BISPOS E ARCEBISPOS

— Cresce dia a dia o número de padres no mundo inteiro. Apenas no Brasil o número existente é irrisório para a população. Temos aqui, ao todo, 210 alunos, sendo 45 seminaristas pròpriamente dito, isto é, que já estudam filosofia e teologia.

Êstes ano serão ordenados novos padres. Dentro de 8 anos serão bem maiores as ordenações. Já estão se revelando as vocações tardias. Homens com mais de 24 anos de idade vêm diàriamente nos procurar para entrar para o seminário. Médicos, advogados e professôres, que erraram a vocação têm vindo bater à porta do seminário. Todavia, o nosso critério de admissão é muito severo; mormente para com êsses caracteres já amadurecidos, já

OS TEMPOS MUDARAM. Nos seminários modernos como o que visitamos pratica-se esporte e alguma diversão. Na gravura acima vemos seminaristas disputando uma partida de xadrez. Um dêles sorri satisfeito porque prevê o xeque-mate em dois lances

nada! O rapaz é mesmo o tal. Nem mesmo um tiro do Jair passa entre os dois paus. Poderão dizer que a batina atrapalha, mas que nada!



O AMBULATÓRIO DO SEMINÁRIO funciona sempre que é necessário. Na gravura acima vemos o padre Vital Cavalcanti fazendo aplicação de banho de luz num aluno do seminário menor. O jovem fôra contundido quando jogava foot-ball com seus companheiros

NA SALA DE MÚSICA é ministrada uma lição a um futuro padre. Disse-nos o sr. reitor: a educação tem que ser completa. Aqui se aprende tudo; tanto a cozinhar como a tocar piano. E' preciso que os futuros ministros da Igreja tenham conhecimento geral

BOLA AO CESTO!... Gritavam os assistentes. Mas o adversário estava atento. E a bola sobrou... Mas nem por isso houve desânimo na luta. Pelo contrário, foi redobrado o entusiasmo. E no final foi o que se viu — vitória esmagadora

formados. Preferimos mais os que estão em formação. São mais moldáveis, mais submissos.

Êsses que erraram a vocação é que fazem crescer o número de médicos, que sobe a 6.000 só no Distrito Federal e o de advogados que está acima de 7.000; enquanto o número de padres é de 500 aqui no Rio e de 6.000 em todo o Brasil. Os bispos e arcebispos não ultrapassa de 300.

COMO SE FAZ UM BISPO

— A maioria dos seminaristas são de famílias pobres. Uma vez reconhecida a vocação dêstes, a Igreja os mantém no seminário, independentemente da mensalidade instituída para os que têm recurso.

Os alunos distinguidos, a "elite", vão estudar na Universidade Gregoriana, em Roma. Para isso o Episcopado Brasileiro mantém, na Cidade Santa, o Colégio Pio-Brasileiro — sob a direção de jesuitas eclesiásticos, do clero secular, isto é, em oposição ao regular.

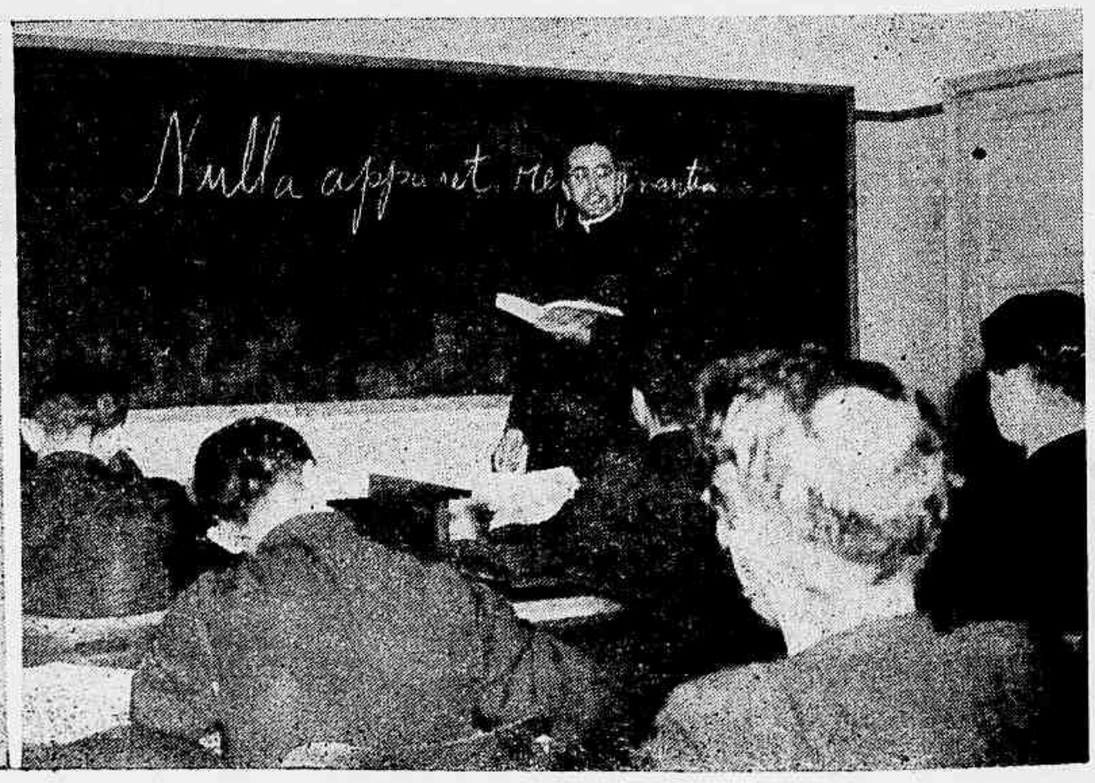
— Vale a pena frisar — acentuou padre Vital — que nesse particular nós estamos soberanamente acima dos nossos irmãos sul-americanos. Quase todos os países da Europa têm um colégio católico em Roma. Das Américas sòmente o Brasil e os Estados Unidos da América do Norte têm colégio na Cidade Eterna. Os demais países americanos são congregados ao Colégio Pio Latino-Americano.

Uma vez concluído o curso os laureados voltam ao Brasil. A distinção que os levou a concluir os estudos em Roma, constitui um passo dado para o bispado. E na primeira oportunidade, geralmente, são apresentados os seus nomes.

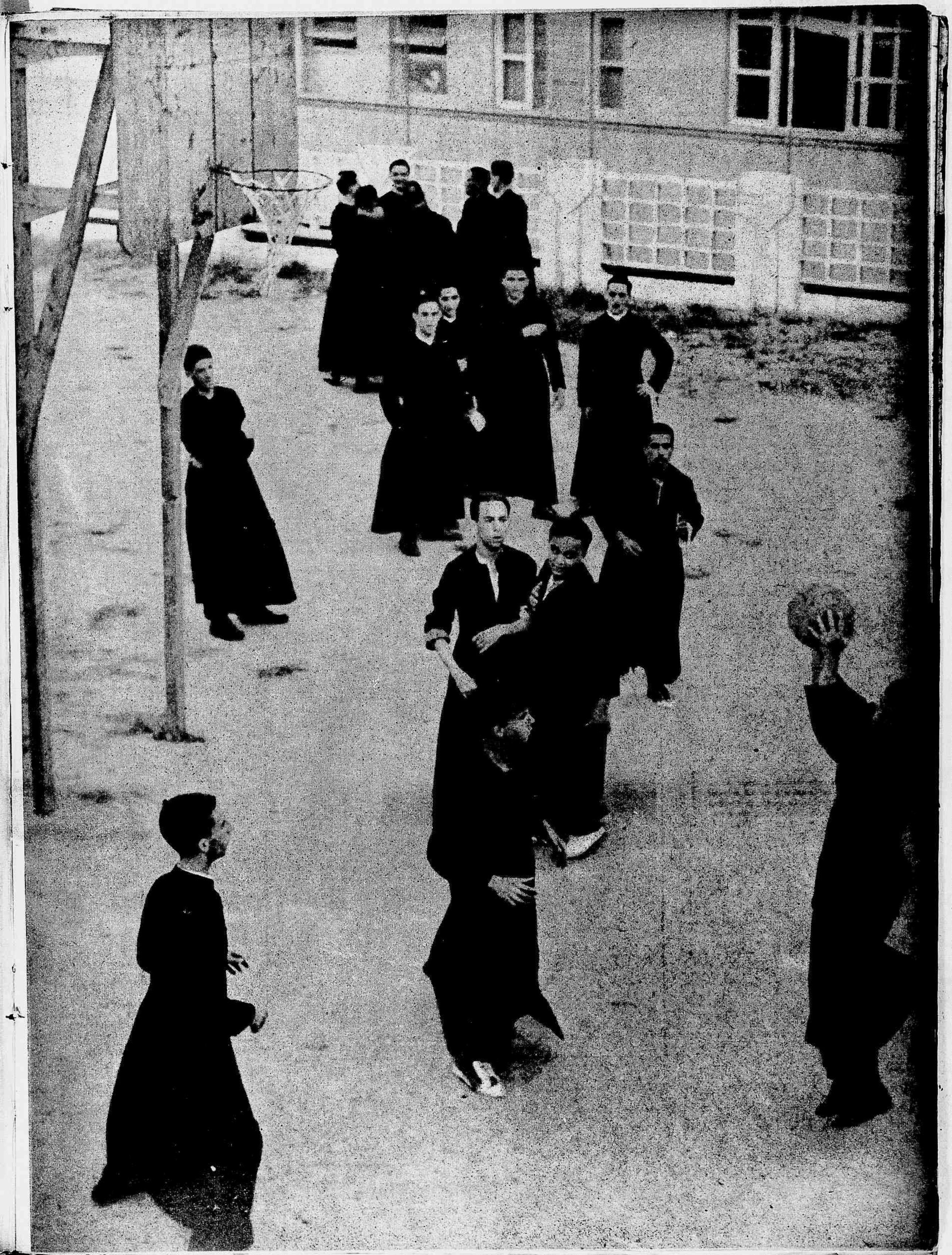
Atualmente, o colégio de Roma tem mais de 100 alunos, contando com os 24 que seguiram ùltimamente pelo navio "Marco Pollo".

(Cont. na pág. 49)

O FOOT-BALL é, sem dúvida, a coqueluche da mocidade. E os alunos do seminário menor também gostam dêsse esporte. E cada um tem a sua bola própria



NA SALA DE AULAS o silêncio é absoluto. E as lições de latim são diárias. Essas aulas, todavia, são para os que são quase padres e que estudam teologia. E já são tonsurados



VIDAS DE MULHERES CELEBRES

A VIDA DE CLEÓPATRA

(69 A. C. — 30 A. C.)

ANIMADO com sua vitória sôbre Pompeu, César acabava de chegar a Alexandria. Instalou-se no palácio e tratou de deslindar o caótico emaranhado da política egípcia. O rei Auletes morrera; e dois de seus filhos, Ptolomeu e Cleópatra, preparavam-se para disputar a sucessão do trono. Por ocasião da chegada de César, Cleópatra estava no exílio. Os adeptos de seu irmão tinham conseguido fazê-la partir para a Síria. Ptolomeu, menino de catorze anos, parecia ter o cetro firmemente seguro em suas ávidas mãozinhas.

Tal era a situação pelos fins do ano 48 A. C. Cêrca das sete horas da tarde, César, sentado à sacada do palácio, observa o movimentado tráfego do pôrto de Eunostos (Desembarcadouro Feliz). De repente, houve uma agitação na entrada do palácio. Um fâmulo correu a avisar César:

— Um viajor acaba de chegar do Levante. Traz uma coleção de tapeçarias raras que deseja mostrar-lhe.

— Onde está êle?

— O guarda do portão não o quer deixar entrar, senhor.

Protetor que era das artes, César ficou ansioso por dar uma olhada nas tapeçarias. Podia ser que elas fôssem um bom presente para mandar à sua espôsa, Calpúrnia.

— Dize ao guarda que deixe êsse homem vir até cá em seguida — ordenou.

O viajante, com o fardo de tapêtes sôbre o ombro, foi trazido à presença de César.

— O senhor nunca viu coisa parecida com esta que vou lhe mostrar.

Dito isso, largou cuidadosamente no chão o de maço de tapetes, e começou a desenrolá-lo. Respondeu com um riso ao olhar espantado de César.

— Eu não tinha razão, senhor?

Mas César estava mudo. De dentro dos tapêtes, com os cabelos desgrenhados e rindo à socapa como uma colegial, saltara Cleópatra, a filha do rei egípcio.

II

Cleópatra tinha o dom da dramatização. Durante tôda a vida desempenhou seu papel como uma atriz consumada. Mulher de assombrosa versatilidade, sabia discutir pintura, escultura, poesia, teologia, negócios de Estado, filosifia e religião com os homens mais cultos da época. Sua esplêndida personalidade era tecida de fios de variegadas cores. Era brilhante, encantadora, astuta, cruel, afetiva, frívola, diplomática, oportunamente generosa, sobretudo consumida contínua e completamente por uma sêde de poder ilimitado. Era apaixonada pela glória e pelos homens. Em suma, era um gênio na refinada arte de viver. Lutando contra o Destino apenas com as armas da beleza e do talento, quase logrou — como veremos — transformar Roma numa província do Egito.. Sua vida terminou numa tragédia. Que outro fim poderiam os deuses ter ideado para tão espetacular aventura humana?

Cleópatra tem sido chamada a amante de todos os poetas do mundo, e a anfitriã de todos os folgazões. De fato, os tempos de Cleópatra podem muito bem ser considerados como o apogeu da época carnavalesca da história do mundo.

III

A filha de Ptolomeu Auletes (o Tocador de Flauta) por sua ambição provinha de uma longa estirpe de ancestrais macedônios. (Cleópatra não era egípcia, mas descendente de um dos generais greco-macedônios que tinham vindo ao Egito no exército de Alexandre Magno.) Os Ptolomeus que imperaram no Egito eram uma linhagem pitoresca — e desumana. Ptolomeu I, chamado *Sotero — o Salvador de Seu Povo*, fêz jus ao seu nome, segundo nos conta uma antiga inscrição, "cortando inúmeras cabeças e derramando rios de sangue". Ptolomeu II, Denominado *Philadelphus — Homem de Amor Fraternal*, assassinou dois de seus irmãos. Dizem os historiadores que era dado a mulheres e ao vinho. Ptolomeu IV matou a mãe e o tio. Ptolomeu VII assassinou seu povo por atacado "para o ensinar a respeitar seu rei". O nome dêsse homem, por ironia do destino, era *Evergetes — o Benfeitor*. Ptolomeu XIII, apelidado o *Tocador de Flauta* — o pai de Cleópatra — assassinou sua filha Berenice e compôs-lhe uma elegia para o funeral.

Todavia, êsses Prolomeus foram administradores tão eficientes como sanguinários. Sob a proteção deles, a cidade de Alexandria tornou-se o centro das artes e das ciências do mundo antigo. A pintura, a escultura, a música, a literatura, a astronomia, a matemática, a arquitetura, a filosofia — todos êsses refinamentos da sociedade floresceram em Alexandria lado a lado com a arte menos requintada do envenenamento e a ciência do assassínio. Governando a cidade mais cosmopolita da antiguidade, os Ptolomeus adquiriram grande facilidade em linguística. Eram capazes de exprimir seus maus pensamentos em diversos idiomas.

Tal era a herança metade civilizada e metade bárbara da estouvada princesa que surgiu do fardo para implorar o auxílio de César a fim de reaver o trono. Um torvelinho de soltos cabelos ruivos, um riso sedutor, gestos desenvoltos e buliçosos gracejos espirituosos expressos em perfeito latim com delicioso sotaque grego. Impossível resistir a essa cativante jovem de vinte primaveras egípcias. César um velho saciado pelo excesso das paixões — anos atrás era conhecido como *Marido de tôdas as mulheres* (*Omnium Mulierum Vir*) — sentia-se novamente agora, aos cinqüenta e dois anos de idade, um jovem e ardoroso *amante*. Fêz Cleópatra subir ao trono outra vez, e tornou-se — êle, conquistador do mundo — escravo dos mais insignificantes caprichos dela.

IV

Antes de mais nada, Cleópatra induziu César a enterrar os dedos maculados no corruto bolo egípcio. Persuadiu-o a matar Ptolomeu, jovem irmão e rival dela no pretender o trono do Egito. Convidou-o então para uma excursão pelo Nilo na sua barca real de ouro e púrpura. Era uma entrevista amorosa, entre o crepúsculo e a alvorada. Instalados no palácio flutuante movido pelos remos de cinqüenta escravos núbios, o velho soldado epiléptico e a jovem aventureira ambiciosa sonharam um sonho dourado de conquista. Com a ajuda de Cleópatra, César esperava tornar-se senhor do Egito; e Cleópatra, com a ajuda de César, esperava tornar-se senhora do mundo. Com o fim de cimentar suas relações amorosas com César e servir a seus próprios desígnios, Cleópatra deu-lhe um filho e herdeiro.

Mas enquanto êles desperdiçavam o tempo em sonhos ociosos, os inimigos de César em Roma tornavam-se ativos e incômodos. Ameaçavam derrubá-lo. Mesmo seus amigos mostravam-se impacientes. Seu general não tinha o direito de definhar entre os afagos de uma mulher estrangeira, queixavam-se êles, enquanto havia velhas conquistas a consolidar e novas conquistas a fazer.

E assim o "apaixonado crepuscular" soltou-se a contragosto dos braços de Cleópatra e embarcou, não para Roma, mas para o Ponto, na Ásia Menor. Seria prudente regressar antes com uma vitória militar do que com um triunfo amoroso. Devia trazer à pátria, como presente, um país recém-subjugado.

Conseguiu subjugar o Ponto, e comunicou a sua vitória em três breves e arrogantes palavras: *Veni, vidi, vici* (*Vim, vi, venci*). Sob a inspiração de Cleópatra êle aprendera a considerar-se um deus, e a *vangloriar-se* como um deus.

Em sua volta a Roma, mandou chamar Cleópatra para tomar parte no seu jactancioso triunfo. Instalou-a num palácio do outro lado do Tibre e, instigado por essa "Senhora do Nilo", começou a estabelecer planos para derrubar a República Romana. Prometeu que, assim que se tornasse rei, desposaria Cleópatra legalmente e a faria rainha. Então êles transfeririam a capital de seu Império, de Roma para Alexandria, e dessa cidade central do Mediterrâneo dominariam o mundo.

Tal era o sonho de César, ou, antes, o sonho de Cleópatra assim como se refletia na ação de César. Porque o homem mais esperto de Roma se tornara um mero instrumento nas mãos da mais esperta mulher do mundo. Êle se portava como um adormecido que se movesse sob o poder da hipnotização. Sofrendo a influência inexorável de Cleópatra, que se valia da própria mocidade e da paixão de César como um aguilhão, êle se encaminhava gradualmente, cada vez mais dominado, para o trono de Roma. Fêz-se cônsul por dez anos, a seguir ditador vitalício, e finalmente Filho Divino de Júpiter para todo o sempre. Mandou que se construísse um templo para êle e Cleópatra, e entronizou sua estátua e a dela no santuário, para que fôssem veneradas públicamente. Seus amigos contemplaram com horror essa dissolução do caráter dum grande homem nos braços de uma mulher inescrupulosa. "Detesto essa mulher", escreveu o orador Cícero, "e tenho boas razões para dizer isto... Não posso evocar sem angústia a insolência dela". Porque essa insolência ameaçava no momento destruir a liberdade da República Romana. Cícero e os outros mentores da República preveniram César reiteradamente contra as maquinações de Cleópatra e contra as próprias ambições desregradas dele. Entretanto César prosseguiu desatinadamente nos planos de Cleópatra. Fêz com que lhe preparassem um "leito divino" no templo e um trono de ouro no Senado. Era o último passo necessário para a realização das esperanças de Cleópatra — a coroação oficial de César.

Deu-se então o advento, em 44 A. C., dos Idos de março. A instigação de Cleópatra atingira o auge. Porque nêsse dia César ia ser oficialmente coroado. Cleópatra tornara-se afinal senhora do mundo! Num esfôrço para acalmar sua agitação, ordenou que um de seus escravos fôsse suspenso no teto de cabeça para baixo. Um tanto aliviada por êsse divertimento — seu remédio preferido para aquietar os nervos agitados — ficou impacientemente à espera de importantes notícias do Senado.

Recebeu notícias à tarde. César fôra presenteado; não com uma coroa, mas com vinte e três punhaladas.

Cleópatra voltou para o Egito com um grande vazio no coração.

V

Cleópatra jogara com as maiores paradas, e perdera. Não obstante, em breve estava pronta outra vez para lançar a cartada decisiva do seu destino. E desta vez seu herói escolhido foi outro soldado romano, Marco Antônio, um filho mais moço, mais resoluto, mais bonito, mais impetuoso, mas igualmente descuidado, da volúvel deusa Ambição. Antônio era um guerreiro de avantajada estatura, com mentalidade de criança e apetites de deus; um homem nascido para brilhar um momento e ser consumido pelo excesso de seu próprio ardor. Tinha sempre travessuras para divertir o povo e projetos para o escravizar. Destituído de critério, era tão imoderado na sua generosidade como na sua crueldade. Seus soldados o idolatravam. Parecia-se muito com êles; era um exemplar fora do comum das virtudes e fraquezas humanas deles. De uma feita, quando afastado de Roma com sua legião, "deu" — são palavras de Plutarco — "belíssimo exemplo a seus soldados. Êle, que acabara de deixar sua intemperança, não encontrou dificuldade em beber água suja e se alimentar de frutas e raízes silvestres".

A vida para Antônio era uma ironia picante, e êle a aceitava com barrigada de riso. Pouco se importava com a opinião pública. "Vossos filósofos dizem como um homem deve viver. *Eu*, porém, vos mostro como um homem *não* deve viver". Durante tôda a vida procedeu antes de maneira impulsiva do que refletida. Impulsivamente presenteou seu cozinheiro com uma magnífica terra — propriedade de um outro homem, de mais a mais, a qual êle adquirira pela fôrça das armas — como recompensa por uma ceia bem preparada. Impulsivamente, também, mandou chacinar dois mil romanos, inclusive Cícero, porque êsses homens se opuseram aos propósitos políticos dele.

Na época dêsse morticínio romano (43 A. C.), Antônio, juntamente com Otaviano e Lépido, formava um triunvirato ditatorial: um govêrno absoluto de três celebrados bandidos. Êsses três homens firmaram um compromisso de amizade eterna, e cada um deles decidiu intimamente apunhalar os outros pelas costas na primeira oportunidade possível. Dividiram o mundo entre si como um melão maduro. Com o fim de angariar fundos para a perpetração de seu crime, que êles eufemisticamente chamaram "a instituição da paz romana", Antônio recebeu a missão de ir aos países do Oriente. Foi nessa viagem que conheceu Cleópatra e que, como César antes dele, tornou-se dedicado escravo dela. Essa "criança colossal, capaz de conquistar o mundo, e incapaz de resistir a um prazer", acabava de chegar a Tarso. Chamou Cleópatra a essa cidade a fim de que pudessem discutir "assuntos políticos e financeiros de interêsse mútuo". Cleópatra embarcou em Alexandria e ancorou sua frota na embocadura do rio Cydnus. Antônio tomou assento no Tribunal situado na praça do mercado e esperou a chegada de sua bela suplicante. Mas a disposição de ânimo de Cleópatra não era suplicante. "Se quiser ver-me", mandou ela

(*Continua na pág. 46*)

CLEÓPATRA

Nicodemus

COM MUITA BASE
VOS ABRE OS OLHOS
PARA

a diferença fundamental

NA
LUTA
PELA
VIDA,
LUTA O
HOMEM,
LUTA A
MULHER...

O HOMEM VENDE BALA NO PORTÃO
TOCA CUICA
SINO
PANDEIRO
VIOLÃO,
QUEBRA
PEDRA
NA
PEDREIRA,
TUDO
EM
BUSCA
DO
DINHEIRO...

NA
LUTA
PELA
VIDA,
O
HOMEM
DÁ
TUDO
O
QUE
PODE...

... A MULHER,
O
QUE NÃO DEVE...

A GUERRA NA CORÉIA DESTRUIRÁ A CORTINA DE FERRO?

ELEIÇÃO TRANSFERIDA POR MOTIVO DE UM ECLIPSE ★ ASPECTOS GEOLÓGICOS DO PAÍS ORIENTAL ★ A ELEIÇÃO DO DIA 10 DE MAIO DE 1948 ★ "SAKE", AGUARDENTE FEITA DE ARROZ E AS "KISANGS" COREANAS

MUITA gente ignorava que a peninsula da Coréia, entre o mar Amarelo de um lado e o mar do Japão do outro, estivesse dividida pelo paralelo 38, conforme convenção entre os dois paises mais interessados na demarcação: a URSS e os Estados Unidos da América do Norte.

Um jornalista ianque, fêz a seguinte comparação para explicar aos seus conterrâneos o que significava Coréia do Sul e Coréia do Norte. Disse êle: imaginemos o território dos Estados Unidos dividido em duas metades: a do Norte e a do Sul, por uma linha que passasse justamente pelo paralelo à altura de S. Francisco. A parte sul ficando com americanos meridionais e a do norte, com outros patricios, mas, êstes, sob a dominação comunista em permanente cortina-de-ferro, e na área do sul, grupos de guerrilheiros a hostilizar os ocupantes. Eis a figura que apresentou o cronista aos seus patricios que estão preocupados com a situação internacional e com os seus conterrâneos na luta daquele país oriental.

Com êsse panorama quis o articulista mostrar as causas de tôdas as dificuldades com que se estão encontrando as tropas norte-americanas na Coréia. Um meio heterogêneo, habitado por gente que se organizou em guerrilhas.

A origem dessa tragédia nasceu com a arbitrária divisão em uma Coréia Nortista e outra Sulista, quando as fôrças russas e americanas venceram o Japão, o inimigo comum àquelas duas potências.

Mas, não se podia adivinhar que, essa divisão puramente transitória e determinada pelas necessidades da guerra de então, viesse a criar a tragédia a que estamos assistindo. A Coréia do Norte é rica em minerais, madeiras de construção e quedas d'água para fôrça hidrelétrica; é, em sua área que estão concentradas as indústrias pesadas. A Coréia do Sul é uma espécie de celeiro de cereais, tem vida mais agricola, embora haja em sua zona algumas indústrias e recursos minerais. Primitivamente foi agricola, desenvolvendo depois indústrias de pesca e é onde se acha sua capital: Seoul.

Sob certos aspectos o govêrno atual de Seoul se apresenta em condições quase insuperáveis. Mas, seja como fôr, comparando-se a Coréia de hoje com a de ontem, podemos ver grandes progressos.

Assistida, em primeiro lugar pelo Govêrno Militar Americano, e, depois, pela Administração de Cooperação Econômica, a Coréia do Sul está recuperando o seu parque ferroviário e já correm os seus trens na maior normalidade, conforme se pode verificar pelo escreveu o Tenente-general John R. Hodge, sob o titulo "Com o Exército dos Estados Unidos na Coréia".

Estradas de ferro estavam sendo construidas no Sul, a fim de ligar as minas de tungstênio, carvão e outros

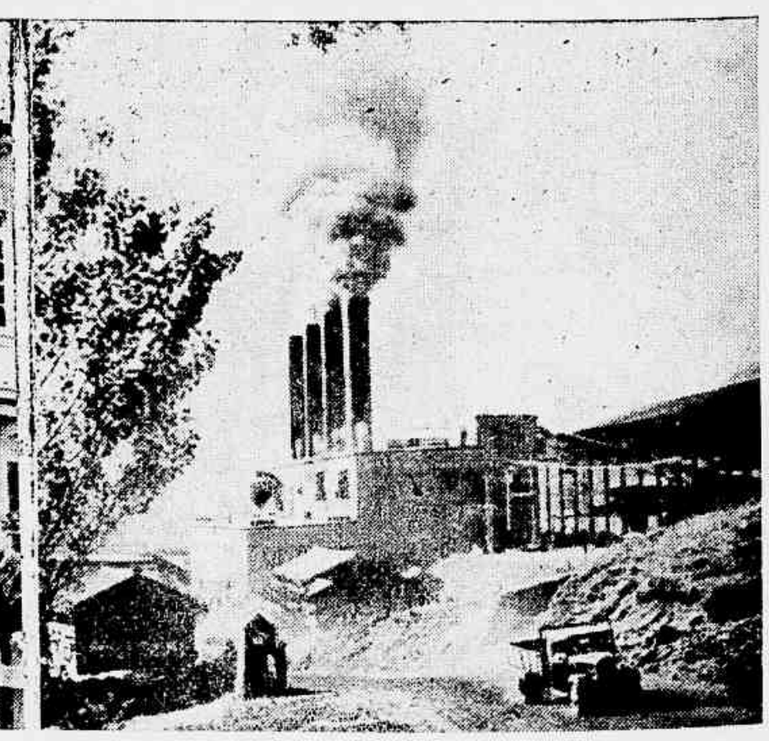
TIPO CARACTERÍSTICO de coreano em dias de festas populares, com seus instrumentos nativos em desfile na capital

MARCO DO PARALELO 38, com inscrições em russo, inglês e vernáculo, e que dividiu o país em Coréias do Norte e Sul

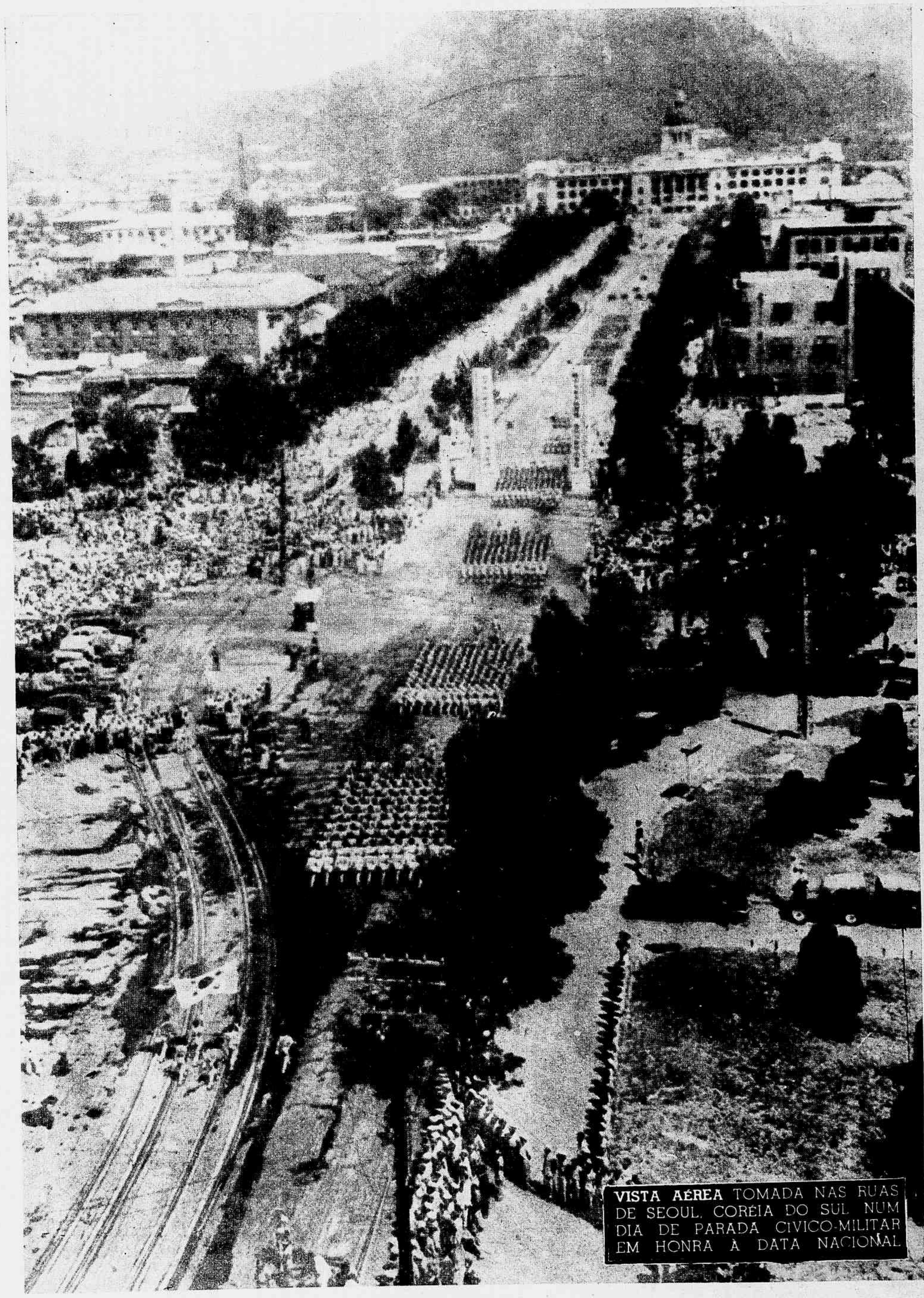
INTERESSANTE EXEMPLAR de guerreiro coreano envergando seu vistoso uniforme em dia de gala, ou de festa nacional

NA CAPITAL DE SEOUL, instalara a Administração Militar Americana a Câmara Municipal (City Hall) em edifício moderno

OFICIAIS AMERICANOS numa espécie de Clube na capital de Seoul, parecem dizer: espôsas e garôtos sejam benvindos

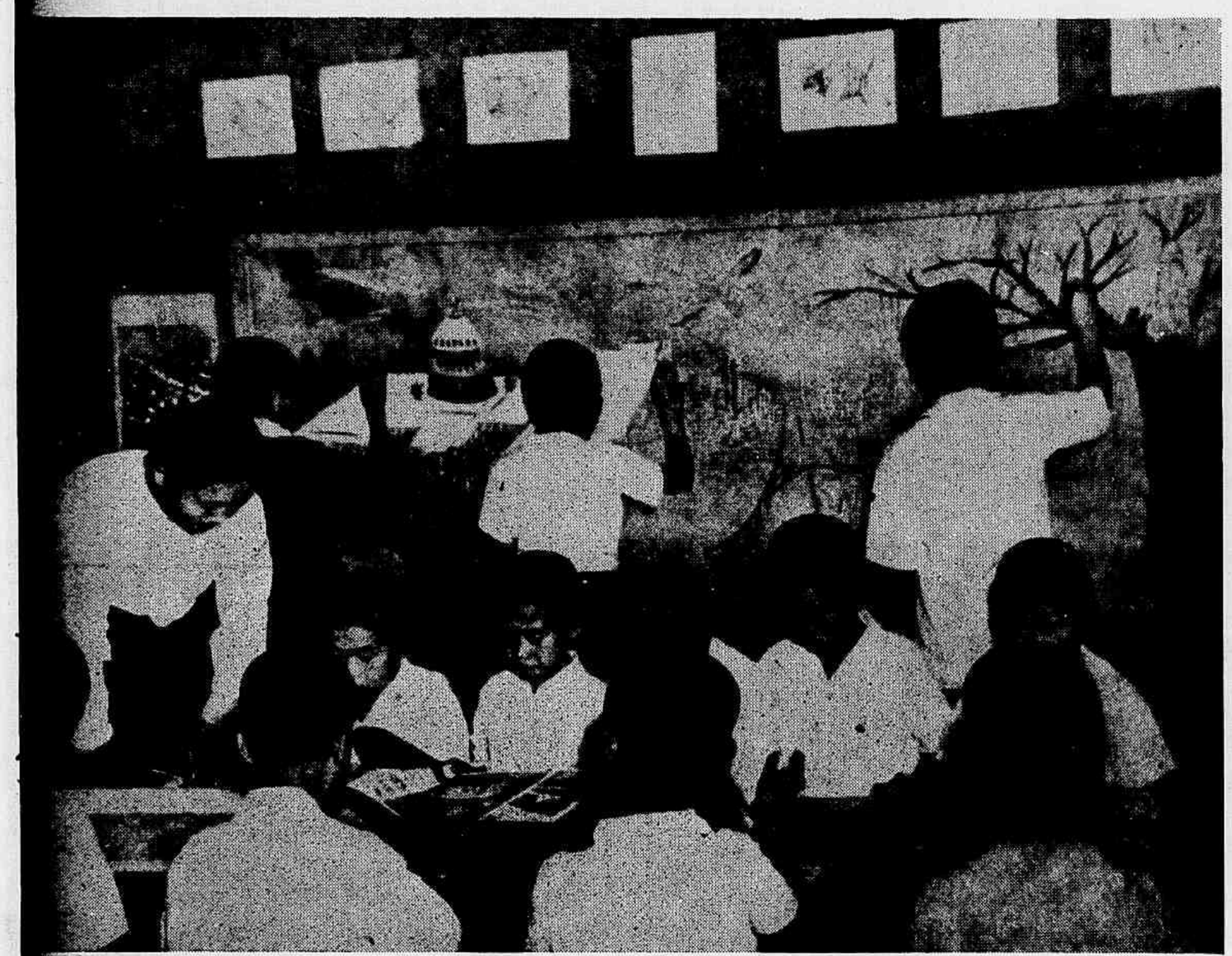


APESAR DE MAIS AGRÍCOLA, a Coréia do Sul possui uma indústria bastante desenvolvida e em pleno funcionamento



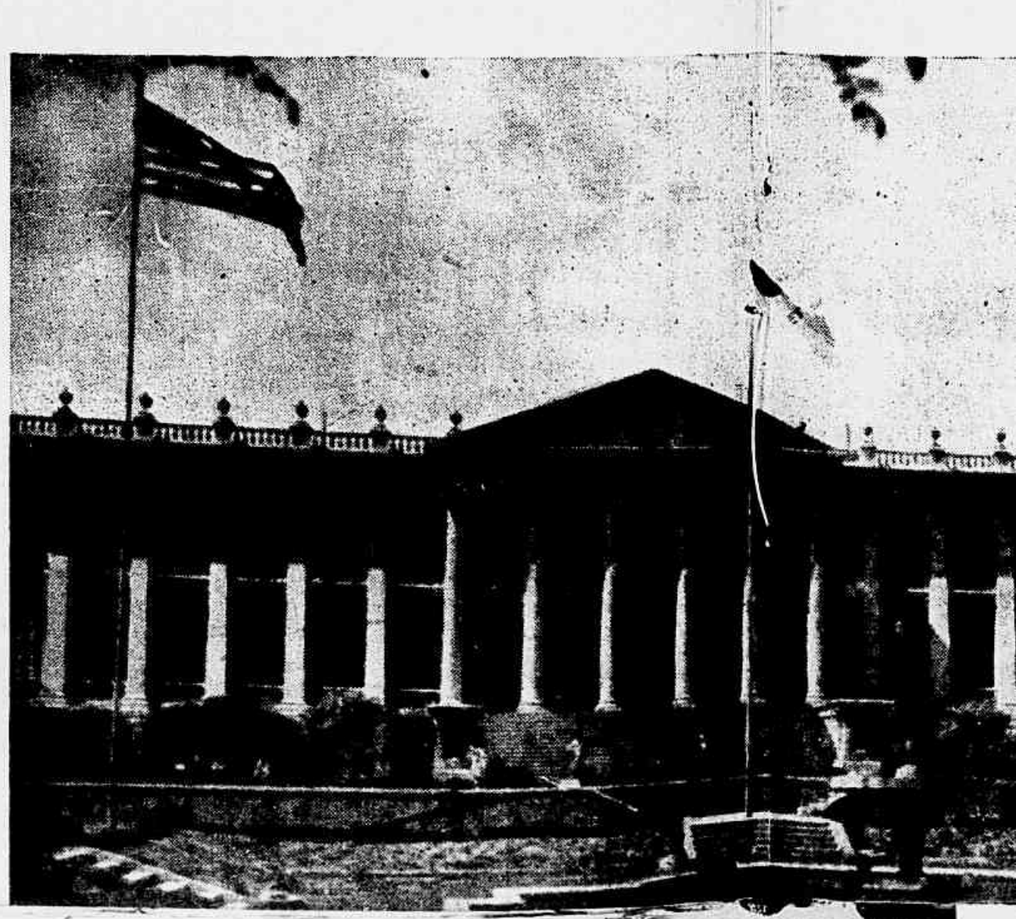
VISTA AÉREA TOMADA NAS RUAS DE SEOUL, CORÉIA DO SUL NUM DIA DE PARADA CIVICO-MILITAR EM HONRA À DATA NACIONAL

CRIANÇAS COREANAS metidas em sua indumentária típica, posando para o fotógrafo numa cidade da Coréia do Sul. Na foto central, aspecto de uma escola dirigida por professôra indígena, vendo-se que o ensino abrange desenhos.



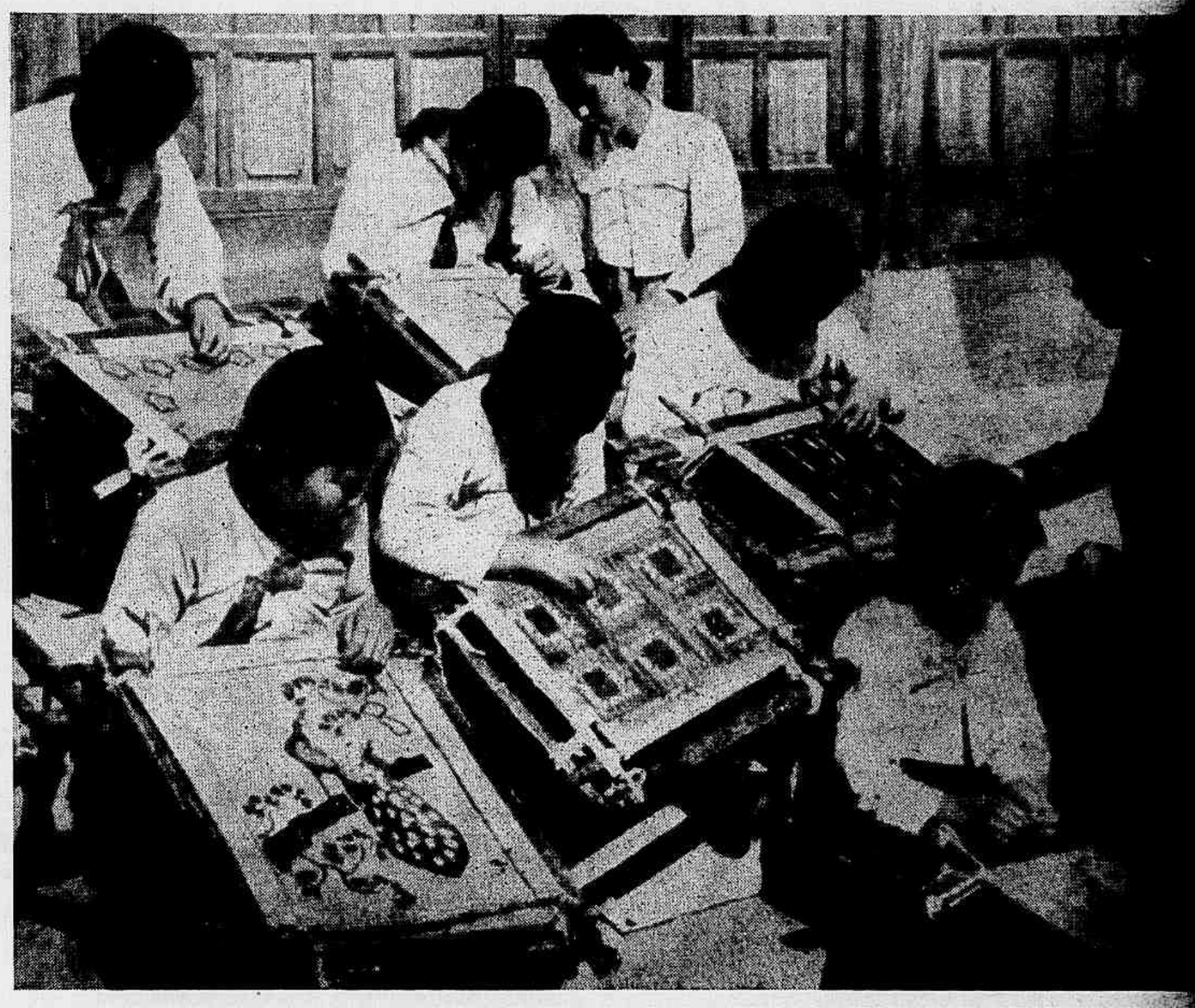
Em baixo, uma jovem coreana preparando os quitutes próprios de seu país num acampamento ao ar livre, como que está a sorrir diante da abundância de arroz e de panelas para o grande banquete. E que agradável pique-nique!

MAPA DA CORÉIA vendo-se o paralelo 38 que dividiu o país em duas zonas distintas se travam batalhas sangrentas entre comunistas e os norte-americanos unidos aos coreanos de Seoul para a Coréia meridional. A bandeira do país ao centro, ladeada pelos pavilh tra que naquele momento, reinava harmonia entre os três, estabelecendo-se normas pelas



que dividiu o país em duas zonas distintas: Norte e Sul. Assinalados, os pontos em que ora
s e os norte-americanos unidos aos coreanos do sul. Em baixo, o edifício do palácio do govêrno
ira do país ao centro, ladeada pelos pavilhões dos Estados Unidos e da URSS, bem demons-
ntre os três, estabelecendo-se normas pelas quais iria ser restaurada a independência coreana

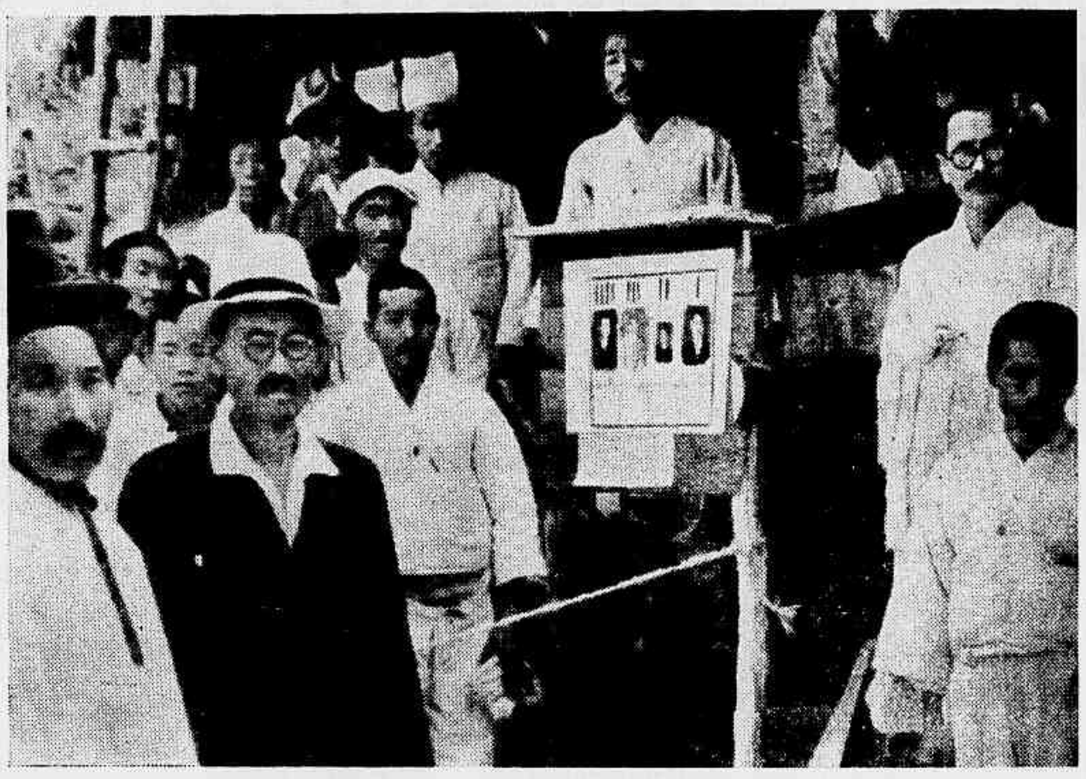
GRUPOS DE COREANOS do Sul em danças folclóricas nos dias de festa nacional. Suas roupas são brancas, enfeitadas com laços de fita de côres variadas predominando o vermelho, o verde e o amarelo. AO CENTRO: uma escola de



bordados de estilo coreano mas sob a supervisão pedagógica de americanos na província de Kyonggi, tomando parte menores de 14 a 20 anos. EM BAIXO: um casal de viajantes retira água de um poço para matar a sêde ao calor da tarde

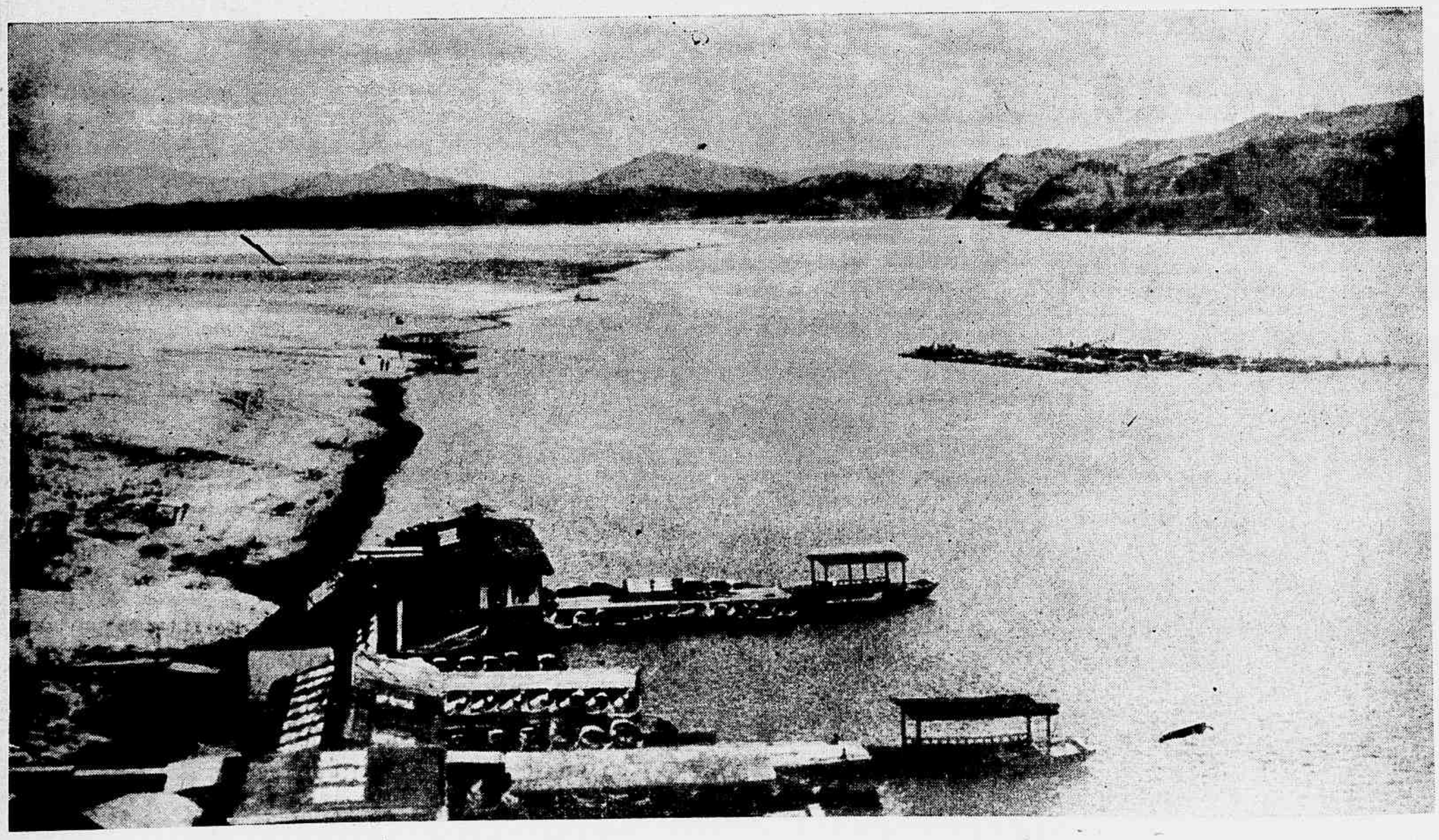
A GUERRA NA CORÉIA

A CULTURA DO FUMO na Coréia do Sul é um dos pontos altos de sua vida econômica. E' monopólio do govêrno e foi muito aumentada a produção sob a ocupação japonesa



UM POSTO ELEITORAL por ocasião do pleito a 10 de maio de 1948 na Coréia do Sul, quando compareceram às urnas mais de 92% da população alistada, de ambos os sexos

UM DOS POPULARES divertimentos do povo coreano é esta espécie de balanço. Tomam parte no mesmo homens e mulheres e se realizam por ocasião das festas das colheitas

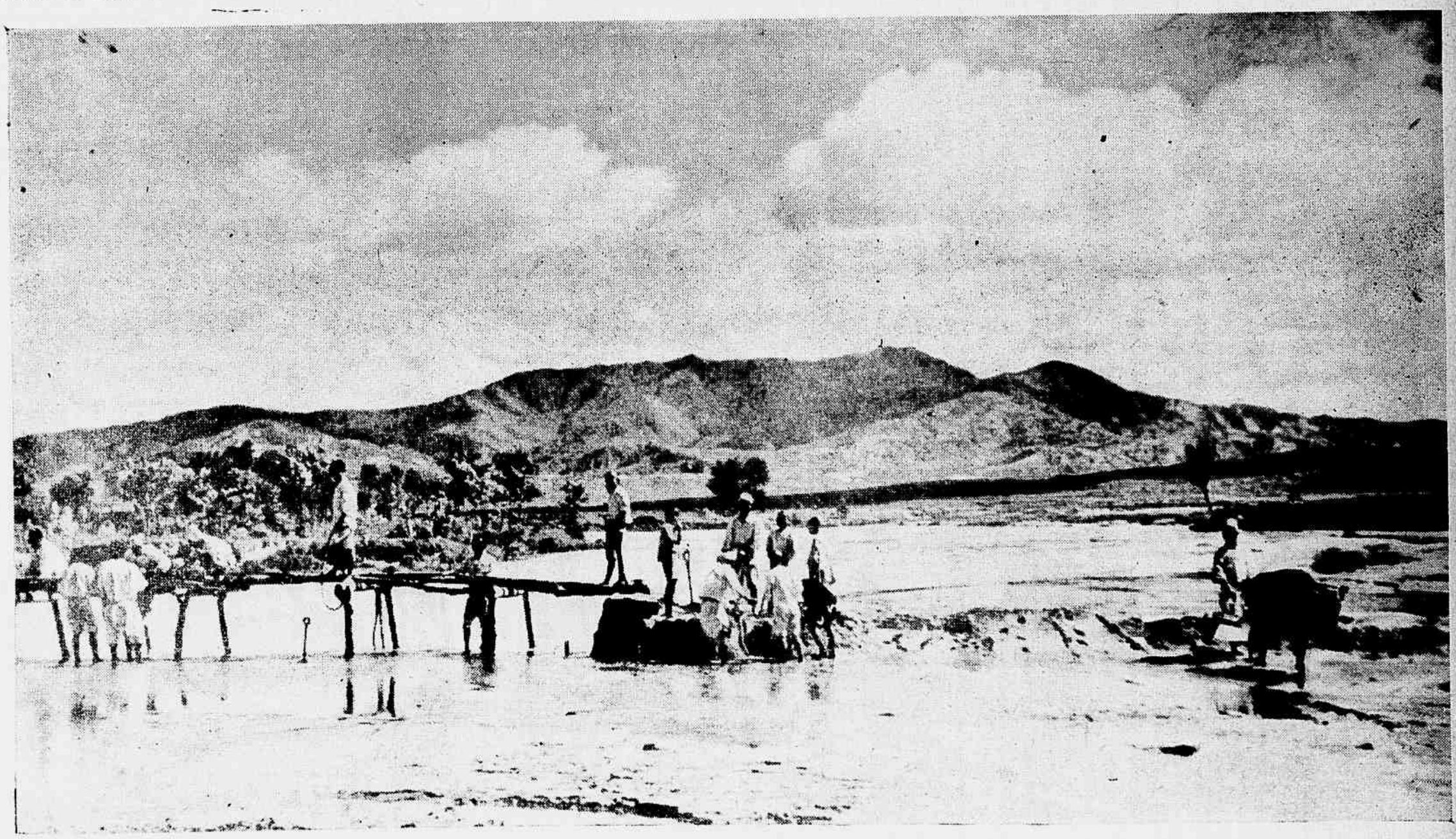


VISTA PANORÂMICA do famoso rio Han que passa a poucas milhas de Seoul. Apesar de não contar com mais de 250 milhas de comprimento, é êste o grande rio do país. Aqui vemos descendo a corrente, vários juncos procedentes de regiões montanhosas, carregados de mercadorias destinadas a cidades ribeirinhas. No momento estava com baixo nivel

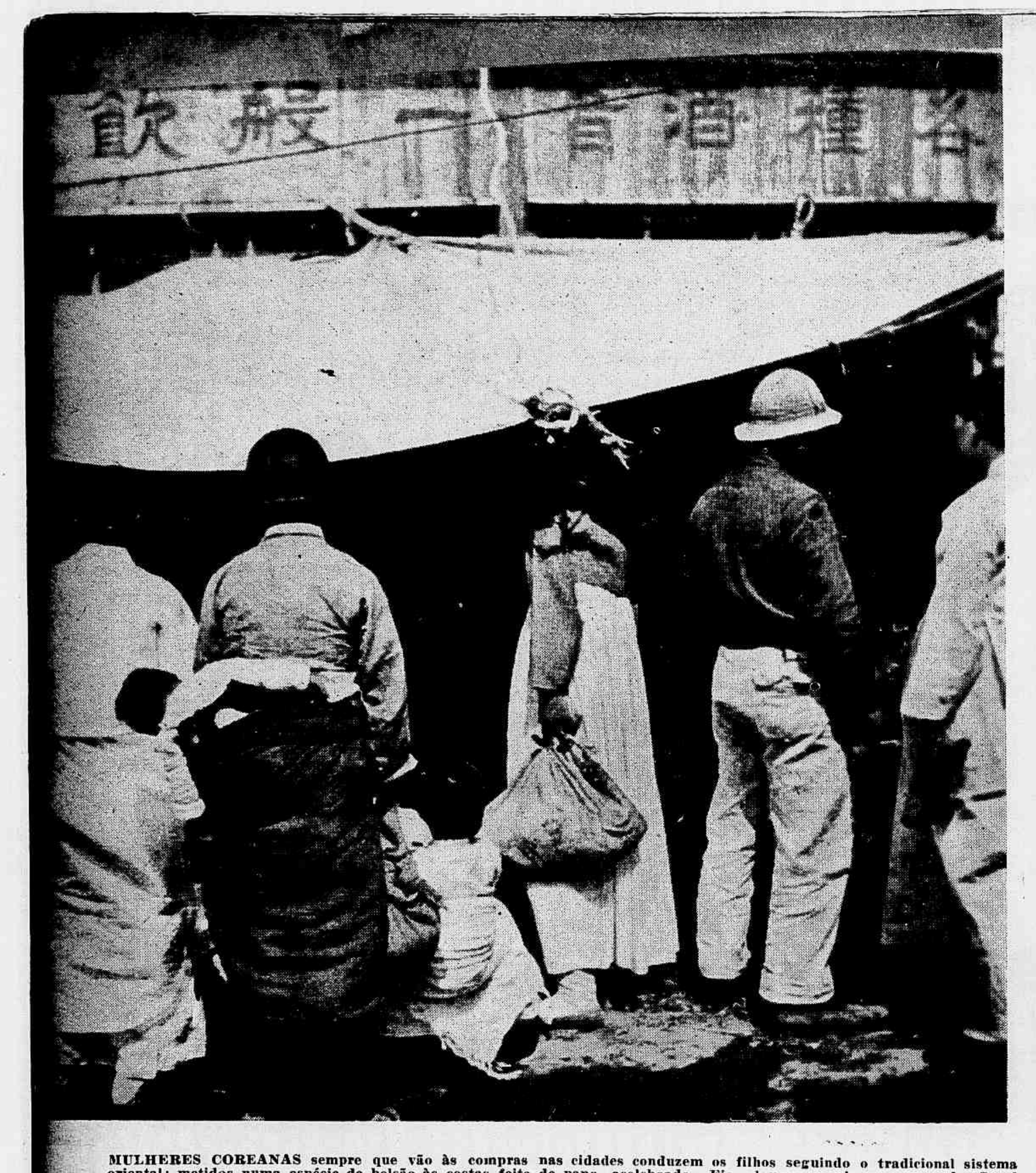
CRIANÇAS DE UMA FAZENDA nas proximidades de Taegu, reunidas e vestindo suas melhores roupas, para uma festa de aniversário. Soltam papagaios e cantam em côro

CENAS TIPICAS no interior da Coréia. Mulheres ocupadas em trabalhos da indústria caseira da sêda, fazem a seleção dos casulos e distendem os fios em rústicos teares

SACERDOTE BUDISTA faz preces diante de um altar, enquanto uma devota se prosterna diante do santuário. Se bem seja popular o confucionismo, é grande o número de budistas



AS TERRAS MONTANHOSAS da Coréia do Sul, inclinadas na direção Leste-Oeste, causam grandes distúrbios na vida do país quando desabam nas montanhas grandes chuvas. As pontes são, muitas vêzes, arrastadas pelos caudais, e os coreanos que precisam viajar e vender seus produtos se lançam no trabalho de fazer pinguelas provisórias



MULHERES COREANAS sempre que vão às compras nas cidades conduzem os filhos seguindo o tradicional sistema oriental: metidos numa espécie de bolsão às costas feito de pano acolchoado. Eis algumas aqui nas ruas de Seoul

MULHER COREANA estendendo a uma parede várias fôlhas de jornal «lavado» para servirem a novas edições

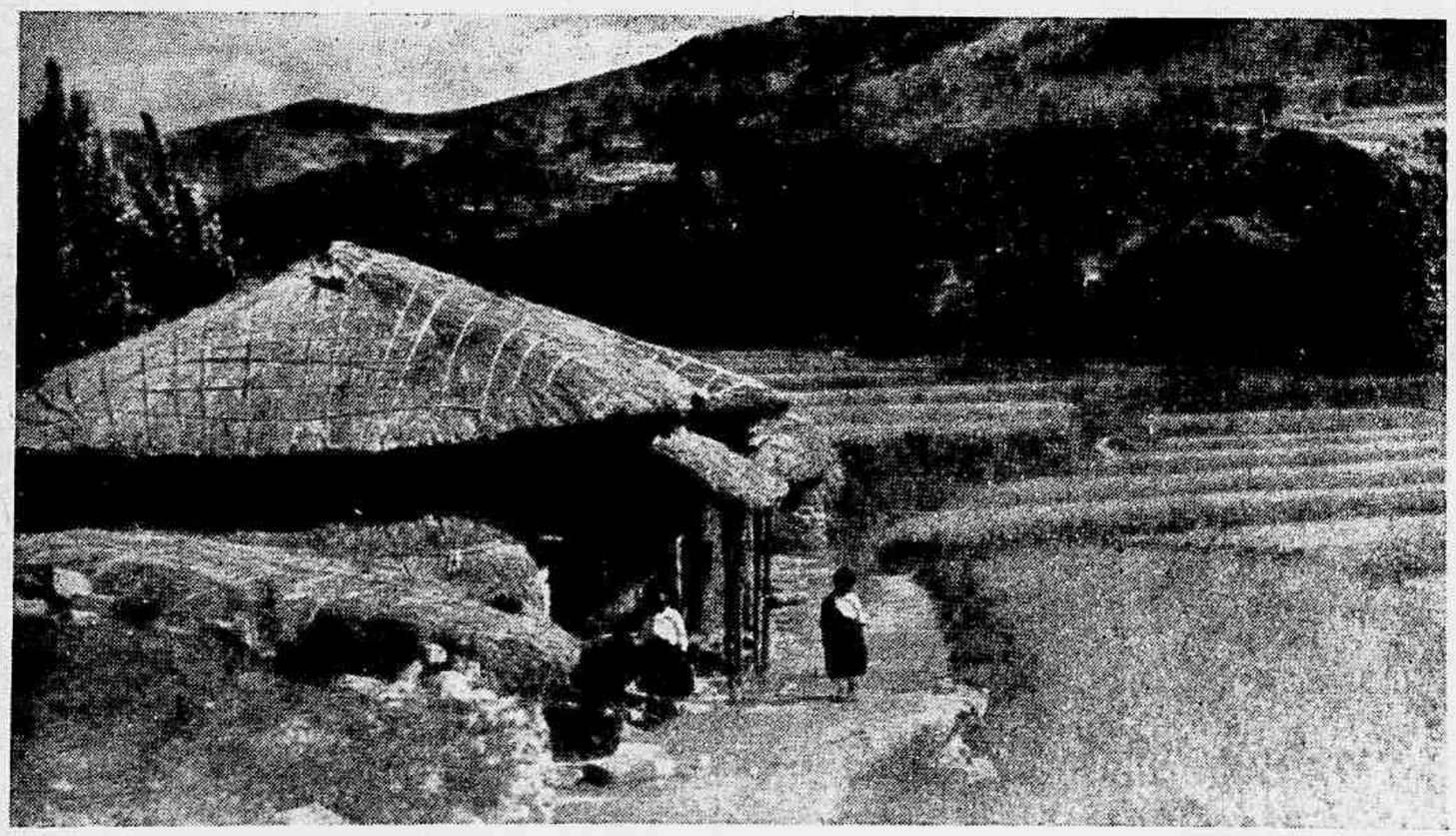
PREPARANDO O «KIMCHI», mistura de couve-flor, alho, gengibre, pimenta e caldo, tudo muito apreciado pelos locais

minerais com os distritos da costa leste, que, antigamente, alimentavam as indústrias de guerra do Japão. Pesquisas minerais estavam sendo executadas e novos depósitos de minerais já haviam sido abertos.

Nota-se ainda certo "deficit" em potencial elétrico; mas, certas facilidades de recursos a vapor estavam sendo executados e novas emprêsas hidrelétricas em avançados projetos. Indústrias que estiveram completamente paralisadas quando os russos ocuparam o norte, foram restauradas. Desta forma, há mais tecidos de algodão, papel, bicicletas e outros produtos necessários ao comércio local.

Graças aos fertilizantes importados, a antiga importação de cereais, sempre muito forte, foi diminuida, declinando visivelmente. O Govêrno de Seoul e a ECA (Economic Cooperation Administration) estimaram que, a não ser que sobreviessem desastres, a safra de arroz de 1950, poderia suprir as necessidades da Coréia do Sul e ainda daria para registrar-se excedente.

Quando, em janeiro de 1948, foi o sr. Enzo de Chetelat convidado para servir na Coréia do Sul como consultor do Chefe da Supervisão de Geologia daquela peninsula, confessou êle que ficou numa situação de grandes dúvida e com o espirito perturbado. Ouvira dizer que o país oferecia muitas dificuldades para a vida dos norte-americanos. Amigos e pessoas de sua familia o advertiam que era perigoso ir, em face das proximidades da "Cortina-de-Ferro". Mas a curiosidade do convidado era maior do que o temor, e a vontade de fazer essa viagem, unida ao seu



AS CHOÇAS COBERTAS de colmo, dos camponeses da Coréia se assemelham às habitações pobres do interior do Brasil. Aqui vemos um casebre coberto com palhas de arroz e uma plantação dêsse cereal, base da alimentação do coreano do sul

DOIS COREANOS DO SUL «lavam» à beira de um rio as fôlhas de papel, combatendo a crise dêsse gênero no sul

NO INTERIOR da casa humilde, vovó prepara o alimento para o seu netinho que, pela cara, já está impaciente

DOIS PROTINHOS nas ruas de Seoul, trajam exatamente como suas mamãs e vovós, imperando as côres vivas

QUANDO A GAROTADA viu Joe, um soldado do Exército Americano parado com seu jip, correu para êle e pediu uma «carona». Eram apenas 17. Sem esperar por um simples O.K. invadiram o veículo e saíram para alegre passeio

desejo de estudar as cousas orientais "in location", venceram os seus temores e dúvidas.

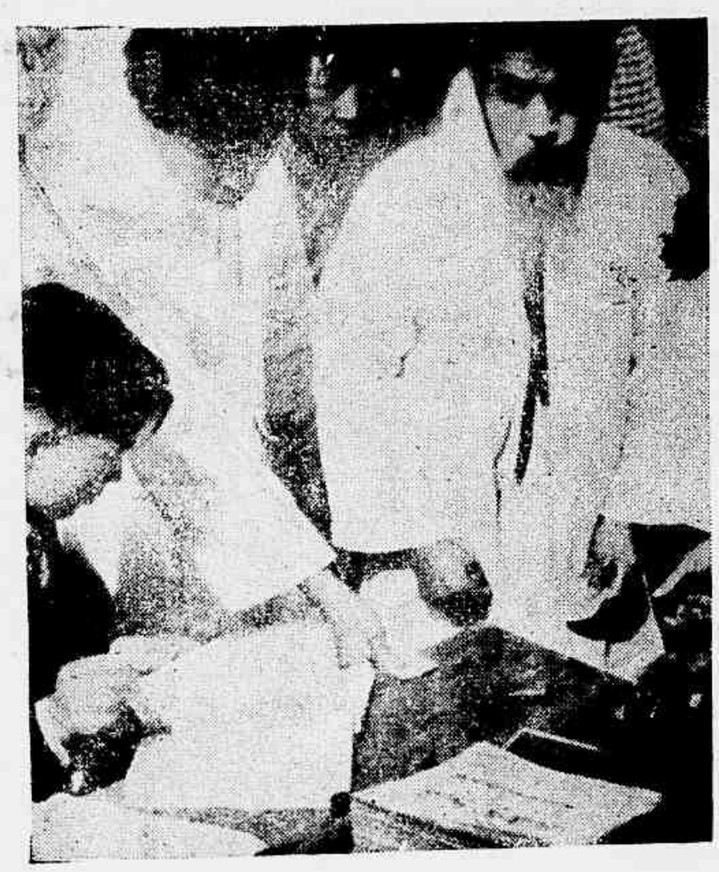
Dois meses depois chegava êle ao pôrto de Inchon, situado a umas vinte milhas à leste de Seoul.

A capital da Coréia é uma cidade populosa, tendo sua população aumentado no dôbro, nestes últimos dez anos. Êsse afluxo se verificou pela vinda de muita gente que deixava a zona russa do norte, de coreanos repatriados do Japão, da China e de outras ilhas do Pacífico. Materiais eram escassos durante os anos de guerra e ainda o são; muitas casas e edifícios precisam ainda de reparos e de uma mão de tinta.

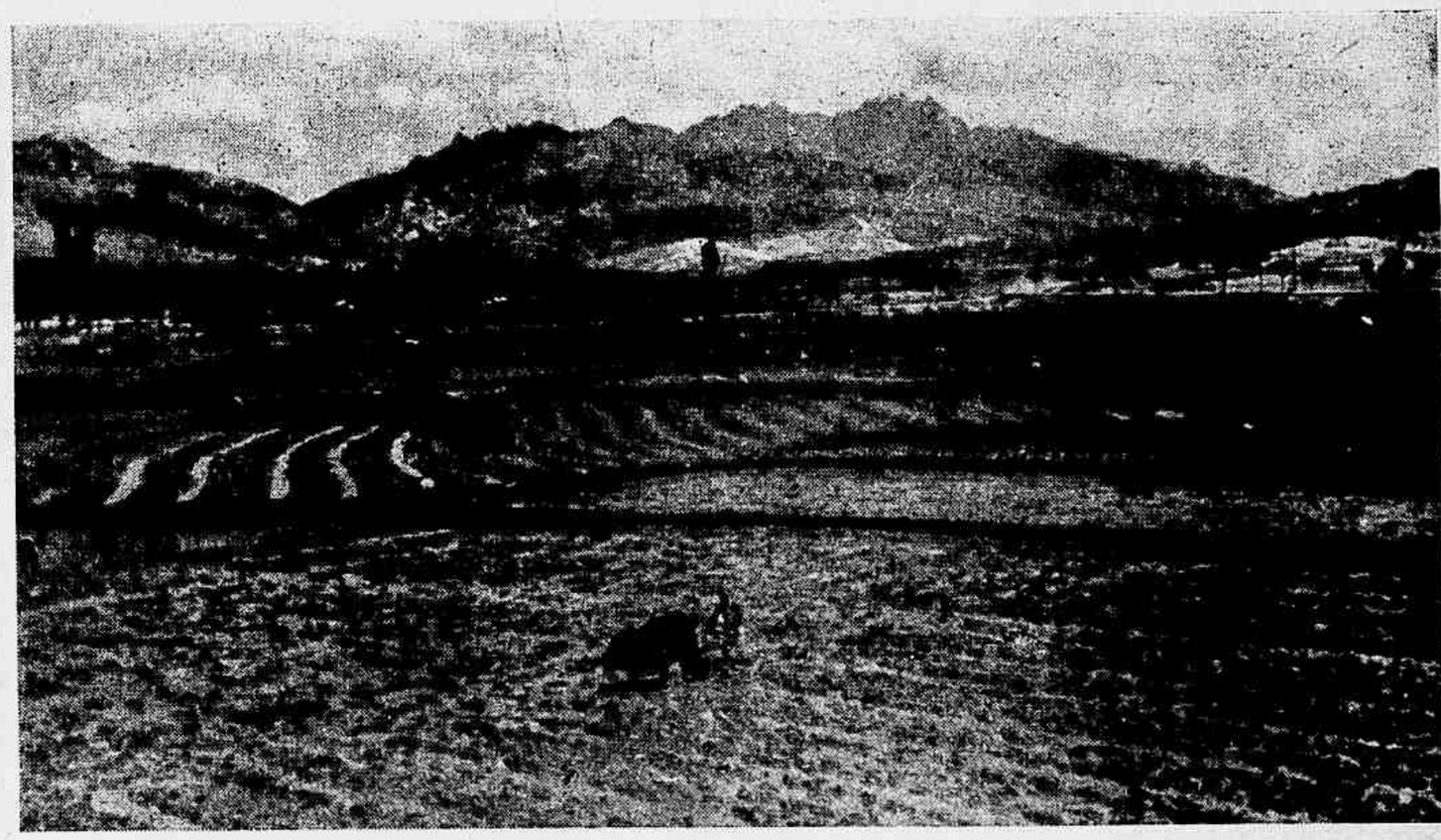
Seoul é cidade muito bonita, situada entre colinas graníticas e despenhadeiros. Largas avenidas lhe dão os ares de urbe do ocidente, com seus edifícios construídos quando fazia a Coréia parte do Império Japonês. Mas, muitas de suas ruas são ainda sem pavimentação e com estabelecimentos muito modestos.

Os mais diversos tipos de veículos entopem as avenidas e ruas estreitas: são carros puxados a boi, motocicletas e triciclos; ônibus de aspecto agradável aos quais se atrelam cavalos muito magros; "rickshas", ou sejam, aquêles carrinhos com varais à frente, de duas rodas e um assento para turista, puxados por um homem; carros americanos de última moda guiados por oficiais do Exército Coreano; veículos de tôdas as espécies do Estado-Maior do Exército Norte-Americano da Coréia, como *jeeps*,

(Cont. na pág. 49)



CENA TOMADA por ocasião das eleições de 10-5-1948 vendo-se um eleitor «assinando» a papeleta de identificação



NA FAINA COTIDIANA na cultura do arroz quando chega a época do plantio e preparação do terreno, os filhos da Coréia do Sul se atolam na lama empregando os seus primitivos processos agrícolas como os receberam de seus avoengos

ALMAS TORTURADAS

NOVELA DE RIBAMAR GALIZA

I

— Homem, prá falar a verdade, eu não sei...

— Como?! Como?!... Você não sabe?! — Rodrigues exasperou-se, levantou os braços num gesto espalhafatoso. — Ora você não sabe... Tem graça. Como é que você não sabe, homem de Deus! Não me venha com essa! Então você é ou não é o sub-delegado desta terra, a autoridade competente, e portanto o responsável pelo cumprimento da lei! Sim senhor! A autoridade tem que agir é com a cabeça e não com o coração, pois do contrário o mundo estaria perdido isso sim!

— Mas seu compadre, você sabe... a gente assim...

— Não senhor! Comigo não tem assim nem assado... — Rodrigues impacientava-se cada vez mais. — A ordem veiu lá de cima, e você tem que cumprir, isso é que é!

O velho Aniceto torcia as mãos, embaralhava os dedos, num visível constrangimento. Na verdade, sentia-se num beco sem saída. Êle bem que relutara em aceitar o "espeto" daquele cargo de sub-delegado. Vivia no seu cantinho sossegado, trabalhando pacatamente em sua tenda de alfaiate, todo santo dia a comprar o seu quilinho de carne no açougue, e à noite metido em sua casa; às vêzes, se lhe dava na veneta, bebericando a sua pinga, isso muito escondido para que o povo da rua não desconfiasse, e a mulher ajudando-o a esvaziar a garrafinha, isso também muito às ocultas para que o marido não desconfiasse... E, salvo o reumatismo, e uma ou outra quizília com a mulher, a vida lhe corria calmamente, sem um tropêço, uma preocupação. E agora, eis que surgia o diabo daquela aperreação! Ora bolas! Claro que se êle assim o quissesse, poderia empinar o peito, entumescer o pescôço, formalizar-se todo e gritar com o Rodrigues:

— Homem, quér saber de uma coisa... Aqui está o seu cargo! Faça dele o que bem entender. Eu não pedi coisa nenhuma e não preciso disso. Bote outro no meu lugar, outro que possa ser manejado pelo cabresto, que êste que está aqui, abaixo de Deus, (não bato no peito com sobêrba), não me presto p'ra êstes papéis. Isso não, compadre, pois não sou homem para perseguir ninguem, inda mais um pobre infeliz que vive quietinho no seu lugar!

Tudo isso êle pensou, mas naturalmente que não se atreveu a dizer. Afinal de contas, não desejava criar nenhum caso, trazer complicações. Ademais, sempre seria melhor manter o compadre como amigo do que como inimigo, pois o homenzinho era um perigo. Assim, nem precisou de muito raciocínio para que o velho se decidisse e ensaiar um sorriso, ao comêço tímido e contrafeito, e depois mais desembaraçado, quase uma gargalhada:

— Está certo, compadre, está certo. Ninguém pode mesmo com você, está visto. E' um homem danado. Agora me diga que hora quer que eu passe por aqui, e pronto!

Rodrigues reanimou-se, deu palmadinhas no ombro do outro. Êle queria manter as aparências, e que o velho Aniceto não se convencesse de que estava servindo de capacho. Absolutamente. Jámais êle iria pedir uma coisa absurda, aquilo que não estivesse rigorosamente dentro da lei. Pegou o ofício, desdobrou pela décima vez o papel, sorriu satisfeito:

— Veja aqui, compadre, os termos são claros, clarissimos... — engrolou, passando por cima de trêchos que julgava supérfluos — "Taaanttaaannn, etc. etc., taaannn, etc. tal, tal, Saúde Pública, etc., de ordem do Exmo Sr. Diretor, etc. etc., fazendo recolher imediatamente ao leprosário do Estado, etc. etc., evitando assim maior perigo para a coletividade, etc., etc., — Viu? Não é isso, não é isso? — Dobrou o envelope, guardando-o em seguida no bolso. Forçou um tom pesaroso às palavras:

— Piedade, meu amigo, todos nós sentimos. Isso é a verdade, não se pode negar. Mas que há de se fazer, me diga? E' cumprir as ordens. Claro. Se a autoridade não cumprir, quem é que vai cumprir, me diga?...

— E'... — Sr. Aniceto não desejava mais discutir o assunto. Considerava-o fato consumado — Bom, a que horas devo passar por aqui?...

— Ah, sim. Já que você não quer intimar verbalmente, será melhor a gente fazer a coisa por escrito, redigir um ofício. E' melhor. Quer saber? Eu até posso ir logo rascunhando. E' melhor...

Aproveitou o mesmo envelope e pôs-se a rabiscar às pressas: — "...devendo V. S. preparar-se para embarcar dentro de três dias pelo vapor São José, achando-se sua passagem devidamente reservada..." — Rodrigues prosseguiu alongando outros períodos, — risca um *que* aqui, muda uma vírgula acolá, isso com muito apuro, muito cuidado, que êle, Rodrigues, não era ignorante de todo, e tinha lá a sua pretensão de ser considerado um dos filólogos da cidadezinha.

Sr. Aniceto, que esperava pacientemente, e sabendo quanto era nula a sua interferência na redação do tal ofício, rematou, no fim de algum tempo:

— Bom, compadre, nêste caso, eu vou indo... Depois do almôço eu passo por aqui, não é melhor?

— Isso mesmo... — Rodrigues assentiu sem erguer os olhos do papel. Também, mais algumas palavras e a redação do ofício estava concluida. Agora bastava mandar passar a máquina, e pronto! Rodrigues guardou o papel no bôlso, entusiasmado com a sua obra. Mandou trazer a cadeira de palhinha e sentou-se à porta da loja, aproveitando o resto de sombra da manhã. Tirou um cigarro, acendeu-o e pôs-se a fumar mansamente. Perto, um cabôclo parou o cavalo, tocou de leve no chapéu e perguntou:

— Será que tem anzol p'ra surubim, hein, seu Rodrigues?

— Eu não sei, rapaz. Entra e pergunta aí aos empregados.

Houve uns instantes de quietude, quase sonolência. Por fim, Rodrigues despertou, meteu os dedos por entre os cabelos ralos e grisalhos, tamborilou à tôa, deu uma chupada forte no cigarro, espremeu a fumaça pelas narinas, e sorriu para si mesmo. É, o ofício estava redigido; só faltava passar a máquina. Iria ser uma bomba quando a notícia se espalhasse célere pela cidadezinha. Os comentários, as lamentações, os partidos que se formariam, os prós, os contras, um escarcéu. O diabo. Os que achariam que aquilo não passava de uma vingança tôrpe. Sim, muito bem, êsses que fôssem para os infernos e não amolassem. Isso sim. Ora, tinha graça que êle Rodrigues, homem de mais de cinqüenta anos, ainda fôsse se deixar levar por sentimentalismos! não, porque seu Fulano acha que isso não está direito, seu Beltrano disse que isso é uma miséria, seu Sicrano — nhén-nhén-nheeenn... ara! p'ro diabo que os carregue! A humilhação que êle sofrêra, a amargura que lhe inutilizou a vida,

(Cont. na pág. 47)

A VIDA COMEÇA AOS CINQUENTA!

ESSA história de que a vida começa aos quarenta, que veio consolar tanta gente, teve há pouco, nos Estados Unidos, como não podia deixar de ser, uma belíssima e assás pitoresca confirmação. Parece anedota americana, simplesmente, mas trata-se de uma verdade comprovada que, em vez de publicar aqui, poderíamos servir a qualquer registro sôbre o que é impossível, mas acontece. Impossível, ou quase...

De fato, uma senhora de Chicago, dona Rose Lanvin, declarou que a vida de uma mulher não começa realmente senão depois que ela passa dos cinquenta anos! E, não contente dessa audaciosa afirmação, dona Rose resolveu também provar o que afirma: confessa que já ultrapassou o meio século, que está, portanto, muito feliz. Além disso, compôs uma rumba — que aliás também dança — e, o que é mais, muito mais, fêz-se admitir como manequim, numa das mais reputadas casas de moda da grande cidade americana! Decididamente a vida feminina começa a ficar interessante, uma vez que a velhice é a sua mais grave ameaça — sombra que dona Rose vem tão oportunamente afastar para muito longe, dançando a sua rumba e funcionando como manequim, duas atividades que, segundo a opinião geral, devem ser reservadas aos frescos vinte anos das moças-em-flor. Uma especialista em beleza já asseverou, certa vez, que não há o que temer da maturidade feminina. Tôdas as idades têm seus atrativos e, se não se pode jogar tênis, além de uma certa idade, pode-se perfeitamente encontrar um delicioso passa-tempo nas alegrias dos tricôs. E, quanto ao amor, se não o encontramos mais cedo, tarde êle poderá vir também. Essas verdades correntes no mundo feminino têm, entretanto, um ar de simples consolação. O caso de dona Rose é mais positivo e muito mais interessante. Ela vem mostrar que os mesmos prazeres e alegrias dos vinte anos podem sorrir às quarentonas e até às que já ultrapassaram o meio século. Isto, sim, é alguma coisa capaz de renovar os corações já meio desiludidos e que se dispunham à tricotagem. Dona Rose, com a sua rumba e o seu emprêgo de manequim, vem acordar novas e joviais esperanças. Obrigada, dona Rose! — **LYSE.**

MODELINHOS DE INVERNO

AQUI está uma coleção de vestidos, casaquinhos e saias para inverno. Durante esta estação, o traje preferido para as meninas são as saias e blusas, que podem ser usadas com «sweters» e casacos. As sainhas pregueadas em, lã ou algodão, formam conjunto encantador com blusinhas e casacos soltos. Em cima modelinho em algodão rosa com bordados brancos, à esquerda, casaco em lã vermelha, saia pregueada em quadriculado azul e branco, finalmente dois modelinhos esportivos.

SIMPLICIDADE E ELEGÂNCIA

A característica dêstes modelos é a simplicidade ao lado do talhe elegante, adaptando-se para diversas horas. Em cima: faile é o tecido dêste modêlo de Nina Ricci com capinha e saia com largas pregas. Balenciaga é o criador dêste modêlo simples em lã, com saia franzida e corpo transpassado, sem gola. Em baixo: costume clássico em lã branca, acompanha um casaco sem gola, na mesma lã. Vestido para tarde em seda estampada, criação de Christian Dior. Saia franzida e corpo justo com decote redondo, bolero com aba arredondada, abotoando na frente.

LISTRAS

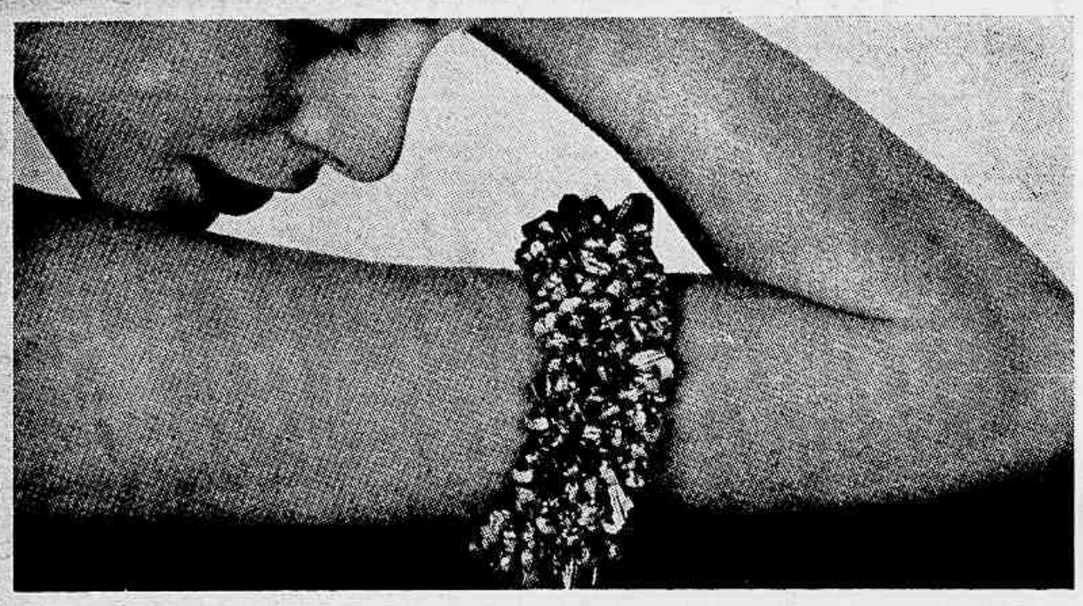
As fazendas listradas estão sempre em moda, servindo para a confecção de vestidos inteiros ou simplesmente como adôrno. Nesta página vemos: Christian Dior aplica fitas em sentido vertical, sôbre um vestido de sêda branca, dando idéia de listras. Costume em casemira listrada, com paletó saco, criação de Charles Montaigne. Jeanne Lafurie emprega tafetá listrado para adôrno dêste original vestido, também em tafetá. Carven é o criador dêste vestido em faile listrado, com corpo liso e saia franzida, na frente. Aproveita também a mesma fazenda do vestido para fôrro dêste interessante casaco, deixando aparecer um pequeno vivo nas mangas e na abertura.

CRIAÇÕES DE BALENCIAGA

ENTRE os nomes dos costureiros famosos de Paris avulta o de Balenciaga, pela elegância e originalidade de suas criações, estendendo-se desde os suntuosos vestidos de noite até aos encantadores maiôs e trajes esportes. Aqui estão algumas das mais recentes criações de Balenciaga, tôdas elas bastante elegantes, próprias para as várias horas do dia, e com um cunho bastante pronunciado de originalidade.

COMO adôrno dos trajes de inverno usam-se echarpes e gravatas, preferindo-as alguns costureiros, como Fath, estreitas e curtas e outros, como Ducharne, preferem-nas bem compridas, acompanhando todo o comprimento do vestido. Estas criações de Jacques Fath, Mad Carpentier, Ducharne e Marcel Rochas, apresentam várias sugestões para o uso de gravatas e echarpes.

GRAVATAS -- E -- ÉCHARPES



JOIAS MODERNAS

A moda apresenta com relação às jóias, mil e uma fantasias. Ao lado de novas criações, reaparecem bijouterias de muitos anos atrás. Line Vautrin criou êste bracelete para ser usado com vestidos sem mangas. Noella Riotteau alia às pérolas de quartzo rosa dêste colar de três voltas, pequenas placas de pedras brilhantes. Êste colar será de muito efeito, usado com um vestido escuro. Roger Scémma apresenta grandes brincos de ouro e brilhantes, e broche combinando. Para qualquer "toilette", em tôdas as horas, usam-se colares de pérolas, como êste de várias voltas, criação de Claude St. Cyr.

COUVE-FIOR COM PÓ DE PÃO

Cozinhe 1 couve-flor grande, em água e sal, e parta em galhos. Arrume num prato, reconstituindo-a. Parta 6 ovos duros aos pedaços e introduza por dentro da couve-flor. Derreta 2 colheres de manteiga, com 1 colher raza de pó de rôsca e, com uma colher, vá deitando a manteiga sôbre a couve-flor e sirva.

CREME INGLÊS

1 litro de leite, 10 gemas, 300 gr de açúcar, 1 fava de baunilha e 1 pitada de sal. Levam-se ao fogo o leite, o açúcar e a baunilha. Quando levantar a fervura, despeja-se sôbre as gemas batidas, mexendo-se bem. Leva-se o creme novamente ao fogo, continuando-se a mexer, tendo-se o cuidado de retirar do fogo assim que começar a levantar fervura. Põe-se para esfriar, mexendo-se de vez em quando, a fim de evitar que se forme a casca na superfície superior. Pode-se enfeitar com frutas.

Modo mais simples: 1 litro de leite, 5 gemas, 40 gr de maizena, 250 gr de açúcar, um pouco de baunilha.

Nota: As gemas nunca devem ser juntadas ao leite fervendo, pois neste caso o creme encaroça.

HORS-DOEUVRE FAMILIAR

No centro: Salmão coberto com maionese. Da esquerda para a direita: 1 — salada de tomates com môlho "vinaigrette". 2 — salada e empadinhas italianas. 3 — salada de legumes. 4 — cartuchos de salame. Guarnição: Rodelas de ovos, limão, pepinos em conserva, alcaparras, maionese, salsa.

SALADA A MARINHEIRA

Recortam-se, com o auxílio de um copo, rodelas de geléia de carne que se colocam, uma ao lado da outra, no centro de uma travessa. Sôbre cada rodela, se coloca um tomate recheiado, coberto com maionese. Ao lado, colocam-se feixes de aspargos e, nos quatro cantos, salada de qualquer verdura.

CREME CHANTILLY

Para se obter um bom creme Chantilly, deve-se conservar um pouco de nata, antes, durante um dia ou uma noite, em lugar fresco. Para bater a nata, deve-se empregar sempre uma vasilha de porcelana ou louça. Não se deve bater com muita fôrça, mas, tendo sempre o cuidado de que o batedor toque no fundo da vasilha. Não se deve bater por muito tempo, pois, neste caso, em vez de creme Chantilly obtém-se manteiga. O açúcar deve ser acrescentado ùnicamente quando a nata já estiver dura. Calcula-se para meio litro de nata, 4 colherinhas de chá de açúcar e meio pacotinho de açúcar de baunilha.

TORTA ECONÔMICA

100 gr de manteiga, 350 gr de açúcar, meio pacotinho de açúcar de baunilha, a casca ralada de meio limão, 125 gr de amêndoas raladas, 125 gramas de farinha de trigo, 1 colher de chá de fermento e 5 a 6 ovos. Bate-se bem a manteiga, junta-se o açúcar, as gemas, o açúcar de baunilha, as amêndoas e a casca ralada de limão. Depois de mexer isto durante um quarto de hora, junta-se alternadamente e com muito cuidado a farinha peneirada com o fermento e as claras batidas em neve.

Esta massa vai ao forno moderado por espaço de três quartos de hora em fôrma untada e forrada de farinha de pão. Enfeita-se com qualquer glacé.

TORTA DE RIGOTA

Faz-se u'a massa com 125 gr de manteiga, 2 ovos, 100 gr de açúcar, 2 colheres de chá de fermento em pó e 300 gr de farinha de trigo. Batem-se os ovos como creme, junta-se o aúcar e torna-se a bater, mistura-se então com uma parte da farinha peneirada com o fermento e vai-se pondo alternadamente com a manteiga, aos pouquinhos com o resto da farinha. Estende-se essa massa em assadeira untada e polvilhada com farinha de pão e espalha-se por cima o seguinte creme de rigota: 500 gr de rigota, 150 gr de açúcar, 1 pitada de sal, 2 ovos, 200 gr de passas sem sementes e um pouco de nata ou leite.

Amassa-se a rigota, junta-se com o açúcar, o leite e as gemas e adicionam-se as passas e as claras batidas. Leva-se ao forno durante meia hora.

Pode-se pincelar com gemas batidas antes de ir ao forno.

FATIAS DE CANELA

250 gr de açúcar, 250 gr de avelãs ou amêndoas, 3 claras, 1 colher de sopa de caldo de limão, 1 colher de sopa de canela e glacé de claras. Batem-se as claras e misturam-se ao açúcar até ficarem u'a massa lisa: juntam-se então as avelãs ou amêndoas, o caldo de limão e a canela. Estende-se a massa com o rôlo em uma tábua polvilhada com açúcar fino, cobre-se com glacé de claras e corta-se depois de 15 a 20 minutos em tiras compridas ou quadradas, usando-se uma faca molhada. Leva-se ao forno regular.

CASQUINHAS PRINCESA ISABEL

450 gr de farinha de trigo, 1 colher de chá de água, 6 gemas, 100 gr de manteiga, 100 gr de banha; amassa-se tudo depois forra-se forminhas que vão ao forno.

Recheio: 450 gr de açúcar, 12 gemas, 50 gr de manteiga, 2 garrafas de leite.

Faz-se uma calda em ponto de pasta. Leva-se o leite a ferver e quando levantar fervura põe-se caldo de 2 limões até que fique talhado, retira-se então do fogo e espreme-se num guardanapo. Soca-se bem a massa juntando os ingredientes, mexendo sempre para não pegar. Estando pronto, enchem-se as forminhas.

FUNDOS DE ALCACHOFRAS RECHEIADOS

Compre 2 latas de fundos de alcachofras, ou cozinhe 12 alcachofras

NA COZINHA

e tire os fundos. Depois tome dois ou três fígados de galinha cozidos no caldo e parta em quadradinhos de 1 cm. Abra uma lata de champignons e corte em pedacinhos, deixando seis só partidos ao meio. Parta também em quadradinhos 100 gr de língua afiambrada. Bote uma fatia de pão de uns 3 cm de môlho em um pouco de leite. Derreta 1 colher de manteiga, e passe nela a língua, o fígado e metade dos champignons partidos. Junte então o pão passado em peneira com 3 gemas; molhe com um pouco de caldo e leve a cozinhar por alguns minutos, juntando um pouco de farinha, caso fique mole. Faça umas bolas dêsse recheio e bote sôbre os fundos das alcachofas, achatando-as depois doure com gema e manteiga, e enfeite com uma metade de champignon. Derrame num prato o môlho abaixo e coloque em cima, bem arrumados, os fundos de alcachofras recheiados.

MÔLHO DE VINHO MADEIRA

Toste 1 colher de sopa de manteiga com outra de cebola picada.

Junte 1 colher de farinha de trigo, toste um pouco o môlho com 1 1/2 xícara de caldo. Passe tudo pela peneira, acrescente champignons partidos e 1 cálice de vinho Madeira.

BATATAS COM NOZES

Tome 2 k de batatas descascadas, tire com a colher própria, bolas do tamanho de nozes, e leve a cozinhar n'água e sal. Cuidado que não passe do tempo para não se desmancharem. Escorra e regue com manteiga.

BOLO DE BANANA COM AVEIA

4 ovos inteiros, 2 xícaras de bananas amassadas, 2 xícaras de aveia, 1 xícara de manteiga, 2 xícaras de açúcar, 2 colheres de sopa de fermento. Bater bem as gemas com o açúcar, depois a manteiga, a seguir as claras em neve, no fim a aveia, o fermento e a banana. Forno quente.

COSTELETAS DE CARNEIRO A MURILO

Leve ao fogo forte uma frigideira com 2 colheres de manteiga e aí frite 12 belas costeletas bem arregaçadas. No fim de 5 minutos, a parte de baixo deve estar corada. Retire as costeletas do fogo e arrume num prato com a parte frita para cima. Ecorra os champignons de 2 latas e coloque uns 4 sôbre cada costeleta. Faça um creme grosso com 1 colher de manteiga, 1 de farinha, e 1 xícara de leite. Deite um pouco sôbre os champignons, polvilhe com queijo, regue com um pouco de manteiga derretida e leve ao forno por uns 5 ou 7 minutos.

ROBALO FRIO A PARISIENSE

Tome 1 robalo (ou outro peixe fino), escame, limpe, e leve a cozinhar inteiro em panela própria com 3 xícaras de água, 1 de vinho, sal e cheiro. Logo que ferva, retire para o lado do fogo durante 1 hora, e depois retire completamente do fogo e deixe esfriar na própria água. Retire o caldo do peixe, junte 1 cebola, com 1 cravo espetado, cheiro, 2 fôlhas de aipo, 1 galinho de hortelã, e leve ao fogo fraco para cozinhar durante 1 hora. Côe e apure 2 xícaras de caldo. Junte 4 fôlhas de gelatina, leve ao fogo para dissolver e côe tudo num pano. Deite o peixe num prato comprido, apoiado sôbre o ventre, com o dorso bem voltado para cima. Com faca afiada corte em quadradinhos um quadrilátero sôbre a pele, e retire-a com cuidado, deixando apenas 4 dedos junto da cabeça e outro tanto junto à cauda, e deixe a pele do ventre (para não se desmanchar). Logo que o môlho principie a coagular, despeje sôbre a parte sem pele, em camada o mais fina possível e deixe endurecer. Cozinhe um quilogramo de camarões e tire as cascas. Faça um môlho maionese para ornamentação, deite no saco e vá deitando, como um cordão, sôbre o peixe, de 5 em 5 cm para que fique todo listrado, mas sôbre a largura. Deite à cavalete sôbre o peixe, 1 camarão cozido sôbre cada listra e embaixo 1 de cada lado marcando as extremidades dos cordões Sôbre a cabeça faça uma grinalda de camarões.

MÔLHO MAIONESE PARA ORNAMENTAÇÃO

Faça um môlho maionese comum, junte 6 gemas cozidas e peneiradas, bata bem, deite no saco próprio e faça os enfeites.

OMELETE ESPUMOSA

4 gemas, 4 colheres de açúcar, 1 pitada de sal, um pouco de manteiga, um pouco de rum ou essência de baunilha. Batem-se muito bem todos êsses ingredientes, juntando-se-lhes por cima as claras em neve. Fazem-se com esta massa duas omeletes que se pulverizam, ao servir, com açúcar. Servem-se com compota, como sobremesa.

PANQUECA IMPERIAL

Misturam-se 2 xícaras de nata com 5 gemas, juntando-se 1 xícara de farinha, um pouco de sal e as claras batidas em neve. Com esta massa frige-se uma panqueca. Quando a massa começar a ficar consistente, tomam-se dois garfos, com os quais se rasga a panqueca em pedacinhos que se deixam frigir até corar. Antes de servir, pulveriza-se com açúcar de baunilha. Serve-se ao jantar com compota.

MACARRÃO AU GRATIN

½ k de macarrão, 2 colheres de manteiga ou gordura, 4 colheres de queijo ralado, sal e xícara e meia de môlho branco. Cozinha-se o macarrão em água e sal, sem contudo deixá-lo amolecer demais. Deixa-se escorrer bem a água, colocando-o em seguida em uma fôrma bem untada. Mistura-se o môlho branco com queijo e, um pouco de sal, despejando-se em seguida sôbre o macarrão que se leva ao forno espalhando sôbre êle um pouco de manteiga e farinha de rôsca.

DE HOLLYWOOD

HOLLYWOOD nos apresenta, por intermédio de suas estrêlas, mais algumas sugestões para a meia estação. Judy Garland, da Metro, usa um colête justo em lã e blusa de organza e rendas, com amplo decote. Um grande chapéu de palha completa a "toilette" campestre. Micheline Prelle, da Fox, exibe um elegante vestido de "shantung" enfeitado com bordado branco. Nina Foch, da Columbia, veste um robe de interior, em fazenda de dois tons.

O sr. Cristiano Machado é carregado nos braços do povo à sua chegada a Belo Horizonte

A CAMPANHA DEMOCRÁTICA DO SR. CRISTIANO MACHADO

VITORIOSA EXCURSÃO POLÍTICA A MINAS GERAIS

NO desenvolvimento de sua campanha politica, o sr. Cristiano Machado acaba de visitar o seu Estado natal, registrando mais uma vitoriosa excursão das que vem empreendendo em propaganda da sua candidatura à Presidência da República. Recebido entusiàsticamente em Belo Horizonte, aí foi-lhe tributada uma grande manifestação de aprêço e apoio político pelos seus conterrâneos. Foi um espetáculo memorável, o que a capital mineira assistiu no último domingo de julho, podendo-se dizer que a viagem do sr. Cristiano Machado atingiu plenamente o objetivo visado.

Em Belo Horizonte, além do grande comício popular, assistiu o sr. Cristiano Machado à convenção estadual do Partido Social Democrático, que ratificou a escolha do sr. Juscelino Kubitschek como candidato à governança do Estado, pronunciando uma notável oração já amplamente divulgada pelos jornais. Na viagem de regresso, o trem que conduzia a grande comitiva do candidato deteve-se em oito estações, nas quais foram improvisados comícios de propaganda. Em tôdas elas, o sr. Cristiano Machado recebeu demonstrações de apoio à sua candidatura. A primeira foi em Lafaiete, que além de ser importante centro ferroviário, é, ainda, politicamente, um reduto de apreciável contingente eleitoral de massa operária. O sr. Cristiano Machado foi aí saudado pelo advogado Miguel Lôbo, agradecendo em seu nome o senador Apolônio Sales. Em Carandaí, falaram os deputados Getúlio Moura e Bias Fortes, além de vários oradores locais. Em Barbacena, terra natal do ministro da Justiça, a recepção teve um caráter mais amplo, notando-se na estação, além de massa popular, chefes e representantes politicos da maior expressão no municipio.

O discurso proferido pelo professor Honório Armoud, em nome de Barbacena, assegurou resultados favoráveis ao sr. Cristiano Machado. Ainda usaram da palavra os chefes politicos Antônio Soares Pereira e Francisco Baronte, sendo que êste do Alto do Rio Doce, de onde veio especialmente para participar da homenagem e trazer o apoio de seu municipio; o senador Luis

A multidão, concentrada em frente à estação da Central do Brasil em Belo Horizonte, aguardando a chegada do sr. Cristiano Machado

Outro aspecto da massa popular que aguardava a chegada do sr. Cristiano Machado e sua comitiva

Gallotti, e novamente o sr. Bias Fortes, que não podia deixar de falar ao povo de sua terra, como disse o deputado Hugo Carneiro, o professor Pereira Lira, e, por último, o sr. Cristiano Machado, cuja oração foi uma recordação do seu passado de lutas na terra mineira, inclusive a luta armada de 30. O candidato viu-se obrigado a interromper a cada instante o seu discurso pelos aplausos da multidão, que se comprimia na "gare" e se espalhava pelas redondezas.

Em Antônio Carlos, antigo Sítio, falaram o prefeito e o deputado Aristides Largura; em Santos Dumont, o sr. Paulo Vieira Marques e o deputado Lameira Bittencourt. A outra estação foi Juiz de Fora, onde o candidato majoritário recebeu também significativa manifestação. Os oradores foram: deputado Lair Tostes, sr. Sadi Bechar, prefeito Dilarmando Cruz, estudante Castelo Branco, deputado Medeiros Neto, senador Bernardes Filho, sr. Bayard de Lima e sr. José Soares.

A derradeira cidade mineira do percurso, Matias Barbosa, também recebeu com vibração a passagem do candidato majoritário, falando o deputado Basílio Machado, do Paraná, em nome do sr. Cristiano Machado. E já no Estado do Rio, quando o trem parou em Três Rios, essa cidade promoveu uma manifestação de apoio e simpatia ao candidato, que em nada ficou a dever às que havia êle recebido em seu Estado natal. Apesar da hora avançada da noite, a "gare" apresentava-se cheia de povo, no meio do qual se destacavam diversos chefes políticos pessedistas.

Aí falaram os deputados Getúlio Moura, Vasconcelos Tôrres e Carlos Luz, todos muito aplaudidos.

As fotografias que ilustram esta reportagem reproduzem fielmente, em tôda a sua grandiosidade, a calorosa recepção que os mineiros tributaram ao sr. Cristiano Machado, e que assinalou uma brilhante etapa da sua campanha política como candidato à Presidência da República.

⟹→

Considerável massa popular recepcionou calorosamente ao sr. Cristiano Machado, durante o comício monstro realizado na capital mineira

Vista do palanque armado em frente à estação da Central do Brasil, em Belo Horizonte, de onde falaram vários oradores no comício de propaganda da candidatura de Cristiano Machado

PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

RENOVADOR DAS FÔRÇAS

Tônico poderoso

CONFLITO

(Cont. da pág. 26)

a consumia lentamente. Como lhe seria ditosa se "êle" lhe penetrasse no recôndito do espírito, detendo-lhe os passos trôpegos em busca inútil da felicidade, abrigando-a em oásis de harmonia e perfeição! Estava exausta de sua nômade peregrinação pelo deserto, das contínuas tentativas de êxito malogrado, onde sòmente dúvidas, incertezas, humilhações, espetavam-na como farpa incômoda, ferindo-lhe a alma gitana, dilacerando-a transformando-a na grande chaga de inquietude que, alastrando-se pelo coração, o corroia, qual um câncer. Indagava, repetidas vêzes, à si própria: seria realmente amada pelo espôso? E agora que se considerava vencida nessa peleja íntima, Ana Luiza recordava-se, tristemente, de pequeninos fatos cotidianos que lhe representavam a ambos, mundo estranho de sentimentos opostos e quase intransponíveis.

Certa vez, quando após o jantar em seu confortável apartamento da Gávea, chamando a atenção do marido para os versos do seu poeta parnasiano, Ana Luiza os repetia com arrebatamento.

"Um dia um cisne morrerá por certo,
Que o cisne vivo cheio de saudade,
Nunca mais cante nem sòsinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cisne".

Rindo-se do enlêvo pueril da espôsa, Lauro retrucara-lhe, calmamente: — "coisa de poeta, tolinha, quem irá preparar-lhe a comida, cerzir-lhe as meias, velar-lhe pela saúde, zelar pelos filhos? Há de haver, certamente, outro cisne complascente" — Ana Luiza levantou-se com lágrimas nos olhos. Era demais! Foi como se lhe tivessem rasgado o coração em mil pedaços, perfurando-o com alfinetadas, como se fôra bilhete de rifa de igreja!

De outra feita, quando de sua 25.ª primavera, o casal reunia os amigos para um jantar, aos brindes de felicidade, ao espoucar da champanha, uma das amigas teceu elogios ao modêlo "silhouette tige" da encantadora anfitriã. Ana Luiza, estreiando o belo vestido confecionado por uma de nossas "Carvens", estava intimamente decepcionada pelo glacial silêncio do consórte. Pequeninos truques, energias inauditas, foram-lhe necessárias para que os presentes não percebessem a avalanche de lágrimas prestes a se desencadearem!

— E' verdade — disse Lauro, como se tivesse vindo de algum planeta longínquo, ofertando-lhe por essa ocasião um riquissímo colar de pérolas, — adoro em minha mulher a côr azul que lhe assenta maravilhosamente com a de seus olhos, singelamente azuis, como os de criança.

Naquêle dia, a espiritualísma senhora Andrade, estando com um vestido verda, jámais perdoou ao espôso o "tremendo" brinde de aniversário.

Eis aí porque, eu, hóspede do suntuoso solar, fui encontrá-la naquela manhã que despertava numa febricitante orgia de luz, extranhamente concentrada em seu drama de amor malogrado, desiludida em plena primavera da existência,, a fixar o mar como se lhe pretendesse ofertar o calôr de seu corpo escultural.

— Ainda bem que me apareces, Helena, disse-me nervosa; a ti, que me conheces de longa data, desejo fazer uma confissão que jámais tentei a alguém. Lauro chegará amanhã do Recife, pela Panair. Vem feliz, minha cara, felicíssimo com o lucro de seus negócios de açúcar; contudo, minha vida é um fel. Sorvô-a em taça de ouro. Sabias?

Disse-lhe — sim — discretamente, com a cabeça.

— Como assim? — perguntou-me, admirada.

— Pelo menos julgo-te pelo retrato de tua torturada alma.

Ana Luiza, absorta, respoudeu-me apenas:

— A realidade, minha amiga, é que, amanhã, quando êle vier tomar-me em seus braços para a apoteóse de nosso amor, meu espírito, que não lhe pertence, se sentirá só, tremendamente só. E sou covarde, tenho mêdo, muito mêdo dessa solidão que me faz tão infeliz.

Apontei-lhe a mimosa figurinha de Ana Maria que chilreando como andorinha feliz, conduzida pela governante "voava" ao encontro da linda mãezinha.

— Olha, Ana Luiza, aqui tens o quinhão de felicidade.

— E' verdade, Helena, — disse-me melancòlicamente, por Ana Maria rendo graças a Deus de me dar alento à vida e por ela também, minha amiga, renunciarei à felicidade que Lauro jámais me proporcionou.

E, estreitando amorosamente a filhinha em seus braços — esplêndido fruto de seu grande e incompreendido amor, — Ana Luiza pareceu-me, pela vez primeira, sentir-se plenamente feliz!

A VIDA DE CLEÓPATRA

(Continuação da pág. 22)

avisá-lo por um mensageiro, "deve vir à minha galera como meu convidado".

Antônio aceitou o convite e se achou num jardim encantado. Sereias, Cupidos e Graças dançavam sôbre um convés juncado de flores, enquanto um grupo de raparigas com flautas tocava uma música suave, e uma nuvem de incenso inebriava docemente os sentidos, fazendo tudo esquecer.

E na verdade Antônio esqueceu tudo ao ver Cleópatra em meio a êsses mágicos arranjos. Ataviada com as vestes sôltas e semi-transparentes da deusa Vênus, ela estava sentada debaixo de um tôldo franjado de ouro, e acolheu Antônio com um sorriso de maliciosa humildade. Após a troca habitual de cumprimentos, ela o conduziu ao salão onde estava preparado um lauto banquete de manjares egípcios. Uma visão tumultuária de baixela de ouro e prata, de bordados de veludo, de taças marchetadas com ricas pedrarias. Quando Antônio mostrou-se maravilhado com o esplendor do festim, Cleópatra declarou que aquilo não passava de uma ninharia. E então, como que levada por súbito arroubo, fêz-lhe presente de tudo: baixela, taças, divãs, bordados e o mais.

Em compensação, Antônio fêz-lhe presente de seu coração, suas esperanças e sua vida. Mas o fêz com seu costumeiro abandono. Rude soldado e rude amoroso, nada conhecia dos requintes da côrto real. A princípio espantou Cleópatra com o que Plutarco descreve como suas "maneiras rústicas". Mas pouco depois, ela, soberba atriz que era, adaptou suas maneiras às de Antônio. "Percebendo que as chalaças dele eram brutas e sórdidas, e que tinham mais do soldado que do cortesão, ela respondeu com a mesma moeda e descambou para essa disposição de espírito sem nenhuma relutância ou reserva".

Sucederam-se os banquetes régios, cada qual mais suntuoso do que o anterior. Antônio tentou em vão competir com a magnificência dela. Os festins para os quais a convidava eram monótonos, pobres e insípidos; uns cozimentos sem graça do prosaico espírito romano. Uma noite, à guisa de desculpa, êle fêz notar que seu último banquete tinha lhe custado cem talentos (cêrca de dois milhões e quatrocentos mil cruzeiros).

— Certamente que ninguém pode gastar mais do que *isso* num único banquete.

Cleópatra riu.

— Bem... mas *eu* posso. Meu próximo banquete vai me custar oitocentos talentos.

— Você está caçoando de mim, Cleópatra. Não pode ser.

— Quer apostar?

— Claro que aposto.

Em conseqüência disso, a rainha apostou com êle que daria o banquete já no dia seguinte.

Na hora marcada Antônio chegou à galeria real. A exibição estava um tanto abaixo do nível do usual esplendor de Cleópatra. "Acho que ganhei a aposta", disse Antônio consigo, exultante. E observou em voz alta:

— Parece-me, num cálculo aproximado, que esta despêsa — iguarias, baixela e o resto — não vai além da qüinquagésima parte da soma de que você se vangloriou.

— Espere — replicou Cleópatra, sorridente. — Isto é só o começo.

E em seguida, batendo palmas, ordenou a seus escravos que lhe trouxessem uma mesa e uma vasilha de vidro com vinagre.

"Só queria saber o que ela está matutando!", pensou Antônio enquanto observava tudo atentamente.

Sua admiração cresceu ainda mais de ponto ante o que via. Pois que a rainha desprendera uma das pérolas que usava nas orelhas e observara displicentemente, ao soltá-la dentro do vinagre:

— Esta bagatela custa quatrocentos talentos.

Quando a pérola se desintegrou, ela a fêz escorregar pela sua real garganta abaixo, com gôsto.

— Já estou pronta para sorver outra pérola — disse ela

Antônio, porém, apertou-lhe a mão.

— Basta! — exclamou. — Você ganhou a aposta.

VI

Cleópatra não era idiota. Havia método na sua loucura. Ela tinha razões de ordem prática para o esbanjamento ostensivo de sua fortuna. Estava ansiosa por impressionar Antônio com a amplitude de seu apôio financeiro na luta que êle travava pelo domínio de Roma. Seu único desejo, agora que César estava morto, era açular uma desavença entre Antônio e Otaviano; Lépido, o terceiro membro do triunvirato, era homem sem importância. Com a capacidade de comando de Antônio e com o dinheiro dela, êles derrubariam Otaviano e subiriam ao trono romano. Cleópatra ainda seria senhora do mundo!

Animada pelo renascimento de seu sonho, ela fêz-se de vela para Alexandria, levando consigo

a promessa de uma próxima visita de Antônio.

Êste estava impaciente por ver com seus próprios olhos as fabulosas riquezas do Egito, e provar mais uma vez os beijos daquela feiticeirinha de cabelos ruivos do Nilo. Assim, não perdeu tempo em seguir a rainha a Alexandria. Recebido como um rei, mergulhou num carnaval de régias dissipações. "Seria um nunca acabar", escreve Plutarco, "descrever minuciosamente as doidices de Antônio e Cleópatra em Alexandria". Farsas, mascaradas, bebedeiras, piqueniques, excursões, danças, corridas de carros, e até mesmo visitas acidentais às tavernas, disfarçados de aldeões ou escravos. Algumas vêzes, à noite, um pouco avariados mas nem por isso menos alegrados pelo vinho, esgueiravam-se furtivamente pelas ruas escuras da cidade, iam bater às portas e janelas de casas desconhecidas, e riam nas trevas quando os proprietários vinham atender. Uma ou duas vêzes foram pegados e receberam vigorosa sova, "embora a maior parte da gente", informa Plutarco, "suspeitasse quem eram êles".

A destra jovialidade de Cleópatra era um bom acicate para a pesada rudeza de Antônio. Certa vez, tendo estado a pescar infrutíferamente no pôrto, Antônio contratou um mergulhador para submergir na água e enganchar-lhe peixes frescos no anzol. Estrugiram aplausos quando Antônio puxou êsses peixes um após outro. "Que exímio pescador!" Mas de repente, para gráudio de todos que alí se achavam, êle puxou um arenque salgado. Havia nisso a mão de Cleópatra. Desconfiada do embuste de Antônio, ela mandara um escravo mergulhar e prender aquêle arenque no azol. Voltando-se então para o desconcertado pescador, disse suavemente:

— Deixe os peixes para nós pobres egípcios. *Seu* passatempo são cidades, províncias, impérios.

Antônio, porém, alimentando-se vorazmente com o lótus do amor, esquecera suas cidades, províncias e impérios. Estava malbaratando, não sòmente sua ambição e sua energia, como também "o mais precioso de todos os valores: o tempo". Enquanto Antônio enlanguescia na sua alcova egípcia, Otaviano consolidava sua própria posição em Roma.

E Otaviano, sobrinho de César, era um rival político nada desprezível. Fisicamente fraco, tinha um espírito forte como o aço. Sua tez pálida, sua face bexiguenta e seus dentes arruinados não davam idéia do monstro que rosnava debaixo da sua pêle. Devido às numerosas vítimas que tinha mandado torturar e crucificar, tornara-se conhecido como "Carrasco" Cruel, calculista, sagaz e taciturno, odiava a luz do sol e raramente tomava banho. Uma criatura viscosa que vivia num pântano de imundície corporal e mental.

E pouco a pouco ia sorrateiramente abrindo caminho para o alto. Desejoso de provocar um conflito com Antônio, achou já preparadas as condições para isso. Sua irmã, Otávia, era casada com Antônio. Era um pretexto fácil, além de ser um motivo fundado, para acusar Antônio de ter abandonado a espôsa e se apaixonado por uma estrangeira. Otaviano mandou sua irmã, embora soubesse que a mandava em vão, pleitear a volta do marido à família. Quando Otávia regressou a Roma de mãos abanando, seu irmão embarafustou pelo Senado e denunciou aquêle "renegado e traidor, aquêle monstro ébrio que prometera à prostituta egípcia o Império Romano como paga do amor dela".

Concordaram os senadores romanos que não se devia suportar êsse estado de coisas. Foi equipada uma frota para fazer-se ao mar contra Antônio. E Antônio, agora que se achava completamente excitado, começou a armar uma esquadra contra Otaviano. Divorciou-se de Otávia, casou com Cleópatra, e proclamou-se libertador de Roma. (Sempre que dois velhos bandidos deflagram uma guerra civil, cada qual invoca a qualidade de libertador de seu país).

Tão certo estava Antônio de ganhar a guerra, que celebrou seu triunfo mesmo antes de ter começado o combate. A marcha de sua frota era antes um cortejo do que um avanço para a batalha. E foi com o mesmíssimo espírito de aparato que Cleópatra, à frente de um contingente seu acompanhou Antônio à batalha de Ácio. As esperanças de ambos elevavam-se às nuvens. Uma rápida, emocionante e vitoriosa manobra — sua frota era maior, mais forte e melhor equipada do que a de Otaviano — e Antônio e Cleópatra surgiram como dominadores do mundo.

Antônio preparou-se para a batalha mergulhando em prolongada orgia. Ao clarear da manhã do combate, estava entorpecido pelo vinho. Ao cair da tarde do mesmo dia, estava entorpecido pelo desespêro.

Pois que o inesperado acontecera. Os navios superiores de Antônio tinham sucumbido, um por um, aos inferiores de Otaviano. No meio da batalha, achando a situação incômoda demais, Cleópatra desertara com todo o seu contingente, deixando Antônio a sustentar a luta sòzinho. E naquele mesmo instante a coragem de Antônio desertou também. O soldado cedera de todo em todo ao amante. Assim que viu Cleópatra navegando, indo-se embora "abandonou todos que estavam lutando e dando suas vidas por êle, e seguiu atrás dela para Alexandria".

E para sua perdição. Porque o mundo não era mais um hospedeiro amigo para Antônio. Êste ultrapassara o tempo em que era bem-vindo ao banquete da vida. Todos olhavam com desdém para o campeão derrotado que "seguira a bandeira de umas saias de mulher". Até Cleóatra chegou a desprezá-lo. Ela sabia como regozijar-se com um vencedor, mas não como enfadar-se com uma vítima. Antônio, como César, desapontara-a. Já não se tornava necessário para ela. A estrêla dele declinara.

Mas não sua própria estrêla. Ainda não. Sua ambição de se tornar imperatriz de Roma ainda podia ser realizada. Se não como espôsa de César ou de Antônio, então como espôsa de Otaviano. Antônio provàvelmente se mataria — que a terra lhe fôsse leve! — e Otaviano vê-la-ia arrependida, bela e pronta a dar satisfações. Que importava quem se sentasse ao lado dela, contanto que ocupasse o trono como senhora do mundo?

Nestas suas considerações finais ela esquecera apenas duas coisas; sua beleza decadente e o coração frio de Otaviano. Antônio matou-se, e Otaviano veio vê-la. Veio, viu e não foi conquistado. Ofereceu-se, é verdade, para trazê-la a Roma; não, porém, como sua espôsa, mas como sua escrava. Para êle, ela não era nada mais que uma mulher capturada na guerra, nunca uma princesa capaz de reinar a seu lado. Ela sorriu quando êle lhe falou; prometeu anuir aos desejos dele, e resolveu sujeitar-se antes à picada de um áspide do que aos delicados favores de Otaviano. Ainda que prisioneira de Otaviano, logrou introduzir a serpente em seus aposentos escondida dentro duma cesta de frutas.

E assim a insaciável princesa, a mortal que supunha dominar o mundo, recebeu seu completo e final quinhão de glória mundana. Ofereceu um banquete real aos vermes famintos.

ALMAS TORTURADAS

(Cont. da pág. 36)

ah, disso ninguem se incomodava. Unh-unh. Fazia pouco mais de um ano que acontecera o que aconteceu, e portanto a ferida ainda estava bem recente, sangrando em sua alma. Sim, estava alí a vêr o fato, tal como a desenrolar-se naquele momento. **(Cont. no próximo número)**

ESPORTIVAMENTE FOI UM SUCESSO

(*Cont. da pág.* 14)

à custa, e nos últimos momentos, seus antagonistas. Tinham de sobra o que nos faltava, lutas duras. Assim explico a nossa derrota.

— A imprensa diária revelou que, na sua opinião, a crônica esportiva tem parte da culpa por haver insuflado demais o convencimento que os jogadores tinham, provocando êsse excesso de otimismo de Não poderia culpar ninguém diretamente que falou há pouco. E' verdade?

— Minhas declarações foram exageradas. pela derrota. Se houve culpa, essa deve ser repartida entre todos. Quanto à crônica esportiva, como aliás em qualquer parte, há individuos afoitos e inescrupulosos que querem cartaz à custa dos sucessos ou das desgraças alheias. São êsses mesmos que nos chamaram campeões antes do tempo e nos insultaram após a derrota. Felizmente, são poucos e não chegam a comprometer as relações que devem existir entre os cronistas e nós.

— Qual a sua impressão sôbre a organização por parte das autoridades municipais e esportivas de tudo o que diz respeito ao certame, como seja a construção e a franquia do estádio ao público, realização dos jogos e demais precauções tomadas?

— Dizer que a construção do estádio municipal é a realização do sonho dourado dos brasileiros, é repetir uma opinião assentada, mas é a verdade. Quanto ao acesso e penetração do público no mesmo, assim como à ação da C.B.D. em todos os momentos do campeonato, se houve falhas, foram pequenas, insignificantes mesmo ante o tamanho da realização. Querer aumentar a importância dêsses imprevistos é pura demagogia.

— Acha que o sistema de classificação e eliminação por pontos ganhos e perdidos é o ideal e foi bem aplicado? Não seria melhor o sistema "melhor de três"?

— O sistema "melhor de três" seria mais justo, mas levaria demasiado tempo, o que o torna impraticável num certame internacional .O sistema adotado é bom, há apenas uma única restrição a ser feita: uma vez que se verificou o "forfait" da França e Portugal, novo sorteio deveria ser feito para distribuição mais igual nas chaves.

— Uma vez que havia sido escolhido como técnico da seleção nacional e que teve amplos poderes para se desincumbir dêsse cargo, pôde realizar sua missão à vontade ou encontrou empecilhos e embaraços?

— Nesse ponto não tenho queixa nenhuma a fazer.

— E dos jogadores, todos êles corresponderam, ou houve queda de produção?

— Obtive de todos êles o máximo do rendimento. Se alguns fraquejaram isso corre por conta do imprevisto.

— E quanto à torcida, acredita no real valor da massa?

— Considero-a um fator de grande auxílio.

— Acha mesmo que o Pacaembu dá azar e que a torcida paulista é "do contra"?

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O
AFAMADO FREIO
CONTRA-PEDAL

O NOVO
PERRY
DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA
PERRY CHAIN COMPANY LTD.
BIRMINGHAN --- INGLATERRA

— Não sou supersticioso e portanto não acredito no azar do Pacaembu. Quanto à torcida paulista, o que houve lá foi devido a uns poucos exaltados que absolutamente não representam o resto dos paulistas, e assim como aconteceu lá, o poderia ter sido em qualquer outro lugar. A prova é que também a torcida paulista sofreu com a derrota. Êles também são brasileiros.

— Não acha que o Brasil foi grandemente favorecido pelo fato de que nos jogos finais foi o único entre os quatro concorrentes a não sair do Rio para realizar jogos em S. Paulo, enquanto os outros tiveram que andar entre Rio e S. Paulo?

— Penso que não. Na Europa os jogadores estão acostumados a andar várias horas de trem, entre as várias cidades em que disputam jogos, de modo que não seria uma viagem de pouco mais de uma hora de avião que os iria prejudicar...

— Qual a sua impressão sôbre a maneira pela qual se desincumbiu de sua própria missão de treinador do selecionado nacional?

— Quando aceitei o convite da C.B.D. não o fiz com intuito de querer aumentar as realizações em minha fôlha de serviços. Consegui no futebol e em minha carreira o que de mais alto se pode almejar em nosso país. Aceitei o pôsto como encargo de sacrifícios, isto porque no Brasil todo mundo é um "entendido" em futebol, e eu sabia que iria contra a opinião de milhares de pessoas que, de todos os cantos do país pelo rádio, pela imprensa e pelo correio, viviam a sugerir convocações de jogadores e escalação de quadros. Sabia perfeitamente que se de um lado satisfaria a vontade de u'a minoria, por outro, a maioria ficaria mesmo descontente. Mas eu já aprendi a não ouvir essas críticas, de outra forma não teria conseguido ser o que sou. E' impossível estar de acôrdo ao mesmo tempo com tôdas as opiniões de todos os brasileiros.

— Certo cronista disse que enquanto o técnico uruguaio fazia o possível para dar ordens a seus pupilos, ficou v. parado em seu lugar de observação na entrada do túnel, durante o último jôgo. Que diz a isso?

— Se eu tivesse feito o que êsse cronista queria e nós tivéssemos levantado o título, poderiam os uruguaios, com razão, clamar pela deslealdade da vitória. Aliás, êsse cronista disse mais, paragonou o macacão sujo do uruguaio com o meu blusão marron, como se tivesse alguma influência na derrota. E por falar nisso, sabe qual é o nome do técnico dos uruguaios? — perguntou-nos?

Não soubemos responder, mas repetimos, não somos cronistas esportivos.

— Está vendo? Mas não tenha dúvida, o futebol brasileiro e seus jogadores agora são conhecidos no mundo todo. O próprio Jules Rimet disse que em quarenta anos de vida desportiva não encontrou nada igual ao nosso futebol. E tenha outra certeza, deve-se isso em grande parte ao impulso dado a êsse esporte pelo Vasco da Gama, como pode observar.

E terminamos nossa entrevista com uma rápida visita às novas instalações que estão sendo montadas nas dependências esportivas do clube cruzmaltino, verdadeira potência no futebol, considerado um dos melhores do mundo.

NA VÉSPERA DA...

(Cont. da pág. 53)

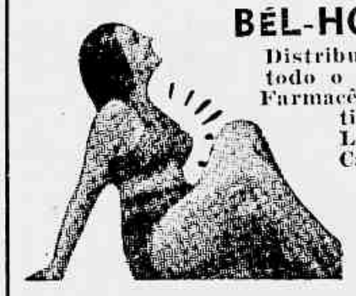
rua pulando uma sacada. Confiou demasiado na própria agilidade. Fraturou a perna direita em dois pontos, mas apesar da terrível dor, conseguiu sumir no labirinto de becos do lugar. Estava quase em salvo quando, por acaso, caiu nos braços de alguns carabineiros em serviço ordinário de vigilância noturna. Êle usa ainda as muletas, motivo pelo qual é o único dos acusados que não leva algemas nem correntes. Mesmo assim, dois carabineiros foram destacados para guardá-lo com exclusividade. Apesar de ser candidato à prisão perpétua, é o mais alegre dos 27 detidos, fechados em dois gaiolões no tribunal.

Além da tese defendida pelo Giuliano no memorial e nas duas cartas, há mais duas. A primeira é da promotoria, animada pelo senador comunista Girolamo LiCausi. Diz êle que os acusados não representam a parte principal da questão, são "meros instrumentos" de criminosos mandatários, os verdadeiros responsáveis pela matança. Êsses é que devem ser descobertos e processados. O senador Li Causi atribui a ordem da fuzilaria ao ministro do interior Mario Scelba, prometendo, continuamente, importantes revelações. A tese defendida pelo advogado Giuseppe Romano Battaglia, defensor de Giuliano, diverge bastante da linha de conduta do bandido. Diz êle antes de mais nada que Turiddu foi estragado pelos separatistas, que lhe encheram a cabeça com promessa de fazê-lo herói nacional no dia em que fôsse conseguida a independência da Sicilia. Sôbre o fato de Portella sustenta que os mandatários foram os comunistas, e promete prová-lo com documentos muito mais importantes que os de Li Causi. "Ninguém explica por que Li Causi, que se agita de tal maneira na promotoria, manteve longa correspondência com Giuliano. Muitos dos acusados são comunistas fanáticos. A verdade será conhecida no momento oportuno e será bem diferente da que querem as esquerdas". Haverá, portanto, um cruzamento de teses a serem defendidas, mesmo na bancada da defesa muitos advogados têm opiniões diferentes entre si. Ugo Guarnera, acusador público, sendo siciliano, deverá servir de intérprete para muitos dos acusados, pois só falam dialeto cerrado e no Tribunal êle é a única pessoa em grau de compreendê-los. O processo, na previsão dos advogados terá a duração mínima de três meses. E agora que Giuliano não existe mais, outras novidades surgirão. O homem acusado pela morte de cento e trinta e quatro pessoas, 66 das quais agentes de polícia, já não será mais o espantalho e a preocupação para muita gente. Após quatro anos de vida fora da lei, tendo suas façanhas percorrido o mundo inteiro, suscitando admiração e desprêzo, revivendo as lendárias proezas dos Robin Hoods, dos Frá Diavolos, dos Passatores, dos Lampiões, servindo de motivo para campanha política à gentalha que na península itálica aproveita a volta do regime democrático para saciar seus apetites, à custa de encenações demagógicas. Herói que empregou a fôrça e matou discricionàriamente, que usou poses cinematográficas, que sequestrou os ricos como qualquer bandoleiro da época romântica, que falou em descobrir um motor de "movimento perpétuo", que faz poesias e não se arrependeu em passar pelas armas os seus semelhantes, que estudou o sistema das marés e tentou explicar a cosmologia, obrigado a viver como fera à margem da vida na sociedade humana, encontrou afinal o fecho de ouro para sua vida rocambolesca. Triste resultado dos tempos de revolta por que passamos, reedição melhorada de antepassados de romance, sinal evidente de que os homens não aprendem com a experiência das gerações passadas.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME .....

RUA ..... Nº ....

CIDADE ..... ESTADO .....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

HELOISA E ELZA

(Cont. da pág. 51)

— Então... era isso! Oh! Mas é impagável! Por que não veio antes, se o assunto era êsse?

— Acha então... natural assim? — inquiri, no auge do desaponto.

— Claro que acho, Carlos. Você não imagina o quanto me alegra essa notícia! Porque... para ser franca tinha a mesma comunicação a fazer-lhe. Encontrei lá onde estive o meu verdadeiro ideal.

De olhar apaixonado, procurou lá, adiante, o horizonte, parecendo tentar, daquela maneira, aproximar-se do homem amado.

Não sei bem explicar o que se passou comigo. Ciume brutal, como jamais sentira, dominou-me, inteiramente. Tive ímpetos de tomar Elza nos braços e arrebatá-la para bem longe da lembrança daquele homem, que m'a disputava. Percebi que a amava, alucinadamente, e seria um infeliz com a sua perda. Em nenhuma ocasião ela se me afigurava tão linda e atraente. Seria o mais venturoso dos mortais se pudesse, ainda, pelo menos uma vez, acariciar-lhe os macios cabelos e esmagar-lhe a boca num longo beijo... Também, nunca me sentira tão tímido. Não tive coragem para dizer-lhe coisa alguma do drama íntimo que vivi.

Fiquei de tal modo perturbado, que nem sei contar direito como terminou aquela cena.

O fato é que pouco depois nos despedimos, ela radiante, eu desgraçado...

Iria procurar Heloisa para desfazeer o engano. Convencera-me de que tivera por ela apenas um capricho, e que era a Elza que eu amava verdadeiramente...

O Jôgo

da criança não é o mesmo do adulto...

- e também o **fortificante!**

Para as crianças do Brasil

só o

Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantís exigem um tônico completo em sua fórmula, com ingredientes cientìficamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno.

TÔNICO INFANTIL

ÊLES SERÃO PADRES AMANHÃ...

(Cont. da pág. 24)

O sol já se escondia por detrás do morro do Sumaré quando chegamos ao "Seminário Arquidiocesano São José". Do interior do edifício vinha a ressonância de uma frase latina — *"In Deo Spes mea"* — que, traduzida, significa: — *A minha confiança está em Deus.*

Naquele instante, o repórter que ia perturbar a paz do seminário, e que não anda lá muito em dia com a religião, lembrou-se de um pensamento de Victor Hugo e estremeceu: — "A vida humana sem religião é viagem sem roteiro... navegação sem bússola".

Guiados por Monsenhor João da Motta e Albuquerque — reitor do seminário — fomos em direção àquela voz, cuja ressonância chegava até nós. Ali estão êles, os futuros padres — disse o sr. reitor.

Com efeito, numa das confortáveis salas de aulas do seminário 45 seminaristas estudavam teologia. Uns liam em voz alta; outros, no pátio do edifício, praticavam esportes.

COMO SE FAZ UM PADRE

Como se vê nem só de rezar vivem os padres — disse o reitor, sorrindo. Cuidamos também um pouco do corpo; pois, não pode uma alma sã se embrionar num corpo doente...

Depois da ginástica os seminaristas tomam banho frio para acalmar o sangue em efervescência. O banho frio é um dos paliativos muito usados nos seminários para acalmar as explosões temperamentais, que por ventura se manifestem em alguns dos noviciados.

"Mirabile dictu; mirabile visu". E' admirável dizer-se; é espantoso ver-se, como um homem se torna padre — disse por sua vez o Cônego Oton Motta, diretor espiritual dos seminaristas. Treze anos de estudos ininterruptos com a agravante do tédio para os que não sabem bem o que querem; isto é, não têm ainda as diretrizes vocacionais. Lá fora, ao passo que o indivíduo estuda também se diverte; há mesmo os que se divertem mais do que estudam. Aqui não há pràticamente divertimentos.

GREGÓRIO BARRIOS

(Cont. da pág. 21)

ciava na arte do canto. Julguei, por isso mesmo, que um acontecimento insuitado juntara tantas pessoas. Entretanto, quando eu já estava bem próximo da porta de entrada, fui envolvido por u'a multidão de jovens e senhoras que me deixou em misero estado. Embora todo rasgado, fiz a minha audição. Ao terminar o programa, porém, me vi impedido de sair, pois a multidão queria, a todo custo, mas "souvenirs". E não tivesse remédio senão sair pelo teto do prédio em que funcionava a emissora para me ver livre dos fãs.

Depois, Gregório revelou-nos que sua voz lhe propiciou uma quantidade incalculável de pesos, tantos que êle já perdeu a conta.

— Você tem algum parente artista? — indagamos.

— Não. Sou o único da família. Meus três irmãos e "mi viejita", que vivem na Argentina, são os meus maiores e mais sinceros admiradores, para os quais eu nunca hei de fracassar.

O CINEMA, O BRASIL E OUTRAS COISAS

Conversa vai, conversa vem, e Gregório Barrios vai nos fazendo diversas revelações interessantes. Diz-nos, por exemplo, que vem espiando o cinema com bons olhos, já que seu primeiro filme, "Hoy canto para ti", vem alcançando grande êxito nas plagas portenhas. E para ratificar as suas assertivas, mostra-nos uma carta que recebera de Buenos Aires, na qual o produtor Raymond Hourvilleur, após referir-se ao sucesso obtido com a sua primeira película, dá-lhe conta de que as negociações para o seu segundo celulóide, que deverá ter o título de "Hermana de Leche", chegaram a bom têrmo.

Depois, para satisfazer a nossa curiosidade, Gregório informou-nos que "Luna Llunera", "Dos Almas", "Alma Lanera" e "Final" foram os seus discos que mais venderam e que o gênero de música que prefere é o bolero dramático.

— Entretanto, não tenho favoritismo por esta ou aquela melodia do meu repertório, pois acho que cada um dos boleros que canto se adapta a cada momento da minha vida. Acho que o mesmo acontece com os aficionados dêsse gênero musical.

Em seguida, quisemos saber quais os países que o nosso entrevistado tinha visitado.

— Já percorri tôda a América do Sul e a quase totalidade das nações da América Central. Até agora, porém, por motivos estranhos à minha vontade, não pude visitar o Paraguai, onde, também, o bolero é bastante apreciado.

— Você nunca desejou cantar tangos?

— Digo-o sinceramente: jamais. Acho que a minha voz não se presta à interpretação do gênero que imortalizou Carlos Gardel, ou que êste tornou famoso...

Depois, dada a frequência com que o intérprete de "Pecado" nos visita, pedimos-lhe que nos dissesse que mais êle admira no Brasil.

— Gosto imensamente de tudo quanto é brasileiro. Duas coisas, entretanto, se destacam nesta preferência: a natureza e as adoráveis "brasileñas". E digo isto não para ser agradável aos que me têm acolhido com tanta cordialidade. Se eu dissesse o contrário, estaria mentindo a mim próprio.

E' assim o astro que mais uma vez vem se apresentando ao público carioca, em suas apreciadas interpretações de boleros.

A GUERRA NA CORÉIA

(Cont. da pág. 35)

caminhões, etc., e, por fim, bondes que trafegam superlotados de passageiros que se dependuram seja lá como fôr...

A polícia do tráfego é, como sucede com os guardas japonêses e norte-americanos, todos êles como se estivessem a gesticular dramàticamente a dirigir o movimento dos veículos.

A população masculina de Seoul traja verdadeira mistura entre a indumentária do ocidente e a do oriente. Contrastando com isso, vemos a uniformidade do trajar feminino, imutável através dos séculos. A grande maioria das mulheres já idosas vestem branco e usam bonés bordados a veludo. Os homens ainda jovens e as senhoritas, trazem longas e largas saias e corpetes de variadas côres, predominando o rosa, azul, amarelo e azulado. Muitas mães conduzem os filhos às costas, metidos em sacos acolchoados de viva côr ecarnada ou verde.

Vêem-se também escolares com suas jaquetas de colarinhos altos, crianças com vestimentas amarelas ou encarnadas ,assim como trabalhadores maltrapilhos levando enormes fardos ou volumes aos ombros, amarrados por correias para não cair.

Seoul surpreende o visitante ainda desabituado ao seu ambiente, pelas rápidas transformações por que passa ao mudar das estações. Muitas vêzes chegamos à capital da Coréia do Sul sob o frio do inverno, entre vegetação castigada pelo rigor do frio e, dias depois, como por encanto, rebentam as cerejeiras em florescência, substituindo o aspecto desolador de uma semana antes, em belíssimas explosões de flores alvas.

A cidade possui muitos parques admiráveis tais como os "Jardins Reais", o "Parque Pagoda", os jardins do Capitólio, parques com lagos, pavilhões e centenas de antigos monumentos. Os templos demonstram como os coreanos foram influenciados pela arquitetura chinesa através de milênios.

O Japão, desde muito, manteve seus olhos sôbre a Coréia, e, nos começos do século XX, o govêrno nipônico reconheceu que a península seria importante fonte de materiais para a dominação de todo o Oriente. Em 1919 foi organizada a "Superintendência Geológica of Chosen" (Coréia), instalando-se laboratórios e bibliotecas em edifícios modernos na capital do país, Seoul, banhada pelo rio Han.

Geólogos japonêses em colaboração com engenheiros da mesma nacionalidade exploraram todo o território coreano com o fim de descobrir minérios e desenvolver a extração. Minas de carvão, cobre, zinco, chumbo, grafite, tungstênio foram localizadas e exploradas. A extração do ouro também foi intensamente procedida na Coréia, onde se deslocavam, por ano, 27 toneladas métricas de veios auríferos, no período de antes da segunda guerra mundial.

Com o fim de evitar perigos contra a dominação do Mikado, os japonêses administravam as minas coreanas sob o férreo sistema totalitário. Durante os 40 anos de ocupação, os japonêses permitiram a alguns coreanos ocupar importantes cargos. Depois da queda do japão em 1945, todos os nipônicos da Coréia do Sul foram mandados de volta à sua pátria.

Os coreanos são extremamente inteligentes, agradáveis, mas altamente individualistas. Se quisermos ter nêles cooperadores e aliados em nossas emprêsas, teremos que fazer tudo conforme as etiquetas locais, os costumes do Oriente, pois que os coreanos têm receio de perder suas características.

O mais grave êrro que um ocidental poderá comoter perante aquêle povo é o de fazer-lhe críticas diante de seus patrícios ou subordinados. Um coreano assim ofendido jamais colaborará.

O maior problema do país é a superpopulação, sem haver, em compensação, bastantes terras aráveis para produzir maiores safras agrícolas. Antes da guerra, a Coréia do Sul tinha cêrca de 15 milhões de habitantes, numa área algo hostil; agora há ali mais de 20 milhões de sêres humanos. Êste enorme crescimento populacional foi devido ao elevado teor de nascimentos nos últimos dez anos e o afluxo de coreanos repatriados e refugiados em consequência da guerra de 1939-45.

As fôrças de ocupação americanas prestaram ao povo coreano excelentes serviços, cuidando de todos os refugiados, lutando pelo bom estado sanitário e higiênico das populações, vacinando o povo e proporcionando campanhas de asseio. Em virtude dêsses trabalhos, não mais se ouviram falar de epidemias devastadoras de cólera, tifo, ou de qualquer outra moléstia infecciosa. Mas, por ironia da sorte, estas medidas agravaram, ainda mais, o problema da superpopulação.

Geogràficamente, essa península apresenta dois aspectos contrastantes. A costa ocidental se apresenta recortada em praias baixas, reentrâncias e baías, além de numerosas ilhas. Há alguns "fiords". As águas do Oceano Pacífico invadem o Mar Amarelo causando altas marés que sobem a 25 pés ou mais e criam terrenos lamacentos.

A costa oriental se caracteriza por uma linha de praias abruptas e com despenhadeiros. Altas montanhas caem sôbre o mar e formam estreitas enseadas. Mas as águas aqui, ao invés de serem lamacentas como sucede na costa ocidental, são claras, ideais para a natação.

O contraste entre o feitio da costa leste e o da oeste mostra que houve um rebaixamento ao ocidente e um levantamento geológico na oposta. Como resultado dêsse rebaixamento, a drenagem das águas ao este é de umas 15 milhas para o interior.

Por êsse motivo, são pequenos e de pouco volume os

MÚSICA

ADRIANA LECOUVREUR

ROBERTO LYRA FILHO

DEPOIS de duas récitas inexpressivas, reabilitou-se, afinal, a temporada lírica, com um grande sucesso: a «rentrée» de Elisabetta Barbato, Adriana Lecouvreur, de Cilea.

A ópera, conquanto agradável e melodiosa, não é uma obra musicalmente densa, ou profunda. Recolhendo as lições do **verismo,** quando essa escola já tinha entrado em agonia, Cilea manipulou, com inegável perícia, um material herdado de seus antecessores, sem conseguir, entretanto, uma realização vigorosa, como as melhores amostras da arte de um Puccini e de um Mascagni, que compuseram na época do maior esplendor daquela tendência. O que faltou em originalidade e sutileza, foi compensado, no trabalho de Cilea, pela ênfase. Por outro lado, é inegável a fluência e o seguro, ainda que superficial, efeito da partitura.

Não se inscrevendo, assim, entre os grandes monumentos da arte lírica, sem dúvida Adriana Lecouvreur merece reedição, em récitas como a que assistimos, no Teatro Municipal, pois ali a qualidade da interpretação por si só garantiu o êxito do espetáculo.

«RENTRÉE» DE BARBATO

Os prognósticos eram pessimistas. A despedidas de Barbato, ano passado, no-la revelou em condições de extrema fadiga, depois de uma temporada exaustiva, durante a qual se exigiu dela um esfôrço físico tremendo. Cantando com exagerada freqüência, ela nos inspirará sérios receios quanto à resistência de sua voz a tais provas.

Por outro lado, notícias de Buenos Aires confirmavam o prematuro diagnóstico de cansaço da voz que encantara, em anos anteriores, as platéias mais exigentes.

Desde que entrou em cena, porém, Barbato desmentiu, numa exibição magnífica, tôdas as previsões desfavoráveis, apresentando-se em excepcionais condições de higidez vocal.

Além disso, dramàticamente, deu a Adriana uma vibração e um entusiasmo que, com o complemento da voz generosa, entusiasmou o público, provocando repetidas e prolongadas ovações.

ESTIMULO E SUPERAÇÃO

A presença segura, dominadora, de Barbato, estimulou os seus companheiros de elenco que encontraram nela apoio a animação, dando cada um a medida máxima de suas possibilidades.

Maria Henriques e Paulo Fortes, dois operosos e brilhantes artistas nacionais, enfrentaram as responsabilidades dos respectivos papéis, vencendo, galhardamente.

O próprio Tagliavini, que se apresentara com a voz um tanto prêsa, no Fausto e na Boheme, desdobrou todos os encantos de timbre e tôdas as delicadezas de colorido de que é capaz em seus melhores momentos.

Zagonara, Damiano, Wanda, Kleusa, todos participaram, com eficiência, da construção de um dos maiores sucessos da atual temporada.

Desde a movimentação, em cena, sobretudo no 1º ato, que atestou a presença de um «regisseur» capaz, até a atuação soberba da orquestra sob a batuta de Tullio Serafin, tudo contribuiu para consolidar o triunfo.

Numa noite de grande entusiasmo, o público aplaudiu calorosamente os artistas, chamando-os, repetidamente, para o agradecimento à manifestação espontânea. Com apresentações da qualidade dessa Adriana Lecouvreur, os responsáveis pela atual temporada lírica podem dispensar os serviços da claque...

A MULHER SABE ESCOLHER

NA escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha de seu sapato, de sua meia, de seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquilagem, enfim, na escolha de todos êsses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe tôda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vêzes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvêlo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adôrno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc.

Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o Nº 1 e o Nº 2. O Regulador Xavier Nº 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias e o Regulador Xavier Nº 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2, conforme o seu caso — e esteja certa de que faz uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a não perpetuação de sua saúde o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem-estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça, pois: escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza, mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetuá-la, exigindo o REGULADOR XAVIER.

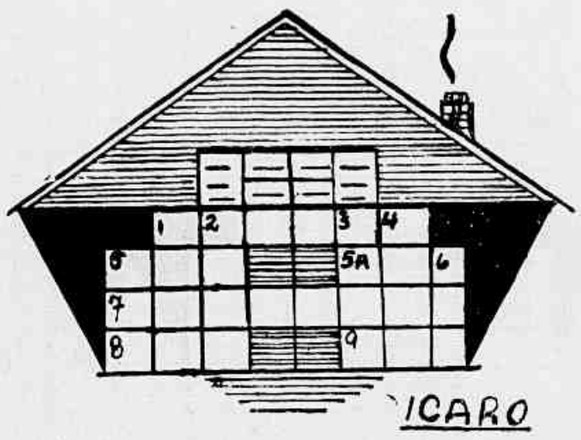
PALAVRAS CRUZADAS

PARA VETERANOS

PROBLEMA Nº 14

HORIZONTAIS: 1. Montanha onde parou a arca de Noé — 5. Despida — 5-A. Junto ao chão — 7. Oriundo da Ásia — 8. Ecoa — 9. Certa planta da Índia.

VERTICAIS: 1. Ousio — 2. Risca — 3. Cantiga — 4. Célula-mãe — 5. Contração (pl) — 6. Círculo de doze raios, com esmalte de ouro, nos brasões.

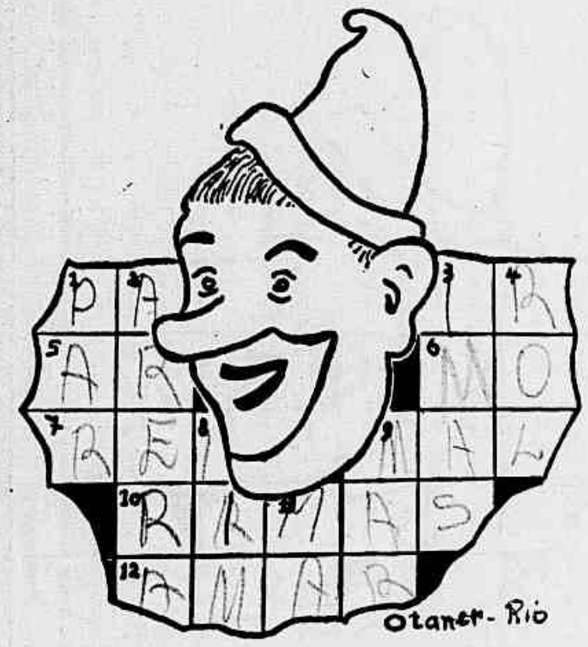


PARA NOVATOS

PROBLEMA Nº 14

HORIZONTAIS: 1. Instrumento agrícola — 3. Seguir — 5. Aragem — 6. Pedra de moinho — 7. Título abissínio — 9. Aquilo que prejudica ou fere — 10. Versos — 12. Gostar.

VERTICAIS: 1. Casal — 2. Pateta — 3. O que a trai (pl) — 4. Lista — 8. Advérbio de afirmação — 9. Oceano — 11. Perversa.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NUMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: Maçal — Vau — Bel — Ar — Rã — Uro — Sis — Águia.

VERTICAIS: Marra — Au — Ab — Léria — Vau — Las — Og — Si.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Maia — Paraná — Aromal.

VERTICAIS: Mar — Aro — Iam — Ana — Pá — Al.

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.

COMO APRENDER A DANÇAR
AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicílio

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida

rios que desaguam no Mar do Japão, ao passo que, para o Mar Amarelo, a oeste, correm grandes caudais, atravessando tortuosas zonas montanhosas.

A 10 de maio de 1948 foram realizadas as eleições para a Coréia do Sul, sob a supervisão de representantes da ONU. A Rússia não permitiu que uma comissão das Nações Unidas tivesse ingresso na zona da Coréia do Norte, a fim de fazer investigações naquela parte do país já dividido pelo paralelo 38.

Na Coréia do Sul o Govêrno Militar Norte-Americano deu tôdas as facilidades e permissões aos coreanos para que realizassem uma eleição livre. A dois civis norte-americanos e observadores, foram concedidos os títulos de "gun", o que corresponde, no mundo ocidental, ao de condes, ou conselheiros.

As eleições decorreram sem incidentes ou irregularidades. Um dos civis, observadores norte-americanos na Coréia, por ocasião do pleito, estêve nos limites do paralelo 38, face a face com a zona do Norte dominada pelos russos. Mas, segundo declarou, não viu moscovitas lá; um pouco distantes, avistou alguns homens que lhe pareceram treinadores de soldados coreanos.

Um dos hábitos que mais torturam o ocidental em excursões pela Coréia é o sistema de dormir do povo. Forram uma espécie de esteira com um acolchoado e ali dormem tranquilamente... Depois de uma noite assim, deitados sôbre o soalho com tão pouca roupa, o ocidental se ergue pela manhã com dores no corpo e os ossos moídos.

Era voz geral durante as eleições, que, pela primeira vez, houvera no país um pleito livre e democrático. E' curioso notar que as eleições procedidas a 10 de maio estavam marcadas para um dia antes; mas, como a 9 iria verificar-se um eclipse do sol, foram transferidas as disputas eleitorais para o dia imediato. O fenômeno sideral foi muito bem aproveitado pela "National Geografic Society", que mandou para um sítio próximo a Chonan, todo um aparelhamento de observação, fotografia, etc. Durante o fenômeno, eram vistas muitas pessoas do lugar a admirar o eclipse pelo reflexo nas águas de rios, lagos ou tanques. Mas, quando alguns americanos disseram que seria muito melhor observar o eclipse, através de vidros fumaçados, foi uma corrida louca em busca de fragmentos de vidraças.

Para observadores e delegados americanos na Coréia, uma das mais interessantes feições do coreano é o sentir-se ofendido se algum dêles oferece ao forasteiro a bebida local, o "sake", espécie de aguardente feita de arroz. E isso se torna um tanto amolador, quando já o visitante está com uns trinta copinhos no interior. E o tal "sake" é muito forte. Feliz é aquêle que consegue distrair a situação com a presença de alguma "kisang", jovens artistas profissionais, que distraem aquelas reuniões regadas a "sake". Então o estrangeiro que já não mais suporta ingerir aquela forte bebida, imita a "kisang" e, mal toco com os lábios o copo de "sake", simulando beber e derrama o restante (o todo quase) numa vasilha de fôlha que está sob a mesa.

Uma viagem ao redor do...

(Cont. da pág. 10)

francesa Anouk, que trabalha agora na Inglaterra. Seu melhor amigo é seu colega de estúdio, Dirk Bogarde. Jean convida sempre as mesmas pessoas, e não em muito grande número. Prefere companhias menores, porém, mais íntimas. Sua mãe dirige as recepções, que são sempre dadas no pequeno mas muito agradável apartamento de Jean, em Londres W1. Seu interior é confortável, colorido mas não agressivamente cinematográfico. E' de fato o que nós esperávamos, quase conscientemente "insofisticado".

Os jornalistas gostam muito de Jean, porque ela sempre tem alguma novidade para lhes contar. Infelizmente, êles não são convidados às festas de Jean, porque ela apenas tem 12 lugares que são sempre preenchidos pelos membros de sua família e pelos colegas mais íntimos dos estúdios.

Há pouco, uma jornalista entrou no apartamento de Jean, quando esta praticava exercícios de respiração. Intrigada, a jornalista perguntou a Jean, quais eram as utilidades de tais exercícios.

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	13,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super	25,00	35,00	40,00
Prelx — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Souppiesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

— "Não sabe — disse sorridente — que no ano que vem farei 22 anos, e que eu sempre faço questão de apagar com um sôpro a tôdas as velas? Pois eu já estou treinando para apagar as próximas 22!

Quando a jornalista tomou nota disto, Jean corrigiu: em seu próximo filme deverá nadar bastante, e estava treinando para isso...

HELOISA E ELZA

(Cont. da pág. 36)

..— Bem sabe que não poderei viver sem você... estou disposto a fazer o que quiser. Serei incorreto se o exige mas não me fale que êste é o nosso último encontro.

A noite, belíssima. De Heloísa emanava qualquer coisa que me entontecia. Nunca a havia beijado, até então. Naquele momento meus lábios procuraram àvidamente os seus que se entregaram deliciosamente.

★

Elza chegou. Não fui esperá-la. Nos dias que se seguiram, deixei de procurá-la, arranjando desculpas. Quanto a Heloísa, continuei com o mesmo programa. Saíamos juntos do serviço, íamos jantar e ao cinema.

Afinal, minha noiva telefonou-me dizendo que precisava entender-se comigo, àquela tarde, e eu não podia mais esquivar-me.

Expus o ocorrido a Heloísa. Estava procedendo pèssimamente. Urgia terminar aquilo tudo, de vez. Saí mais cedo da repartição e tomei logo o ônibus para a Tijuca, o bairro em que ela morava. Propusera falarmos na praça perto de sua casa.

Quando cheguei ao local combinado, avistei-a de costume branco, o cabelo castanho repartido em duas tranças, a fronte inclinada, a fazer garatujas com a ponta da sombrinha. Senti-me nervoso e sem coragem para enfrentar o delicado assunto. Quis voltar. Não me viria, ainda. Considerei, porém, que mais valia a pena acabar logo com aquela entrevista.

Aproximei-me.

Elza levantou a cabeça. A serenidade transparente em seu olhar e o sorriso espontâneo com que me recebeu, desconcertaram-me. Julguei que iria encontrá-la já prevenida contra mim.

Estendeu-me a mão, em cumprimento cordial.

— Como vai, Carlos?

— Bem, Elza, e você fêz boa viagem?

— Mais ou menos...

Sentamo-nos.

— Sua mãe está bem de saúde? — perguntei, procurando adiar o principal motivo do nosso encontro: — Quando foi, estava bem abatida...

— Graças a Deus está boa. A permanência nas montanhas deu-lhe bom resultado... Está saudosa de você, Carlos.

— Obrigado.

Caíu pesado silêncio entre nós. Eu não sabia como principiar. Foi ela quem me encorajou e ajudou.

— Custou a vir falar comigo... hein? Estava já ansiosa para me entender com você. Tenho algo importante para falar-lhe... Até que enfim, me aparece! — concluiu alegremente.

Fêz pausa e continuou:

— Propus êsse encontro fora de casa, Carlos, para podermos conversar mais à vontade... Calculo como deve andar ocupado, motivo pelo qual não pôde vir antes, não é?

— E'... — balbuciei. — Aliás... a razão não foi essa pròpriamente. Preciso falar sério com você.

Levantou para mim os grandes olhos.

— Sou tôda ouvidos, Carlos, — disse — segurando-me o braço.

Terrível mal-estar apoderou-se de mim, à vista de tal calma. Pigarreei. Cruzei as pernas. Tirei o lenço do bolso e enxuguei o suor que, a despeito da tarde fresca, me aljofrava a fronte.

— Ouça-me, Elza, — comecei titubeante — se não vim falar com você até hoje... foi por causa da delicadeza do assunto que temos a tratar... Não sabia como lhe explicar o que se passou... Nunca nos deveríamos ter afastado um do outro. Ausência em questão de amor é um desastre...

Muda, erecta, ela ouvia sem me interromper.

— Não desejaria ser incorreto para com você, que não o merece, porém razão imperiosa obrigara-me a magoá-la... Peço que me perdôe...

— Diga-me francamente o que há sem o menor constrangimento. — Obtemperou ela. — Talvez não exista motivo para pedir-me perdão. Vejamos.

Com supremo esfôrço, de olhos baixos, como um grande culpado, confessei:

— Amo outra mulher.

Nem que milhões de guizos estridentes, alegres, se sacudissem ao mesmo tempo e de repente aos meus ouvidos, me fariam o efeito daquela gargalhada argentina, vibrátil, a ferir-me o tímpano. Assustado, levantei a cabeça para olhar Elza, que ria a bandeiras despregadas.

Inteiramente surpreso, continuava a fitá-la. Nunca me parecera tão bonita e atrativa, como naquele riso interminável que lhe fêz brotarem lágrimas dos olhos. Quando conseguiu dizer alguma coisa, perguntou, ainda com a fisionomia divertida:

(Cont. na pág. 48)

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUAL O VERDADEIRO NOME DE JOÃO DO RIO:

— Humberto de Campos?
— Coelho Neto?
— Paulo Barreto?

2 QUEM FOI O MAIOR PROPAGANDISTA DA REPÚBLICA:

— Floriano Peixoto?
— Silva Jardim?
— Rui Barbosa?

3 DE QUEM É ESTA FRASE À HORA FINAL: «A MORTE É O DESCANSO DOS GUERREIROS»:

— Napoleão?
— Duque de Caxias?
— O índio Arariboia?

4 QUAL O PRIMEIRO ESCRITOR NACIONAL QUE PROCUROU CRIAR A LÍNGUA BRASILEIRA:

— José de Alencar?
— Machado de Assis?
— Sílvio Romero?

5 POR QUE SE TORNOU FAMOSO ERATÓSTENES:

— Por ter descoberto Urano?
— Por haver incendiado o Templo de Diana?
— Porque decifrou inscrições antigas?

6 QUAL O PRIMEIRO ATO DE HOSTILIDADE DO GOVÊRNO PARAGUAIO NA GUERRA CONTRA O BRASIL:

— Invasão de Mato Grosso?
— Desrespeito ao Imperador Pedro II?
— Aprisionamento do navio brasileiro «Marquês de Olinda»?

7 EM QUE DATA FOI FUNDADO O COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO:

— 13- 3-1889?
— 15-11-1890?
— 3- 1-1822?

8 QUAL O SÁBIO QUE, CONDENADO À GUILHOTINA, PEDIU 15 DIAS DE PRAZO PARA TERMINAR UMA EXPERIÊNCIA CIENTÍFICA:

— Lavoisier?
— Galileu?
— Giordano Bruno?

9 POR QUE FICOU FAMOSO LAPLACE:

— Pelos poemas que escreveu?
— Por sua concepção do sistema cosmogônico?
— Pelas batalhas ganhas em guerras?

10 QUE SIGNIFICA **LATIFÚNDIO**:

— Grandes propriedades territoriais?
— Terras abandonadas?
— Terrenos montanhosos?

11 QUE QUER DIZER «LATITUDE NORTE», «LATITUDE SUL»:

— Medida de um país sob o Trópico de Capricórnio?
— Distância em milhas marítimas?
— Distâncias de um lugar dado em relação à linha do Equador?

12 A BORBOLETA É INSETO:

— Lepidóptero?
— Díptero?
— Hematófago?

13 A VELOCIDADE DA LUZ EM RELAÇÃO À ELETRO-MAGNÉTICA E À DAS ONDAS HERTZIANAS É:

— Igual?
— Maior?
— Menor?

14 QUAL DÊSTES TERMÔMETROS TEM ESCALA DE ZERO A OITENTA GRAUS:

— Farenheit?
— Reaumur?
— Centígrado?

15 QUEM INVENTOU O RELÓGIO DE PÊNDULO:

— Isaac Newton?
— Roger Bacon?
— Cristian Huygens?

16 QUAIS OS INGREDIENTES QUE ENTRAM NA FABRICAÇÃO DA DINAMITE:

— Pólvora e enxôfre?
— Terra e nitroglicerina?
— Limalha de aço e salitre?

17 QUEM FOI SPARTACUS:

— Imperador romano?
— Navegador grego?
— Chefe dos gladiadores romanos revoltados?

18 QUAL A CAUSA DOS TERREMOTOS:

— Desabamentos subterrâneos da crosta terrestre?
— Inundações dos grandes rios?
— Influência da Lua?

19 QUAL A CAUSA DO DIABETE:

— Excesso de trabalho mental?
— Deficiência de insulina pelo pâncreas?
— Morar em grandes altitudes?

20 QUAL A PERCENTAGEM DE ÁGUA QUE HÁ NA COUVE:

— 50%?
— 20%?
— 90%?

(Respostas na pág. 58)

OS HOMENS DO BANDO de Giuliano, processados pelo massacre de Portella, são conduzidos acorrentados para o Tribunal. Em baixo: autógrafo de Giuliano na última parte de uma das cartas enviadas ao advogado Giuseppe Romano Battaglia

NA VESPERA DA MORTE DE GIULIANO

PROCESSO CONTRA 27 JOVENS ACUSADOS, SUPOSTOS INTEGRANTES DO BANDO DE GIULIANO ★ A MATANÇA DE PORTELLA DELLA GINESTRA ★ MEMORIAL DO BANDIDO EXPLICANDO O CASO ★ MAIS DUAS VERSÕES SÔBRE A TRAGÉDIA, A DO PROMOTOR PÚBLICO E A DO ADVOGADO DA DEFESA

Texto de RENZO TRIONFERA

SALVATORE Giuliano, que muitos se comprazem em cognominar de "Robin Hood siciliano", já não pertence ao mundo dos vivos. Numa emboscada da polícia foi morto em principio do mês passado, nos mesmos lugares que durante cinco anos não conheceram paz devido à sua ação de bandido. Um mês antes de morrer, na cidade de Viterbo, em território continental, instaurou-se um processo, atualmente em curso, que conta nada menos de 27 imputados, todos muitos jovens, acusados de haverem tomado parte na matança de 1 de maio de 1947, levada a efeito no lugar denominado Portella della Ginestra. Era voz corrente então que Giuliano havia deixado a Sicilia, mudando-se para os montes Cimini, nos arredores de Viterbo. Sua intenção, diziam, era seguir bem de perto as fases do processo contra seus cúmplices, muitos dos quais estavam convencidos que Turiddu (apelido familiar dado ao bandido) se movimentaria no momento oportuno, assaltando mesmo a velha igreja dos "Scalzi", transformada em principio do século em tribunal de júri, para libertá-los. As autoridades locais não acreditavam nessas fantasias, mas, por via das dúvidas, verificaram a eficiência das armas e dos veiculos, prontos a enfrentar qualquer eventualidade. Certamente, não era por coincidência que dois antigos funcionários da repressão ao banditismo, misturavam-se, no espaço reservado ao público, aos assistentes, perscrutando os vultos dos curiosos e prestando atenção principalmente aos dialetos, na ânsia de descobrir não já o próprio Giuliano, mas alguns de seus enviados. Agora, já não são necessárias essas precauções, Giuliano morreu, o processo pode continuar seu curso sem receio de interrupção imprevista. Mesmo não aparecendo ao processo, Giuliano fêz-se representar por duas cartas. Os advogados Giuseppe Romano Battaglia e Filippo Maniscalco Basile, que o defendem, comunicaram à imprensa a carta que acompanha o memorial para os juizes. Poucas linhas, cheias de erros ortográficos. O memorial, que constituiu a nota sensacional do processo, composto de cinco páginas densamente escritas a máquina, onde se fala de Mussolini, de "Napolione", das planicies geladas da Rússia e das pirâmides do Egito, além da explicação dos motivos que obrigaram Giuliano a mandar atirar em Portella della Ginestra. O documento confirma, em parte, os depoimentos dos bandidos. Em 27 de abril de 1947 chegou uma carta misteriosa a Giuliano, que após havê-la lido, junto com Pasquale Sciorlino, seu cunhado, queimou-a. Em seguida foram enviados alguns homens de confiança para recrutar jovens entre os componentes do exército revolucionário independentista siciliano. Poucas palavras eram suficientes: "Turiddu precisa de você". O encontro entre êsses jovens e o bandido teve lugar perto de Montelepre, lugar de predileção de Giuliano. "Pensei em dividir os homens em dois grupos, explica na carta, pois éramos ao todo vinte, mandei oito para Balletto, ligados por um estafeta". Na tarde de 30 de abril o estafeta foi enviado a Balletto, com a ordem de fazer seguir aquêles oito homens para Pizzo della Ginestra. Por sua vez, Giuliano e o restante do grupo, encaminhou-se para o mesmo lugar durante a noite. Pensava encontrar os outros, mas isso não se deu, pois o estafeta referiu que não os encontrara, com certeza haviam se desligado em vista de um possivel alarma. Na manhã de 1 de maio, Giuliano vestia uma capa impermeável, metralhadora debaixo do braço e um potente binóculo a tiracolo. Seus homens haviam se postado atrás das pedras nas faldas dos morros, enquanto êle prescrutava insistentemente os arredores para descobrir o resto do bando. Enquanto isso o vale ia se enchendo de gente. Cabe aqui uma explicação. Os habitantes de Piana degli Albanesi, de San Cipirello e de San Giuseppe Jato haviam decidido se reunir naquele vale para comemorar a festa do trabalho em 1 de maio, festa essa organizada pelos comunistas e dirigida pelo senador comunista Girolamo Li Causi. Às 10 horas, quatro ou cinco mil pessoas já estavam reunidas no lugar que os bandidos escondidos controlavam. Homens, mulheres e meninos, pareciam participar de um

Giuseppa Parrino, durante o inquérito. Perdeu um filho na embescada de 1º de maio de 1947. Cucinella, um dos principais acusados, prêso após movimentada caçada. Girolamo Li Causi, senador comunista, quando se dirigia ao comício de Portella, ignorando ainda o triste epílogo do mesmo

pique-nique e não de uma manifestação política, apesar de agitar ao vento muitas bandeirinhas vermelhas. "O plano, assim está escrito no memorial do bandido, era de cercar tôda aquela massa, pegar os que reconhecia como responsáveis e justiçá-los ai mesmo, lendo antes as causas de seus fuzilamentos. Mas o plano não pôde ser executado, pois era imprudente agir com doze homens sòmente, ainda mais pelo fato de não podermos realizar o cêrco, já que estávamos todos do mesmo lado do vale e se nos movimentássemos terminaríamos por chamar a atenção de tôdas aquelas pessoas, traindo-nos. Pensei então, continua Giuliano, em mandar atirar para o ar de modo a amedrontar e dispersar o comício comunista. Assim, dei ordem aos meus homens para disparar cada um três carregadores mais ou menos a vinte metros acima das cabeças das pessoas de modo que essas, ouvindo o sibilar das balas pensassem que era coisa séria e se apressassem em dispersar. Atiramos e verificamos que, de fato, acontecia o que haviamos previsto. Houve um corre-corre e dez minutos depois tratamos de ir embora. Na manhã seguinte lemos nos jornais o que havia acontecido, com certeza em consequência de algum êrro". Dera-se simplesmente o seguinte: uma dúzia de mortos em consequência do "êrro" de algum bandido que "na hora de atirar tremeu-lhe a mão ou não soube regular bem a altura dos tiros". Essa mesma tese é defendida pelo bandido nas duas cartas que escreveu ao advogado, ambas remetidas pelo correio desde Palermo, recentemente, uma de 26 de maio e outra de principio de junho dêste ano.

"Éramos doze — e Não tenho mais dinheiro".

Na primeira carta Giuliano diz depositar confiança no advogado, mas pede-lhe obter o adiamento do processo, pois não tem mais dinheiro para custear as despesas. Na segunda, "é bom saber, diz, que os que estivemos lá (em Portella) éramos apenas doze, portanto, como é que apareceram trinta acusados? Assim, pode-se demonstrar a inocência dos rapazes que, se confessaram alguma coisa, o fizeram coagidos pelas torturas. Quanto ao processo, quero que seja bem definido que a tragédia foi devida a um êrro, pois essa é a verdade. Não me importa ser condenado a cem ou mil anos, o que desejo é que se exclua a premeditação na fuzilaria contra aquêles inocentes trabalhadores. Quanto a isso creio que não haverá dificuldade, pois que os próprios fatos demonstram a verdade: 1) se nós tivéssemos atirado diretamente contra a massa do povo, os mortos não teriam sido doze, mas centenas, já que cada um de nós disparou três carregadores de quarenta tiros cada (metralhadoras leves) o que perfaz um total de cêrca de mil e quatrocentos tiros...". Os dois principais acusados nas mãos da justiça são o pastor Antonio Gaglio "Bastardone" e Giuseppe Cucinella. Bastardone foi prêso um mês e meio após o fato dando a primeira versão do acontecido. A defesa sustenta que essa versão foi conseguida com "surras e sevícias". Cucinella tem 24 anos, é baixinho e foi prêso em 14 de outubro passado, num golpe de sorte dos carabineiros da repressão ao banditismo. Dizem que a operação foi devida a uma traição. Parece que naquela noite Cucinella, como fazia frequentemente, assim como parece fizesse o próprio Giuliano de vez em quando, entrara em Palermo para passar "uma noite sossegada". Foi em casa da amante Angelina Burruano. Os carabineiros foram advertidos em tempo, cercaram o edifício e à noite alta tentaram forçar a porta. Só então Cucinella percebeu o perigo. Tentou defender-se com a fôrça do desespêro. Lançou bombas a mão, descarregou completamente a pistola e finalmente jogou-se na

(Cont. na pág. 48)

Na sala do Tribunal, uma velha igreja adaptada de Viterbo, os 27 cúmplices de Giuliano, implicados no massacre de Portella, são mantidos acorrentados uns aos outros, dentro de uma grande gaiola. Todos muito jovens, apenas um dêles tem 46 anos. Após a morte do chefe perderam as esperanças

LORINDA, A BAILARINA APAIXONADA

Meus pais foram famosos bailarinos. Era, pois, natural, que eu começasse a dançar logo que fui crescendo. Mas sempre odiei a dança, talvez porque a Arte me privava de meus pais. Tempos depois da morte de meus pais, numa viagem de avião, encontrei Ralph Thomas, que era louco por danças!

Ótimo, Lorinda! Dança perfeita! Oh! minha irmã, como dança bem!

Não gosto que me trate por irmã, Ralph. Porque dançarmos assim?

E' que o "Clube Hibiscus" precisa de um par de irmãos bailarinos. Assim, seremos Ralph e Lorinda Thomas. E assim vamos sendo conhecidos, querida!

E quanto ao nosso projeto de casamento?

Ainda estamos muito jovens, meu anjo. Há muito tempo ainda.

Eu sempre pensei, Ralph que o nosso casamento fôsse mais importante do que qualquer outra coisa.

O ACIDENTE COM OS SAPATOS DE LORINDA IRIA PREJUDICAR A DUPLA, OU IRIA ABRIR-LHES MELHORES CAMINHOS?

Foi grande nosso sucesso no "Clube Hibiscus" da Florida. Devido a isso, fomos contratados para um "Night Club" de Nova York. Quando chegamos lá...

Cuidado com a bagagem, carregador! Somos "Ralph & Lorinda" e vamos atuar no "Village Club", esta noite!

Ralph! Não fale tão alto!

Naquela tarde fomos ao "Village Club" Não era o que nos descrevera o agente...

Oh! Não podem fazer isto conosco! Isto é uma pocilga!

Não importa. Isto é Nova York e servirá conseguir melhor situação.

Ralph estava indignado, mas tivemos que assinar contrato, estreando naquela mesma noite. O clube pareceu melhor à luz dos candelabros. Nossa impressão melhorou e ficamos mais confiantes.

E, em meio de nossa exibição, um dos meus sapatos voou...

Lorinda! Está louca! Seu sapato se foi! Solte o outro, depressa, do contrário não dançará até o fim!

Sinto muito Ralph!

Minutos mais tarde alguém bateu à porta do meu camarim.

Aqui estão seus sapatos. Penso merecer uma recompensa. Aceita um passeio comigo depois do espetáculo?

Êle me pareceu muito bonito e tive pena em recusar.

Lamento muito, mas não posso. Muito agradecida por tudo.

Sou Mike Cornell e irei assistir ao "show" ainda. Você é muito BOA!

Enquanto Ralph e eu esperávamos nos bastidores o próximo número, eu disse a Ralph o nome do homem...

Não! Michael Cornell é um dos descobridores de artistas para a "Broadway"!

Oh! Lorinda, Sinto muito, Ralph!

Grupo feito por ocasião da inauguração do Movimento Pró-Cristiano Machado, vendo-se o candidato pessedista, o prof. Pereira Lira e numerosos elementos políticos presentes ao ato

MOVIMENTO PRÓ-CRISTIANO MACHADO

INAUGURADO O "BUREAU" SOB A ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR PEREIRA LIRA

COM a presença de grande número de sindicatos trabalhistas, próceres políticos e considerável massa popular, inaugurou-se, na Avenida Venezuela, o Movimento Pró-Cristiano Machado, que se destina a fornecer à imprensa o noticiário político relativo à campanha democrática, além de executar outras tarefas de propaganda do candidato das fôrças democráticas do Brasil.

Ao ato estêve presente o sr. Cristiano Machado, que pronunciou um discurso em resposta às palavras do prof. Pereira Lira, fazendo o elogio dos trabalhadores brasileiros e tecendo considerações de alta importância sôbre a política trabalhista que adotará no seu govêrno. O prof. Pereira Lira, ao dar por inaugurado o Movimento Pró-Cristiano Machado, disse do sentido democrático e patriótico da iniciativa, afirmando, entre outras coisas, que Cristiano Machado havia de ser vitorioso nas eleições de outubro, porque era um homem do povo e estava ao serviço das mais justas aspirações das massas brasileiras.

Depois do seu discurso, o professor Pereira Lira é abraçado pelo sr. Cristiano Machado

O candidato nacional foi vivamente aclamado pela multidão concentrada nas adjacências do "bureau", tendo percorrido, em seguida, diversos outros escritórios eleitorais que propugnam pela sua candidatura.

O sr. Cristiano Machado ouve a saudação do professor Pereira Lira

Outro grupo feito durante a solenidade de inauguração do Movimento

A RAINHA AMELIA DE PORTUGAL

QUANDO O POVO E A TROPA derrubou, em 1910 a coroa portuguêsa, implantando a República, os membros da família real lusitana foram banidos do solo pátrio, muitos dêles se refugiando em Paris. Repetira-se o mesmo que sucedera ao nosso bonissimo D. Pedro II. A França, país de onde recebemos as luzes da República e as liberdades democráticas do barrête-frígio através de movimentos populares contra o despotismo e a realeza, abria os braços de nação da mesma raça para receber os soberanos expulsos pela fôrça inesbarrável das transformações sociais Aqui vemos, em Bellevue, Versalhes, a rainha Amélia de Portugal, tia do príncipe Henrique de Orleans, conde de Paris, ao ser fotografada em sua residência da França. A rainha, que já completou os oitenta-e-cinco janeiros, é uma enamorada da terra que a acolheu com tanta fidalguia, havendo recusado regressar a Lisboa, quando o govêrno português, em fins de 1939, revogou as leis que a baniram da terra natal.

TUDO ISTO

O DECOTE DA MADONA

ACONTECEU em Roma, em fins de julho último. Uma elegante senhora, cujo nome não veio a público, entrara num restaurante de alto nível para fazer uma refeição. Próximo à mesa que tomara, estava uma outra ocupada por dois parlamentares do Partido Democrata Cristão, os srs. Scalfaro e Sampietro. Os dois legisladores não se contiveram diante do modêlo de vestido com que se exibia a senhora romana. O decote do mesmo era positivamente escandaloso. Mais parecia um dêsses trajes próprios para banho de sol... E passaram a censurá-la. Aquilo era uma afronta à sociedade italiana, ao decôro público. Ela não podia frequentar aquela casa metida em tais vestidos. Mas a senhora lhes replicou que não estava indecente, e sim êles é que estavam provocando escândalo em lugar público. Discutiram veementemente. Juntou curiosos e o dono do restaurante pediu por tudo que acabassem com o "show" improvisado e fora do cardápio. No dia seguinte, os senhores legisladores interpelaram o Ministro do Interior sôbre as medidas que o govêrno iria tomar para deter as modas que ofendem a moral e a dignidade dos cidadãos. Por sua vez

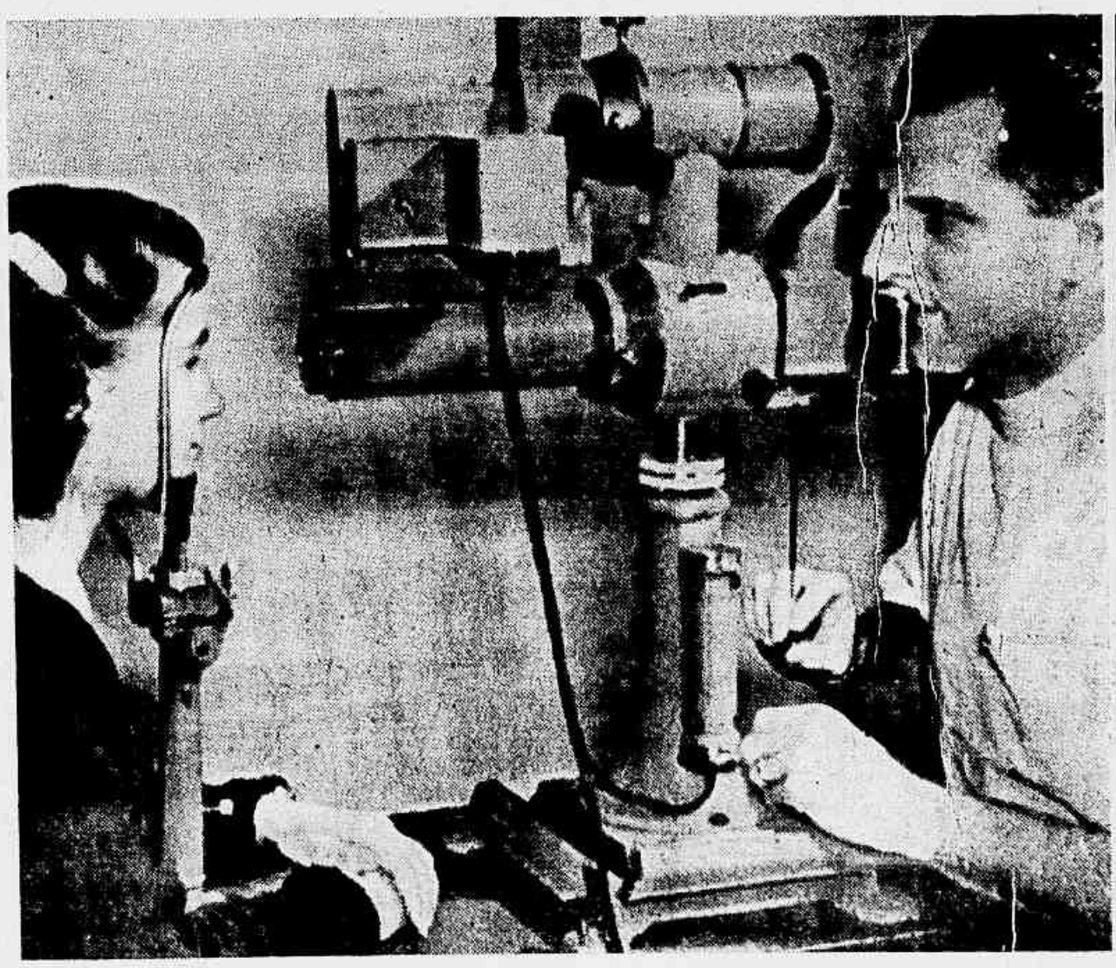
a dama entrou em juízo com uma ação contra o abuso com que agiram os senhores Scalfaro e Sampietro, que, com palavras de censura a vexaram em público, sem qualquer provocação sua. O rumoroso incidente está apaixonando a opinião italiana em geral e a de Roma em particular, dividindo-se as correntes. Muitos acham que um decote não pode escandalizar ninguém, uma vez que só olha quem quiser...

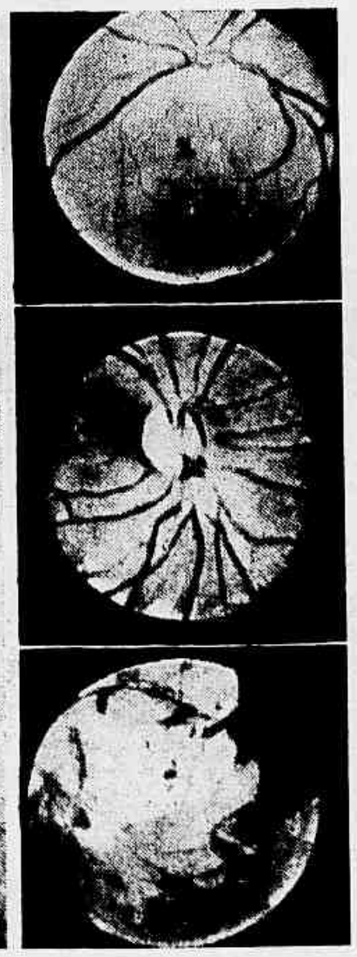
GENTILEZA DE GATUNO

NOSSO aparelhamento contra crimes e criminosos é ainda muito falho. Os larápios que andam à sôlta pelas ruas da cidade a punguear os menos precavidos, quando detidos em flagrante, ficam segregados da sociedade por alguns dias. A detenção serve para que êles façam novos planos de ataque, descansem um pouco dos azares da sorte e voltem novamente à função de "aliviar" dos transeuntes as pesadas carteiras cheias de notinhas de mil cruzeiros. Ao que parece a quadrilha mantém, em cada hotel, em cada banco, um espião prèviamente destacado para comunicar aos mais hábeis a "pinta" da futura vítima. Veja o leitor o que acaba de acontecer ao sr. Domingos Inácio. Estando hospedado no Hotel Paris, Praça da Independência (antiga Tiradentes), foi dar um giro pela cidade e retirar dinheiro do Banco Boavista, na Agência da Av. Rio Branco. Encheu o cheque e meteu na carteira oito mil cruzeiros. Saiu a andar e foi até à Av. Presidente Vargas, esquina com Primeiro de Março. Admirava o movimento intenso de veículos e pedestres, as novas construções que se levantam, a austeridade da Candelária, quando um cidadão lhe deu forte esbarro. Voltou-se para o mesmo enquanto êste todo mesuras lhe pedia desculpas: "Perdão, cavalheiro!

Queira desculpar!". Domingos Inácio correspondeu à gentileza e o desculpou. Era natural numa cidade como esta, de movimento intenso. Mas, ao tirar a carteira para umas compras, ficou lívido! Havia desaparecido! Fôra aquêle gentilíssimo ladrão! Corre à polícia. Lá, diante de uma galeria de celebridades de "mão suave", reconhece o gatuno: Joaquim de Oliveira. A polícia saiu no encalço do delinquente. Se pegá-lo, nada poderá fazer, pois não houve flagrante; se metê-lo no xadrez, logo o soltará por falta de "cômodos"...

ATÉ AGORA OS FISIOLOGISTAS e os oculistas tinham do ôlho humano em suas fases de saúde, afetação e perda total, idéias aproximadas, porém, ainda muito distantes da verdade. Isso porque os recursos de fotografia profunda em olhos de vivos e em pleno funcionamento ainda não eram possíveis. O estudo minucioso do aparelho visual só era possível sob o ponto de vista anatômico, tendo-se à mão e sob os petrechos científicos, os olhos de um morto; faltava, porém, um aparelho que fotografasse com absoluta nitidez os olhos de uma pessoa viva. Êsse milagre está sendo agora realizado em Rochester, Nova York, com uma máquina fotográfica de alta velocidade, obtida depois de dois anos de experiências e rebuscas. Por seu intermédio já é possível fotografar-se o interior de um ôlho, como vemos aqui, quando o médico dr. Anson Perina obtém o negativo na Clínica Strong Memorial, com sua secretária. À direita, de cima para baixo: fotografia de um ôlho são, uma outra de um ôlho com princípios de atrofia e, por último, um ôlho apresentando degeneração membranosa em virtude de miopia progressiva.





ACONTECEU

O MILAGRE DE OSWALDO CRUZ

QUANDO Rodrigues Alves assumiu o poder como Presidente da República, sua preocupação central não era a de cimentar o seu prestigio junto aos Estados. Seu pensamento se dirigia quase todo para a péssima situação da Capital Federal, dominada pelas endemias mortais que dizimavam a população. O pôrto do Rio de Janeiro era considerado "sujo" por tôdas as potências, e os seus navios ficavam ancorados longe do cais, impedida a tripulação e passageiros de saltar a terra. Variola, bulbônica, febre amarela...

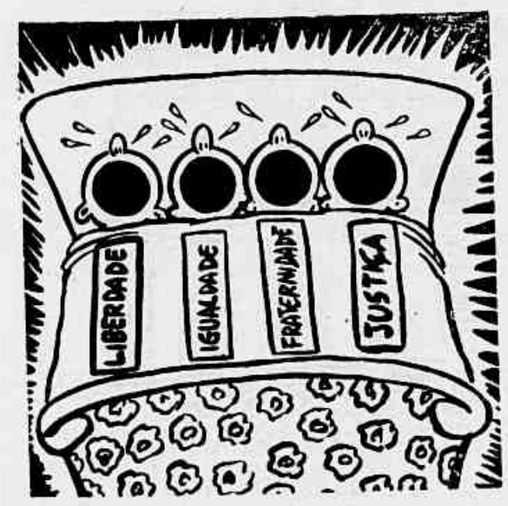
Rodrigues Alves tratou de mandar buscar na Europa alguns higienistas para salvar a Capital da República. Entretanto, de lá dos Institutos cientificos do Velho Mundo lhe responderam: "Vocês têm aí em Manguinhos um sábio, um higienista capaz de fazer o milagre que esperam dos médicos da Europa: Oswaldo Cruz".

O Presidente da República o nomeou. Amparado o jovem médico pelo Prefeito Pereira Passos e por Paulo de Frontin, deu-lhes o govêrno central carta-branca para agir. Mas a humanidade é cheia de incongruências e Oswaldo Cruz começou o seu grande martírio pelo pecado de ter procurado salvar o Rio. Foi vaiado, recebeu tiros em plena rua, foi atacado pela imprensa, pelos politicos adversários de Rodrigues Alves; por motivo da vacina obrigatória contra a variola, da campanha contra o mosquito transmissor da febre amarela e pelo extermínio dos ratos, portadores da bubônica, rebentou uma revolução militar. O govêrno resistiu e Oswaldo Cruz venceu. Lutou durante quatro anos contra a peste e a politica, outra espécie de epidemia contra o bom-senso. Passou a cinco de agôsto corrente o primeiro centenário de nascimento dêsse brasileiro a quem deve a Pátria o seu bem-estar. Onde está o seu monumento?

ORIGINAL APOSTA

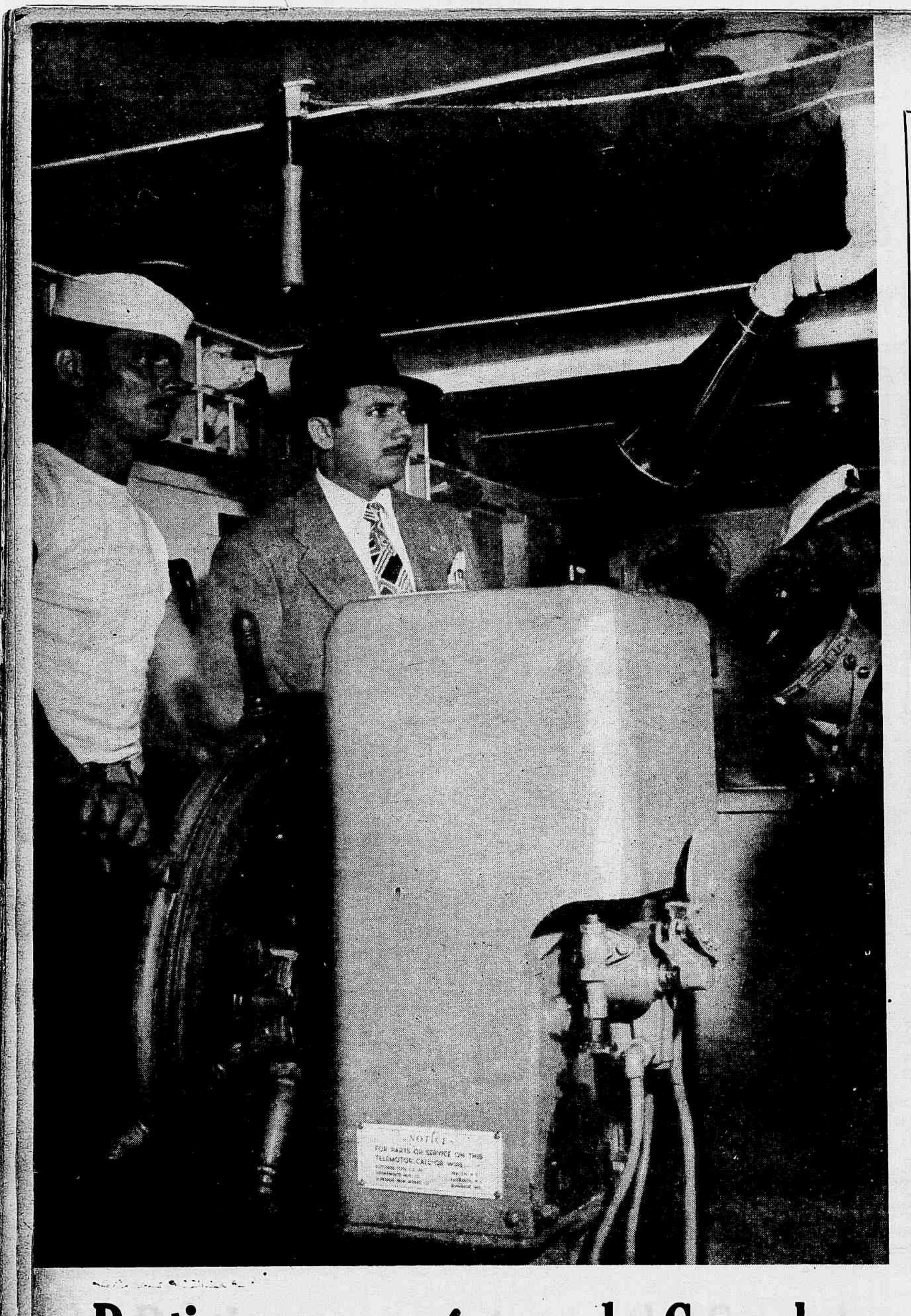
O IV Campeonato Mundial de Futebol foi fértil em episódios, uns cômicos, outros trágicos. No Uruguai, segundo os telegramas vindos de sua capital, morreram oito pessoas, vitimadas pela emoção ao ouvirem pelo rádio a consagração de seus patricios. No Rio morreu fulminado por um colapso cardiaco um outro cidadão, mas, já agora, pela noticia da derrota do nosso selecionado. Para compensar êsses fatos dolorosos, também houve alguns engraçados. No Recife, por exemplo, motoristas de uma emprêsa de ônibus, em número de vinte, se dividiram nas suas opiniões. Dez achavam que o Brasil iria ganhar a parada finalissima e empunhar a "Taça Jules Rimet", enquanto os outros dez estavam com palpite no team do Uruguai. Então decidiram fazer suas apostas. Mas, cadê dinheiro? Vale não valia, nem promissória para a qual não encontrariam avalistas idôneos. Que fazer então? Foi quando um dêles teve esta genial lembrança: "Apostemos as cabeleiras. Quem ganhar raspa a cabeça do que perdeu. E' mais econômico e uma prova de sacrificio". Posta em votação nominal em sessão aberta, sem segredos e contestações, foi aprovada a lembrança e os apostantes firmaram o acôrdo. No dia fatal para o Brasil, acompanhvm êles o desenrolar da pugna sensacional. Quando o Brasil meteu nas rêdes uruguaias o primeiro e único pelotaço, os que apostaram nos orientais passaram, instintivamente, a mão pela cabeleira lustrosa e basta. Mas, no empate, sentiram certo alivio. Quando o Uruguai venceu, já foram os outros que se despediram dos cabelos. E, no dia seguinte, apareceram aquêles *dez...cabelados* em seus veiculos, provocando hilaridade. Esportivamente ótimo.

DEU A' LUZ A JUSTIÇA



EM Smirna, Turquia, acaba de suceder um fato absolutamente inédito nos anais do mundo. Uma senhora teve um parto quádruplo e está passando muito bem. Mas o ineditismo não se refere à pluralidade dos recém-nascidos, coisa que se tornou um tanto vulgar, havendo mesmo partos quintuplos. A curiosidade está, porém, na lembrança que teve a parturiente ao dar nomes aos seus pimpolhos. Muita gente iria logo buscar nomes politicos entre as pessoas de destaque na República Turca. Para uma senhora sem recursos e que dá à luz quatro crianças de uma vez, reconheçamos que o caso assume proporções de verdadeiro drama. Assim, nada mais justo do que procurar-se amparo convidando padrinhos endinheirados para os meninos que se multiplicaram abusivamente e vieram perturbar o equilibrio de um lar com orçamento já um tanto desmantelado pelo alto custo da vida. Entretanto, não foi assim que pensou a senhora de Smirna. Achou ela que o mundo está precisando de boa filosofia, de confiança, de fé e não de padrinhos endinheirados. Para as três meninas e para o menino, escolheu então os nomes de: Liberdade, Igualdade, Fraternidade e Justiça. Pelo que parece, Justiça é do gênero masculino. Lá na Turquia, do contrário não iria ela batizar com um nome de mulher ao filho varão. Mas isso já é outro assunto. Dados os nomes aos bois, quer dizer, aos garotos, todo mundo aplaudiu a atitude da mãe filósofa numa época em que ninguém está muito crente nos postulados da Revolução Francesa, e sim no poder das armas. Até agora as meninas Liberdade, Igualdade e Fraternidade estão fortes e robustas, enquanto o menino de nome Justiça inspira sérios cuidados. Mais uma vez a Justiça corre perigo...

A CIDADE DE PARIS, como centro social, mundano e literário do mundo de ontem, de hoje e de amanhã, continua a atrair as atenções de todos, e, de quando em quando, se verificam episódios que são transmitidos para a imprensa de todos os paises, como assuntos de sensação. Aqui vemos a atriz Elizabeth Taylor, considerada pelos norte-americanos como "a mais bela espôsa do século". Elizabeth se casou, faz pouco mais de um mês, com Conrad Hilton Jr., e se nos mostra o seu vestido por ocasião do baile oferecido à alta sociedade parisiense, nos salões do Hotel Lambert daquela capital. Mas, como faz suspeitar pelo seu olhar, ela se desculpou dizendo: "E' a primeira vez que envergo um vestido de madame. Por isso — acrescentou — sinto-me um tanto embaraçada..."



Praticagem em águas da Guanabara

A vida do mar, por ser acessível a poucos, encerra aos olhos da maioria, mistérios e atrações que a cercam de um halo de ineditismo. E' o desejo de aventura que fala ao espírito inquieto do homem. Poucos, entretanto, conhecem o trabalho da maior parte dos anônimos homens do mar, para facilitar e render mais seguras as viagens marítimas. Entre as várias especialidades que compõem a complicada e fascinante profissão dos marinheiros, focalizamos uma, talvez a que passa mais despercebida, por se processar de maneira modesta e nada teatral. Move-nos o intuito de mostrar aos leitores patrícios algo que possa interessá-los sôbre as muitas atividades diárias que dignificam o esfôrço dos homens em benefício da coletividade. Escolhemos desta vez o trabalho dos Práticos do Pôrto, que na baía da Guanabara dirigem a atracação dos navios ao cais. Atividade interessante, que depende de muitos conhecimentos náuticos, calma excepcional, golpe de vista e audácia. Poderá parecer trabalho sem importância, pois os Práticos quase não falam, não chamam a atenção do povo com seus gestos, desincumbindo-se de sua tarefa quase escondidos aos olhos dos que viajam e dos que assistem às manobras no pôrto. A responsabilidade de seus atos é tanta que os absorve inteiramente, não lhes deixando tempo para pôses cinematográficas. E' deles que falaremos numa reportagem completa a saír em nosso próximo número. Do trabalho humilde dêsses bravos, daremos um relato fiel aos leitores da nossa próxima edição.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

A prataria gaúcha (Carlos Galvão Krebs) 4/7
Esportivamente foi um sucesso (João Telles) 14/15
Uma entrevista no chá das cinco (Carlos Tenório) .. 16/19
Êles serão padres amanhã... (Abdias Rodrigues) 22/25
A Guerra na Coréia destruirá a Cortina de Ferro?... 28/35

LITERATURA

Margaret conquista o coração do mundo (Wenceslau Rosa) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 12/13
Conflito (Yolanda C. R. Lorenzato) 20
Almas Torturadas (Ribamar Galiza) 36
A vida de Cleopatra 26

ATUALIDADES

Na véspera da morte de Giuliano (Renzo Triunfero) 52/53

CINEMA

Uma viagem ao redor do mundo 10/11

RADIO

Gregório Barrios, balzaqueano e espanhol de nascimento (Milton Salles) .. 21

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 8
A Personagem da Semana 8
Música 49
Palavras Cruzadas 50
Puxe pelo cérebro 51
Tudo isto aconteceu 56/57

FEMININAS

A vida começa aos 50 (Lyse) 37
Modelinhos 37
Simplicidade e elegância .. 38
Listras 39
Criações de Balenciaga 40
Gravatas e «echarpes» 41
Jóias modernas 42
De Hollywood 43
Week-end na cozinha 42/43

FOLHETIM

Lorinda, a bailarina apaixonada 56

HUMORISMO

Touradas (Théo) 9
A diferença fundamental (Nicodemus) 27

ILUSTRAÇÃO

OSWALDO DA CUNHA

BONECOS

RAFAEL

FOTOS

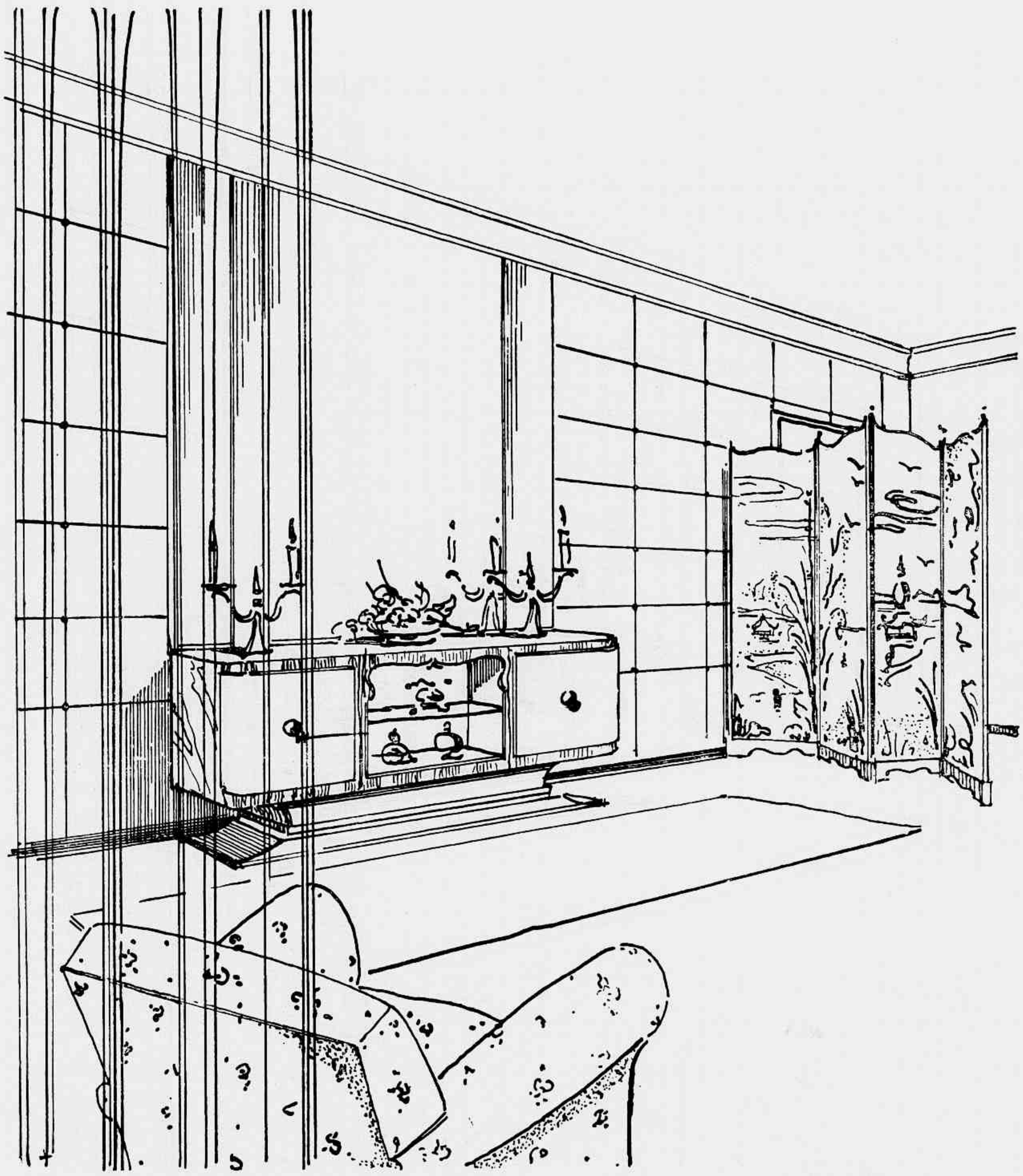
ARNALDO VIEIRA — NEWTON VIANA — ARNALDO VIEIRA JÚNIOR — JÚLIO VERNE BRODBECK

NA CAPA

ROSALIND RUSSEL
(Foto Columbia)

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Paulo Barreto.
2 — Silva Jardim.
3 — Duque de Caxias.
4 — José de Alencar.
5 — Por haver incendiado o Templo de Diana.
6 — Aprisionamento do navio brasileiro Marquês de Olinda.
7 — 13 de março de 1889.
8 — Lavoisier (Antoine Laurent).
9 — Por sua concepção do sistema cosmogônico.
10 — Grandes propriedades territoriais.
11 — Distâncias de um lugar dado em relação à linha do Equador.
12 — Lepidóptero.
13 — Igual (300 mil quilômetros por segundo).
14 — Reaumur.
15 — Cristian Huygens (holandês, 1656).
16 — Terra (ou serragem) e nitroglicerina.
17 — Chefe dos gladiadores romanos revoltados (71 A.C.).
18 — Desabamentos subterrâneos da crosta terrestre.
19 — Deficiência de insulina pelo Pâncreas.
20 — 90%.



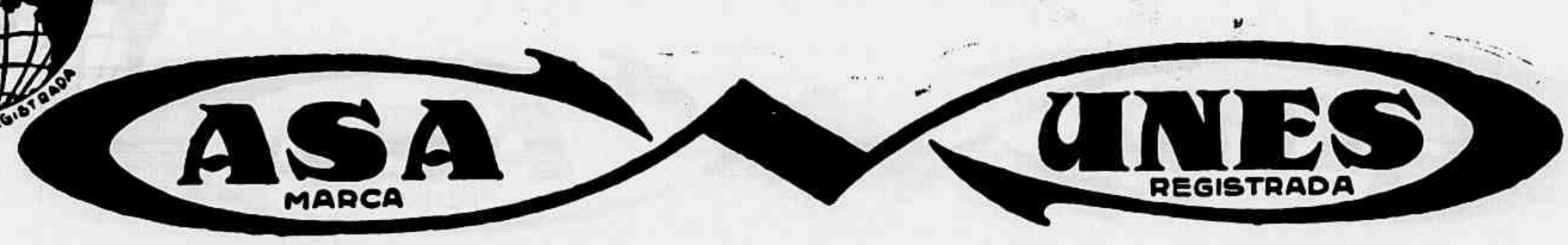
MOBILIÁRIOS E DECORAÇOES

Orçamentos executados por técnicos especializados

GRUPOS ESTOFADOS

para entrega imediata

TAPETES E PASSADEIRAS de todo o mundo,
fabricados especialmente para a



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

A Sociedade Hipica Brasileira, no Rio de Janeiro, é o ponto de reunião predileto dos amantes da equitação

Antes e depois da competição... cabe um Hollywood, o cigarro elegante por excelência. Hollywood torna ainda mais aprazíveis as horas de lazer. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados fizeram de Hollywood o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood!

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

SS.030-F